

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS – LINGÜÍSTICA**

ALESSANDRO NOBRE GALVÃO

**AS FORMAS NOMINAIS ANAFÓRICAS NO GÊNERO
FÓRUM DE DISCUSSÃO DO ORKUT**

**BELÉM
2008**

ALESSANDRO NOBRE GALVÃO

**AS FORMAS NOMINAIS ANAFÓRICAS NO GÊNERO
FÓRUM DE DISCUSSÃO DO ORKUT**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Letras – Lingüística – da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Eulália Sobral Toscano.

**BELÉM
2008**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –
Biblioteca do ILC/ UFPA-Belém-PA

Galvão, Alessandro Nobre

As formas nominais anafóricas no gênero fórum de discussão do orkut / Alessandro Nobre Galvão ; orientadora ,Maria Eulália Sobral Toscano.---- 2008.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Curso de Mestrado em Letras, Belém, 2008.

1. Lingüística.2. Análise do discurso. I. Título.

CDD-20.ed.410

ALESSANDRO NOBRE GALVÃO

**AS FORMAS NOMINAIS ANAFÓRICAS NO GÊNERO
FÓRUM DE DISCUSSÃO DO ORKUT**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Letras – Linguística – da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Eulália Sobral Toscano.

Banca Examinadora:

Prof^a.Dr^a. Maria Eulália Sobral Toscano (Orientadora)

Prof^a.Dr^a. Fátima Cristina da Costa Pessoa (Examinadora interna)

Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade (Examinadora externa)

**BELÉM
2008**

Agradecimentos

Aos meus **pais**, pelo apoio e incentivo aos meus estudos.

À Profª Drª. **Maria Eulália Sobral Toscano**, pela dedicação, pelas observações argutas e pela orientação descontraída durante o processo de construção deste estudo.

À Profª Drª. **Fátima Cristina da Costa Pessoa**, pela importante contribuição durante o momento da qualificação.

Aos meus amigos **Mariléia da Silveira Nobre** e **José Queiroz de Mirante Neto**, pela considerável ajuda na organização formal deste trabalho.

Àqueles **amigos** que, direta ou indiretamente, contribuíram para realização desta pesquisa.

À **Fundação e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)** que viabilizou a construção deste trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
INTRODUÇÃO	9
1 METODOLOGIA	14
1.1 DOS OBJETIVOS	14
1.1.1 Geral	14
1.1.2 Específicos	14
1.2 DO REFERENCIAL TEÓRICO	15
1.3 DA COMUNIDADE SELECIONADA	17
1.4 DOS FÓRUMS SELECIONADOS	19
1.5. DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	22
2 A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE COMUNIDADE	25
2.1 NOS ESTUDOS SOCIOLÓGICOS	26
2.2 NOS ESTUDOS DA APRENDIZAGEM SOCIAL E DA LINGÜÍSTICA APLICADA	30
2.3 NOS ESTUDOS SOBRE COMUNICAÇÃO MEDIADA POR COMPUTADOR	38
3 ORKUT: COMUNIDADE VIRTUAL DE RELACIONAMENTO	43
3.1 DA PÁGINA INICIAL	43
3.2 DO PERFIL DO USUÁRIO	45
3.3 DAS COMUNIDADES VIRTUAIS	47
3.3.1 Dos fóruns de discussão.....	51
4 O QUADRO TEÓRICO DA REFERENCIAÇÃO	65
4.1 O FENÔMENO DA REFERENCIAÇÃO	67
4.2 DINÂMICA DAS ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO NO MODELO TEXTUAL	69
4.3 O PROBLEMA DOS ANAFÓRICOS: PERSPECTIVA TRADICIONAL X PERSPECTIVA ATUAL	72
4.4 PRINCIPAIS ESTRATÉGIAS DE PROGRESSÃO REFERENCIAL	75
4.4.1 Remissão por formas nominais referenciais anafóricas.....	76
4.4.1.1 Nomes descritivos	76
4.4.1.2 Encapsuladores	79
4.4.1.3 Rotuladores metadiscursivos	80
5 ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO ANAFÓRICAS NO GÊNERO FÓRUM DE DISCUSSÃO DO ORKUT	85
5.1. FÓRUM “Professor Bomba!!!”	86
5.1.1 As descrições nominais.....	89
5.1.2 Os encapsuladores	94
5.1.3 Os rotuladores metadiscursivos	97
5.2 FÓRUM “Indignados!!!”	103
5.2.1 As descrições nominais.....	107
5.2.2 Os encapsuladores	112

5.2.3 Os rotuladores metadiscursivos	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS	127
ANEXOS.....	130

RESUMO

Neste trabalho, investigamos, no gênero Fórum de discussão do Orkut, a contribuição de estratégias de referência anafóricas com núcleos nominais, para a orientação argumentativa do texto. Para tanto, traçamos um percurso teórico em que discutimos conceitos como o de comunidade virtual, o de gêneros discursivos e o de referência. Com respeito à primeira categoria, convocamos os postulados da Sociologia, da Teoria Social da Aprendizagem e da Lingüística Aplicada, tendo em vista a construção de um conceito de comunidade virtual, aplicável ao caso das associações virtuais do Orkut. No que concerne à segunda categoria, baseamo-nos nos postulados teóricos bakhtinianos que concebem o gênero sob uma perspectiva sócio-histórica. Com relação à última, valemo-nos de autores da Lingüística de Texto que discutem o fenômeno da referência e seus desdobramentos. Adotamos a proposta taxionômica e analítica de Koch (2004; 2005; 2006) quando do tratamento das estratégias supramencionadas. Tais estratégias são compostas por descrições nominais, encapsuladores anafóricos e rotuladores metadiscursivos. A análise desses processos, em nosso *corpus*, foi balizada tanto pelas considerações sobre a referência, inscritas na Lingüística de texto, quanto pelas considerações sobre o estatuto dialógico dos gêneros, inscritas na Lingüística da Enunciação.

Palavras-chave: Comunidade virtual, Gênero discursivo, Fórum de discussão do Orkut, Propósito comunicativo, Estratégias de referência anafóricas com núcleos nominais.

ABSTRACT

In this work, we propose an analysis of some types of referenciation strategies that contribute for the argumentative orientation in the genre forum of discussion at Orkut. In doing so, we trace a theoretical route in which we discuss concepts as virtual community, genre and referenciation phenomenon. Concerning the first category, we take into account the theoretical postulates of Sociology, Social Learning Theory, and Applied Linguistics in order to propose a concept of virtual community that fits the virtual associations verified in the Orkut *website*. Concerning the second category, we based our observations, in the genre focused, on the theoretical postulates of Bakhtin (1999; 2003), Rojo (2005), and Rodrigues (2005). These authors define genre under a social and historic perspective. Regarding the last category, we consider authors from Textual Linguistics that discuss the referenciation phenomenon and its theoretical implications. We adopted Koch's (2004; 2005; 2006) taxonomic and analytical propose of the anaphoric strategies with noun heads. These strategies are noun descriptions, anaphoric encapsulations and metadiscursive labels. The analysis of such process in our *corpus* was based on both the postulates of referenciation, inscribed in the Textual Linguistics field, and on the considerations of the dialogic nature of genres, inscribed in the Linguistics of Enunciation field.

Key-words: Virtual community, Discursive genre, Forum of discussion at Orkut, Communicative purpose, Anaphoric strategies with noun heads.

INTRODUÇÃO

Quando Vinton Cerf¹ criou o protocolo TCP/IP², possibilitando a comunicação aberta entre diversas redes de computadores espalhadas ao redor do globo, mal podia imaginar que, com o advento da Internet (*interconnected networks*), haveria a proliferação de um sem número de gêneros capazes de redimensionar a maneira usual com que o ser humano tem se valido dos mecanismos da língua para interagir. De fato, esses *e-gêneros*³ (como são chamados por diversos pesquisadores) reúnem formas de expressão tais como texto, som e imagem, e isso implica diretamente na natureza dos recursos lingüísticos mobilizados. Podemos citar o caso do bate-papo virtual que se dá na base da escrita, mas é inovador por possibilitar uma comunicação síncrona. Estudos que se ocupam desse gênero apontam para o fato de ele mesclar estratégias e elementos tanto da modalidade oral como da escrita e se valer de múltiplas semioses.

Esse é apenas um exemplo para confirmar o fato de muitos postulados sobre o funcionamento da linguagem, afirmados antes do surgimento da Internet, precisarem ser revistos. E isso é justamente o que nos afirma Marcuschi (2005) quando especifica que um dos aspectos relevantes para o estudo dos *e-gêneros* é a “possibilidade que oferecem de se rever conceitos tradicionais, permitindo repensar nossa relação com a oralidade e a escrita” (p. 14).

Baseados no preceito de que essas formas virtuais de organização do discurso permitem ao ser humano criar e recriar a língua, consideramos imprescindível o investimento em pesquisas que se ocupem da análise e descrição desses *e-gêneros*, dada a sua proliferação no meio virtual, decorrente do avanço tecnológico dos suportes onde circulam. Mas os estudos sobre os *e-gêneros* necessitam ir além da investigação de aspectos ligados estritamente ao sistema lingüístico; eles precisam abranger a dimensão sócio-histórica, necessária para a compreensão dos fenômenos de linguagem que ocorrem nessas formas sociocomunicativas.

São, justamente, essas considerações que norteiam este trabalho. Nosso objetivo é contribuir para o avanço das pesquisas sobre gêneros virtuais e, ao mesmo tempo, contribuir para as discussões teóricas acerca do fenômeno da referenciação.

¹ Considerado o pai da Internet por ter arquitetado o sistema de comunicação entre redes TCP/IP.

² *Transmission Control Protocol/ Internet Protocol*.

³ Gêneros eletrônicos.

A proposta de analisarmos processos de referenciação nos fóruns de discussão do Orkut surgiu por ocasião da elaboração de um artigo no qual apontamos alguns indícios da relação oralidade-escrita nesse gênero. A partir da análise do *corpus*, notamos uma grande incidência de formas nominais referenciais anafóricas que, muito além de apenas integrarem porções textuais, revelam os propósitos comunicativos dos produtores dos textos ao mesmo tempo em que buscam a adesão de seus interlocutores àquilo que dizem.

Chamou-nos a atenção o fato de essas formas nominais apresentarem uma especificidade quanto a sua natureza anafórica e quanto a seu conteúdo semântico. No que concerne a essa natureza anafórica, identificamos dois aspectos importantes. O primeiro diz respeito à possibilidade de o referente de certas estratégias não se encontrar pontualizado, mas sim diluído no co-texto da mensagem postada no fórum. O segundo se refere a um aspecto curioso, talvez peculiar ao gênero fórum de discussão do Orkut, qual seja, a existência de formas nominais referenciais anafóricas cujos objetos referidos não se encontram pontualizados, nem diluídos no co-texto da mensagem onde essas formas se inserem, mas sim no co-texto de outra mensagem postada no fórum (movimento anafórico intermensagem). No que diz respeito ao conteúdo semântico, verificamos que ele revela a percepção dos participantes dos fóruns sobre o objeto discursivo a que ele remete, bem como orienta os interlocutores sobre como esse objeto deve ser interpretado.

Cientes de que essas observações preliminares não dariam conta de explicar toda a complexidade do fenômeno que estávamos observando é que nos propusemos a analisar, mais detidamente, o conjunto de estratégias de referenciação anafóricas com núcleos nominais, visando descobrir em que medida elas dizem dos propósitos comunicativos dos produtores do gênero fórum de discussão do Orkut.

Em suma, constituímos os fóruns de discussão do Orkut como nosso objeto de estudo por duas razões: primeiro, pela observação da recorrência de estratégias de referenciação anafóricas com núcleos nominais, resultantes da dimensão altamente argumentativa desse gênero; segundo, pela detecção da pouca ou quase ausência de estudos sobre o mesmo. Acreditamos que nossas observações possam contribuir para a discussão sobre referenciação e confirmem o poder inovador dos *e*-gêneros com respeito ao uso dos recursos lingüísticos. Mas, para levarmos a cabo esse empreendimento, tivemos que, primeiramente, delinear um percurso teórico que pudesse tratar, senão de forma exaustiva, pelo menos criteriosa, de nosso objeto de estudo. Como as investigações sobre linguagem e Internet são relativamente recentes, precisamos recorrer, em alguns momentos, a outros

lugares epistemológicos, para refinar nossas considerações. Feita a ressalva, passamos então à apresentação das partes que compõem este trabalho.

No segundo capítulo, propomos um conceito para a categoria Comunidade Virtual (CV). Consideramos essa definição de suma importância porque o gênero em foco é acessível aos usuários do Orkut, apenas quando agrupados em comunidades. Dito de outro modo, a interação por meio desse gênero só é possível quando os usuários desse *site* de relacionamento se associam em espaços virtuais específicos, categorizados como comunidades, as quais disponibilizam os fóruns. Como estamos também preocupados com aspectos concernentes à dimensão sócio-histórica do evento discursivo, faz-se necessária a descrição da comunidade onde se situam os fóruns, porquanto os temas, neles discutidos, não são escolhidos aleatoriamente; ao contrário, mantêm estreitas relações com a temática geral da comunidade que os abriga.

O fato de termos construído um capítulo tão extenso como esse que trata da categoria de comunidade se justifica em virtude de não dispormos de um referencial teórico sólido, adequado ao caso dos agrupamentos virtuais do Orkut. Os poucos trabalhos que encontramos são marcados por uma espécie de opacidade, ou melhor, de imprecisão quanto à discussão do conceito de comunidade. Pensamos, então: por que não nos abeberarmos de discussões teóricas sobre a categoria comunidade, verificadas em outros lugares epistemológicos, tais como a Sociologia, a Teoria Social da Aprendizagem e a Linguística Aplicada, com vistas a problematizarmos o conceito de comunidade e construirmos o de comunidade virtual? Foi justamente o que fizemos e, com base nessas discussões, propomos um conceito que dá conta das associações no Orkut. Nossa preocupação em visitar essas áreas do conhecimento humano homologa a natureza dialógica de nossa pesquisa: é por meio da interação com esses outros lugares que distinguimos e caracterizamos os agrupamentos virtuais onde circulam os discursos que analisamos.

No terceiro capítulo, descrevemos a estrutura geral do *site* Orkut como pretexto para analisarmos as associações virtuais que nele circulam, buscando verificar se elas têm ou não, estatuto de comunidades virtuais. Usamos, para efeito de ilustração, a comunidade virtual de onde extraímos nossos dados. Ainda nesse capítulo, tratamos da descrição e análise dos fóruns de discussão, pois, num nível micro, constituem-se como o mais importante objeto de nosso estudo. Como estamos trabalhando com a noção de gênero quando nos referimos aos fóruns, é importante a determinação do lugar teórico de onde enunciamos a respeito dessa categoria. Por conta disso, na subseção que trata desse artefato, abrimos uma breve discussão teórica, baseada nos postulados de Bakhtin (1999 e 2003), Rojo (2005) e Rodrigues (2005). O

fato de elegermos uma perspectiva sócio-histórica para o tratamento teórico dos fóruns deve-se a vários fatores, porém, o mais relevante deles repousa na questão de estarmos lidando com um fenômeno da ordem do discurso. Em outras palavras, acreditamos que, para compreendermos muitos fatos relativos ao fenômeno da referenciação, é preciso que levemos em conta aspectos da dimensão social e histórica dos fóruns coletados. Estamos nos referindo ao horizonte extraverbal do enunciado que envolve elementos como o tempo e o espaço históricos, os interlocutores e seus papéis sociais, os objetivos interlocucionais e a atitude valorativa dos participantes do evento enunciativo diante do objeto do discurso.

No quarto capítulo deste estudo, traçamos um panorama dos principais postulados que se ocuparam do fenômeno da referência nas línguas naturais até chegarmos à teoria da referenciação. No bojo dessa teoria, está uma visão de língua não-extensionalista, que especifica que o mundo não se encontra discretizado, cabendo a língua o papel de etiquetá-lo. Conforme as orientações de Marcushi (2004), a língua é um sistema simbólico e não ontológico.

O pressuposto geral da referenciação é o de que aquilo que a língua refere não passa de objetos-de-discurso (MONDADA; DUBOIS, 2003). Estes, por sua vez, são passíveis de transformação a cada novo lance do jogo comunicativo, o que lhes confere o estatuto de instáveis. Assim, entendemos a referenciação como uma atividade discursiva de base sócio-cognitiva, em que os produtores textuais criam objetos discursivos e configuram essas entidades conforme seu projeto-de-dizer.

Elegemos, como instrumento teórico para análise das estratégias de referenciação, o trabalho de Koch (2004; 2005; 2006), uma vez que, neles, essa autora propõe uma classificação acurada das estratégias com núcleos nominais, justamente especializadas em orientar argumentativamente os enunciados segundo a proposta enunciativa do produtor textual. Em atenção a nossos objetivos de análise, reorganizamos a proposta de classificação dessa autora e demos saliência apenas às estratégias com núcleos nominais, porque são as que recorrem nos fóruns coletados e assumem um papel importante tanto para a consecução do projeto-de-dizer do enunciador quanto para a adesão dos interlocutores ao estado de coisas construído no/pelo discurso. Essas estratégias são: descrições nominais definidas/indefinidas, encapsuladores anafóricos e rotuladores metadiscursivos.

No quinto e último capítulo, procedemos ao exame do *corpus*, demonstrando em que medida as formas nominais anafóricas concorrem para o atendimento dos propósitos comunicativos dos participantes dos fóruns analisados. Cabe ressaltar que nossa análise sobre os processos de referenciação, nas mensagens dos fóruns do Orkut, é balizada não só pelas

orientações inscritas na Lingüística de Texto, como também pelas orientações inscritas na Lingüística da Enunciação.

1 METODOLOGIA

A finalidade deste capítulo é a explicitação de todos os passos tomados para construção do presente estudo, desde os objetivos até os procedimentos de análise. Acreditamos que essa visão panorâmica promove um melhor entendimento das discussões empreendidas nos capítulos subseqüentes.

1.1 DOS OBJETIVOS

Como fora salientado anteriormente, o motivo que nos levou a propor este estudo se deu em virtude, principalmente, da observação preliminar, nos fóruns de discussão do Orkut, de uma grande incidência de estratégias de referenciação responsáveis por imprimir aos enunciados em que se inserem orientações condizentes com os propósitos comunicativos de seus produtores. Mas, para entendermos melhor toda a complexidade desse fenômeno, delimitamos os seguintes objetivos.

1.1.1 Geral

a) Contribuir para os estudos lingüísticos que investigam as práticas discursivas em língua portuguesa na Internet (fórum de discussão do Orkut), identificando o processo de construção textual a partir da referenciação anafórica.

1.1.2 Específicos

a) Analisar o conjunto de estratégias de referenciação anafóricas com núcleos nominais nos fóruns de discussão do Orkut, buscando demonstrar como elas refletem a atitude valorativa

dos produtores desse gênero sobre os objetos-de-discurso e, principalmente, como elas atendem seus propósitos interlocutivos.

- b) Propor um conceito de comunidade adequado ao caso das associações virtuais do Orkut, evidenciando a adequação desse conceito à comunidade objeto da pesquisa;
- c) Caracterizar o gênero fórum de discussão do Orkut;
- d) Definir a perspectiva de referência adotada, bem como a de anáfora;
- c) Identificar a natureza tipológica das estratégias recorrentes nos fóruns coletados;
- d) Apontar como o conteúdo semântico das formas nominais anafóricas revela a apreciação valorativa do produtor sobre o referente;
- e) Identificar o papel manipulador das estratégias de referenciação ora em foco;
- f) Explicar a motivação para o movimento anafórico intermensagem;
- g) Evidenciar as vozes que atravessam os enunciados, bem como o lugar discursivo de onde elas vêm;
- h) Salientar como a escolha do núcleo das estratégias de referenciação anafórica é orientada segundo os propósitos interlocutivos dos produtores do gênero sob análise.

1.2 DO REFERENCIAL TEÓRICO

O fato de estarmos lidando com um gênero que circula na mídia virtual nos levou a buscar trabalhos que se ocupam da descrição e análise dos *e*-gêneros. O primeiro estudo significativo que encontramos foi o de Marcuschi (2005). Com base em seus postulados, pudemos perceber que algumas dessas formas sociocomunicativas têm seu uso restrito a indivíduos agrupados em comunidades virtuais. Esse é exatamente o caso dos fóruns que estamos focalizando. Portanto, decidimos, para a construção deste trabalho, traçar um percurso teórico em que a primeira categoria a ser precisada tinha de ser a de Comunidade Virtual.

A leitura que fizemos de Marcuschi (2005) suscitou outras, de autores relacionados ao campo dos estudos sociológicos, tais como Tönnies (apud, ALDOUS, 1995), Weber (1987) e Hipólito (1992); de autores ligados, respectivamente, ao campo da Teoria Social da Aprendizagem e da Linguística Aplicada, tais como Wenger (1998) e Swales (1990); e de autores advindos de pesquisas sobre Comunicação Mediada por Computador (CMC), tais

como Jones (1997) e Rheingold (1993). Todos esses pesquisadores foram selecionados porque trabalham com a categoria de comunidade, ainda que com acepções diferentes, próprias do lugar teórico de onde falam. Com base em seus postulados, construímos uma proposta de definição de Comunidade Virtual aplicável aos espaços virtuais onde circulam os fóruns de discussão, objeto de nosso estudo.

Apesar de esclarecedor em alguns pontos, o trabalho de Marcuschi (2005) não nos pareceu o mais eficaz para explicar todas as especificidades do fórum de discussão, sobretudo porque sua proposta de análise dá mais saliência às propriedades estruturais dos *e*-gêneros e pouca ou quase nenhuma atenção a aspectos de ordem sócio-discursiva. Com base nisso, decidimos eleger, para a compreensão do gênero fórum de discussão do Orkut, os postulados bakhtinianos, especialmente porque levam em conta questões relativas às condições de produção e circulação dos gêneros. Com o propósito de dar conta das questões enunciativas, recorreremos aos trabalhos de Bakhtin (1999; 2003) e aos estudos de dois dos representantes do pensamento desse autor no Brasil, Rojo (2005) e Rodrigues (2005).

De fato, os elementos constituintes da abordagem sócio-histórica são imprescindíveis para a compreensão de muitos fenômenos não restritos à língua enquanto sistema. A nosso ver, o maior desses fenômenos é justamente o objeto de nossa principal ocupação neste trabalho, qual seja, o grupo de estratégias de referenciação anafóricas com núcleos nominais.

O último passo para levarmos a cabo nosso empreendimento foi o levantamento bibliográfico de estudiosos que se debruçam sobre o fenômeno da referenciação. Como estamos nos ocupando de um subconjunto desses processos, qual seja, anáforas com núcleos nominais responsáveis pela orientação argumentativa do texto, adotamos os trabalhos de Koch (2004; 2005; 2006) pelo fato de sua proposta de classificação se mostrar produtiva para o que estamos observando. Com base nos postulados dessa autora, formulamos, por questões metodológicas, um quadro descritivo das seguintes estratégias de referenciação: descrições nominais definidas e indefinidas, rotuladores metadiscursivos e encapsuladores anafóricos.

As considerações teóricas dessa autora sobre esse subconjunto de estratégias foram de grande valia para o desenvolvimento de nossa investigação, sobretudo porque nos apontaram, parcialmente, os caminhos a seguir quando do tratamento dos dados. Na verdade, buscamos, nesse trabalho, ampliar, a partir da inclusão de aspectos relacionados à dimensão sócio-histórica do gênero em foco, o modo como muitos estudiosos têm analisado os processos de referenciação.

1.3 DA COMUNIDADE SELECIONADA

A coleta dos fóruns que compõem nosso *corpus* foi uma das etapas mais delicadas desta pesquisa, uma vez que foi preciso eleger, antes de qualquer coisa, a comunidade do Orkut de onde extrairíamos nossos dados.

A opção pela comunidade “Letras e Arte UFPA” levou em consideração os seguintes critérios. Primeiro, por estarmos preocupados com a descrição e análise do português da Amazônia. Na verdade, pelo fato de ser uma comunidade relacionada a situações vivenciadas por indivíduos vinculados ao Centro de Letras e Artes (CLA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), supomos que o português que circula nessa comunidade possa ser considerado uma variedade do português da Amazônia. Segundo, por ter cursado a graduação em Letras na Universidade Federal do Pará e atualmente cursar o mestrado nessa instituição de ensino, o pesquisador tem conhecimento dos aspectos concernentes ao contexto sócio-histórico da produção discursiva. Isso é importante porque permitirá ao analista o refinamento da análise com base nos pressupostos contextuais.

No que diz respeito às características estruturais dessa comunidade, notamos alguns aspectos importantes. O primeiro deles se refere à quantidade de membros que a ela se vinculam: oitocentos e quarenta usuários do Orkut⁴. Percebemos que, senão todos, pelo menos a maioria desses indivíduos mantém algum tipo de vínculo institucional com a Universidade Federal do Pará, em particular com o Centro de Letras e Artes da UFPA.

Mas, o que exatamente nos leva a tal constatação? Em primeiro lugar, o texto de abertura da comunidade: “O mural virtual do curso de Letras e Artes da UFPA/Comunidade destinada à integração, troca e informações entre pessoas que se relacionam com o Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará”. Ora, sabemos que um dos principais motivos para que um usuário do Orkut se vincule a uma comunidade é justamente o fato de esse indivíduo se identificar como sua temática, isto é, partilhar do objeto simbólico ali oferecido⁵. No caso do texto de abertura, vemos que ele se direciona justamente a usuários do Orkut que têm algum tipo de vínculo *offline* com o CLA da UFPA. O segundo indício em que nos baseamos para sustentar o vínculo institucional dos membros da comunidade com a UFPA diz respeito ao fato de, nos fóruns que coletamos, quais sejam, “Professor Bomba!!!” e “Indignados!!!”, a maioria dos participantes evidenciar sua condição de alunos vinculados

⁴ Até o momento em que essa comunidade foi consultada para construção deste trabalho.

⁵ Essa questão será mais bem explorada no capítulo 2 deste trabalho, quando da definição do conceito de Comunidade Virtual e sua aplicação ao nosso objeto de estudo.

à UFPA. Para exemplificarmos isso, vejamos esse trecho retirado do “Professor Bomba!!!”: (FPB/MSG4/D) “Acho a proposta de ‘A’ muito boa, podemos usar esse espaço para que os professores entendam que *como acadêmicos*, precisamos do compromisso, que muitos não tem [...]”. A expressão em itálico denuncia justamente o vínculo acadêmico do produtor e de seus interlocutores com a UFPA.

Há também a participação de sujeitos que “falam” e são reconhecidos pela posição de docentes que ocupam no mundo *offline*. Vejamos outro trecho retirado do “Indignados!!!”: (FI/MSG27/A) “O luto, *prof. ‘G’*, não é por causa da Senhora e do prof. Henri, mas por causa do processo eleitoral [...]”. Nessa passagem, fica evidente a participação de um docente do CLA na discussão, porquanto o endereçamento da mensagem refere o lugar onde o produtor coloca seu interlocutor.

Quanto a aspectos ligados ao gerenciamento da comunidade em foco, constatamos que ela apresenta um dono e cinco mediadores. Isso significa que as decisões sobre expulsão de membros ou exclusão de mensagens dos fóruns não são exclusivas do criador dessa comunidade, pois os mediadores também têm poder de decisão sobre essas questões.

No que se refere ao modo de ingresso na “Letras e Artes – UFPA”, basta que um usuário do Orkut entre na página dela e clique no *link* “participar”. Imediatamente, esse usuário passa a ser membro, já que, por ser do tipo “pública”, não há necessidade de seu dono aprovar solicitações de aspirantes a membros.

Um último aspecto relacionado às características estruturais da comunidade, objeto de nossa investigação, diz respeito à impossibilidade de seus membros postarem mensagens nos fóruns, na condição de anônimos. Por causa disso, esses sujeitos estão mais suscetíveis a terem suas faces e as dos indivíduos que referem expostas durante as discussões geradas nos fóruns.

A maioria dos trabalhos que se ocupa da descrição dos *e*-gêneros afirma que as interações no ciberespaço se dão numa condição de simetria, entretanto, como na comunidade “Letras e Artes – UFPA” seus membros mantêm, no mundo *offline*, uma relação muitas vezes de ordem hierárquica, essa relação é, não raramente, importada para o ambiente virtual onde se desenrolam as discussões. Assim, se compararmos essa comunidade com outras que circulam no Orkut, ela tem o diferencial de ser “habitada” por indivíduos que, potencialmente, interagem no mundo não-virtual (dependências da UFPA). Indivíduos que podem ser colegas de turma, podem ser alunos de um professor participante dos fóruns, podem ser bolsistas de um determinado projeto de pesquisa, podem ser orientandos e orientadores. Por isso,

acreditamos que, em alguns casos específicos, essas prováveis relações *offline* impõem restrições no que dizer e no como dizer desses participantes.

A propósito, observe-se o fórum “Indignados!!!”, em que entram em jogo dois aspectos importantes que fazem pressão sobre os participantes: eles estão interagindo com indivíduos que, no mundo *offline*, ocupam lugares sociais de professores e alunos; eles são profissionais e estudantes da área de Letras. Daí a preocupação, em alguns casos, em usar o registro culto da língua, bem como em salvaguardar suas faces e as de outros.

Em suma, consideramos que, nos fóruns de discussão dessa comunidade, os temas debatidos, os papéis sociais dos participantes, bem como seus posicionamentos ideológicos são aspectos importados do mundo social (no qual esses sujeitos se acham organizados) existente fora do ciberespaço, porém, consideramos pouco provável que as discussões, verificadas nesses fóruns, aconteçam, no mundo *offline*, da maneira sistemática como se dão no meio virtual.

No que concerne à razão de ser da comunidade em foco, pressupomos, pela observação da nota de abertura reproduzida anteriormente, que é a ocorrência do sintagma “troca de idéias” que estimula os membros para debates e exposições de pontos de vista. Isso, de certa forma, distancia a função dessa comunidade de ser mero “quadro de avisos”, tal como sugerido pela categorização “mural virtual”.

As informações até aqui providas servirão de base para a compreensão de fenômenos de ordem lingüístico-discursiva analisados nos fóruns de discussão, objeto desta pesquisa, especialmente porque partimos de uma perspectiva que considera as condições sócio-históricas da produção discursiva nesse gênero.

1.4 DOS FÓRUNS SELECIONADOS

É grande a quantidade de fóruns hospedados na comunidade “Letras e Artes – UFPA”. O maior desafio para o empreendimento deste trabalho foi justamente escolher quais deles comporiam nosso *corpus*. Decidimo-nos pelos fóruns “Professor Bomba!!!” e “Indignados!!!”.

Essa escolha foi balizada por dois critérios: a temática desses fóruns suscita polêmica e seu corpo é composto por um número superior a vinte mensagens. Na verdade,

estamos supondo, com esses critérios, duas coisas. Primeiro, que a polêmica instaurada nesses fóruns pode repercutir na incidência das estratégias de referência ora focalizadas, e segundo, que quanto maior o número de postagens no fórum, maiores as chances de nos depararmos com essas estratégias.

Mas, o que nos fez determinar que estes e não outros fóruns fossem mais polêmicos? Certamente, orientamo-nos por alguns fatores, entre eles, o conteúdo referido na proposta de abertura dos fóruns “Professor Bomba!!!” e “Indignados!!!”, e a natureza argumentativa das mensagens postadas pelos participantes. Para um melhor entendimento dessa questão, consideramos pertinente darmos a conhecer os aspectos mais gerais e, depois, os mais específicos de cada fórum selecionado⁶.

Podemos dizer que os fóruns que compõem nosso *corpus* têm, em comum, o fato de sua temática de abertura eleger um conjunto de enunciados ou fatos relacionados à vida social dos membros da comunidade “Letras e Artes – UFPA”. No caso do “Professor Bomba!!!”, eles tiveram problemas, no primeiro semestre de 2006, com alguns professores do CLA. No caso do “Indignados!!!”, esses membros, na condição de discentes de Letras, tiveram seu poder de decisão eleitoral neutralizado, devido a uma fórmula que possibilitou a somente uma categoria, a dos técnicos-administrativos, eleger os diretores do CLA em 2006. Acreditamos que esses fatos, por estarem em evidência no contexto sócio-histórico imediato desses alunos, são o “estopim” para a deflagração da polêmica nos fóruns e, conseqüentemente, levam-nos à produção de enunciados (mensagens) marcadamente argumentativos.

A segunda consideração que podemos fazer quanto aos dois fóruns selecionados concerne ao fato de haver, na discussão, um participante que enuncia da posição social de docente do curso de Letras da UFPA. Esse participante é o mesmo que se manifesta tanto no “Professor Bomba!!!” quanto no “Indignados!!!”. A análise que fizemos das mensagens postadas nos indica que sua presença e, principalmente, a imagem de professor que ele projeta nas discussões, afeta consideravelmente os posicionamentos dos participantes de ambos os fóruns.

Agora, convém explicitar as características que individualizam os fóruns sob análise. Começaremos pelo “Professor Bomba!!!”.

O primeiro aspecto que podemos salientar sobre esse fórum diz respeito ao seu tema de abertura. Trata-se de uma convocação, ou melhor, de uma “intimação” para os

⁶ Não é nosso objetivo caracterizarmos os fóruns de maneira detalhada nesta subseção, uma vez que isso será feito no capítulo 5, deste trabalho.

membros da comunidade “Letras e Artes – UFPA” apontarem e criticarem os professores do Centro de Letras da UFPA que, no primeiro semestre de 2006, tiveram uma conduta repreensível do ponto de vista acadêmico.

Podemos dizer que os propósitos comunicativos do criador do “Professor Bomba!!!” não foram acatados por todos os membros da comunidade, levando-se em conta o fato de alguns participantes da discussão questionarem a legitimidade do fórum. Veja-se o seguinte trecho que comprova tal observação: (FPB/MSG2/B) “Não, não acho legal usar esse espaço (referência ao próprio fórum) pra criticar os professores”. Surge então uma polêmica que suscita dois principais posicionamentos ideológicos da parte dos participantes: um contra o fórum e outro a favor dele. A polêmica é instaurada pelo próprio título do fórum que categoriza os professores ali citados como “bombas”.

Com relação à quantidade de participantes nesse fórum, constatamos, até a data em que o mesmo foi colhido no ciberespaço, um número de vinte e dois. A análise do conteúdo das mensagens postadas nos apontou para o fato de boa parte desses sujeitos enunciarem da posição social de discente de Letras. Aliás, isso é algo explicitado pelo criador do fórum já no tema de abertura. Esse sujeito enuncia e coloca seus interlocutores na mesma condição: (FPB/MSG1/A) “Usemos esse espaço aqui em baixo p falar das ‘bombas’ q foram *nossos* queridos professores neste semestre”. Verificamos que apenas um dos interactantes enuncia da posição social de docente.

Agora passemos ao “Indignados!!!” e suas características mais gerais. Esse fórum foi criado com o propósito de levar os membros da comunidade “Letras e Artes – UFPA” a discutir o modelo/processo eleitoral que elegeu os diretores do CLA no ano de 2006. Não dispomos de muita informação sobre o tema de abertura desse fórum, posto que seu criador o excluiu. Nosso conhecimento sobre a proposição do fórum advém da referência feita a essa pelo enunciado de um participante da discussão: (FI/MSG2/B) “Foram os funcionários que decidiram a eleição. Mas será que 31 de funcionários sabem o que é melhor para nós, discentes e docentes?”. Na verdade, o foco principal da discussão gira em torno do fato de a categoria técnico-administrativa ter decidido as eleições daquele ano, e não, as outras duas categorias da universidade, quais sejam, discente e docente.

A polêmica, no fórum, é instaurada quando um dos participantes discorda da orientação argumentativa proposta pelo fórum e parte para a defesa da legitimidade do modelo utilizado na eleição: (FI/MSG2/B) “[...] galera, acho que o peso do voto dos técnicos e professores é justo ser igual ao nosso, apesar dos riscos serem maiores pra eles e não pra gente [...]”.

Constatamos que essa polêmica ganha outro direcionamento no fórum quando, em determinado ponto da discussão, outro participante insinua que a chapa vencedora da eleição “armou” para ganhar o pleito. Isso contribui para o estabelecimento de dois principais posicionamentos detectáveis nos discursos dos participantes: um contra a idoneidade do pleito (sutilmente a favor da chapa derrotada com maior número de votos dos discentes e docentes) e outra a favor dessa idoneidade (sutilmente a favor da chapa vencedora, com maior número de votos dos técnicos).

No “Indignados!!!”, participam, até o momento em que o mesmo foi acessado para a composição deste trabalho, um número de doze sujeitos. Praticamente todos enunciam da posição social de discentes de Letras, à exceção de um, que enuncia da posição de docente, membro da chapa que venceu a eleição.

Gostaríamos de chamar a atenção para o fato de, em ambos os fóruns, haver mensagens cujos produtores não preencheram o campo “título da mensagem”. Cientes disso, ao utilizarmos essas mensagens em nossa análise, rotulamo-las com o termo “sem título”.

1.5. DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Fizemos uma varredura nos fóruns coletados de maneira a identificar estratégias de referência anafóricas com núcleos nominais. Em seguida, levamos a cabo as seguintes etapas: identificação da natureza tipológica das estratégias (se descrições nominais definidas/indefinidas, se rotuladores metadiscursivos, se encapsuladores anafóricos); seleção das ocorrências mais significativas de cada estratégia; e, por fim, análise da função textual-interativa desempenhada por essas ocorrências nos fóruns observados, tendo em vista as condições sócio-históricas da produção discursiva. A propósito, decidimos, por questões de ordem teórico-metodológicas, analisar os fóruns separadamente, apontando, em cada caso, o funcionamento das estratégias supramencionadas.

Com respeito à análise, é importante frisar que ela não é de natureza quantitativa e sim, qualitativa. Importa-nos, portanto, não o número de estratégias, mas aquelas cujo núcleo reflete, mais nitidamente, os objetivos interlocutivos dos participantes do fórum, a tentativa de manipulação do leitor e a relação com vozes internas ou externas ao fórum. De fato, escolhemos aqueles mecanismos mais representativos do conjunto de estratégias que figuram

em nosso *corpus*. Como não foi nossa pretensão uma análise exaustiva, consideramos que a discussão de, no mínimo, três casos de cada estratégia, em cada fórum, seja suficiente para os objetivos desta pesquisa.

Nossa análise, conforme dito anteriormente, foi baseada nos trabalhos de Koch (2004; 2005; 2006), nos postulados de Bakhtin (1999; 2003) e nos de autores representantes do pensamento bakhtiniano no Brasil, tais como Rojo (2005) e Rodrigues (2005). A seleção desse arcabouço teórico foi de suma importância para o tratamento dos dados, uma vez que, considerando a referenciação como um fenômeno da ordem do discurso, não podíamos dar um enfoque apenas taxionômico⁷ às estratégias observadas. De fato, acreditamos que o funcionamento desses processos se dá na base da articulação de aspectos ligados à língua enquanto sistema e de aspectos ligados ao contexto sócio-histórico.

Com respeito ao tratamento dos dados, optamos por substituir os nomes dos participantes dos fóruns por letras do alfabeto (observando-se as diversas postagens de um único participante), e substituir os nomes dos indivíduos referidos no corpo das mensagens por nomes fictícios. Essa substituição objetiva livrar os sujeitos envolvidos e referidos, direta ou indiretamente, nos fóruns coletados, de qualquer espécie de constrangimento, já que, como enfatizamos, boa parte desses indivíduos possui algum tipo de vínculo com a UFPA.

Apesar de todo esse cuidado, não podemos garantir que esses sujeitos não sejam identificados pelo leitor deste trabalho, por meio de procedimentos inferenciais. Somos cientes desse problema, mas não poderíamos descartar tais fóruns por conta do seu grande valor enquanto objeto de análise lingüístico-discursiva e, mais precisamente, por sua produtividade quanto à incidência das estratégias de referenciação, objeto de nosso estudo.

No que diz respeito à referência que fazemos às mensagens, quando de sua análise, criamos um sistema com as seguintes notações: (FPB/MSG4/D) = fórum “Professor Bomba!!!”, mensagem 4, participante D; (FI/MSG9/B) = fórum “Indignados!!!”, mensagem 9, participante B. Isso facilitará ao leitor a identificação das mensagens no *corpus*, disponibilizado em anexo.

Resolvemos repetir, quantas vezes for necessário, as mensagens que se constituem como destinatárias de outras mensagens. Trata-se do que chamamos interação localizada. Consideramos que, com esse procedimento de unir as mensagens em relação dialógica pontual, estamos facilitando a compreensão do processo de referenciação analisado.

⁷ A nosso ver, um enfoque taxionômico é aquele que se preocupa em determinar a configuração morfológica e a função das estratégias, não dando atenção devida a aspectos concernentes ao contexto sócio-histórico da produção discursiva.

Um último ponto a ser especificado sobre o tratamento dos dados diz respeito a sua apresentação visual. Buscando sermos fiéis às configurações estilísticas e composicionais das mensagens postadas nos fóruns, não eliminamos as letras maiúsculas que sinalizam ênfase, os encurtamentos, os alongamentos, os desvios de norma culta, o negrito, etc. Utilizamos apenas o recurso do negrito para destacar, no corpus, as estratégias de referência sob análise.

2 A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE COMUNIDADE

A categoria comunidade, há muito tempo, tem sido objeto de estudo da Sociologia. No interior dessa área de conhecimento, as várias propostas de definição desse termo sempre apontam para mais de um sujeito compartilhando valores simbólicos uns com os outros. Mas o ponto central dessas propostas diz respeito à variabilidade de critérios que ora focalizam a necessidade de haver um espaço geográfico comum, para que se constitua uma comunidade, ora focalizam o sentimento de comunhão e solidariedade que deve existir entre os membros da comunidade.

Baseada num ou noutro critério, ou por vezes nos dois, a maioria dos pesquisadores que se dedica ao estudo das formas de comunicação mediada por computador (CMC) descarta a possibilidade das associações de sujeitos, no ciberespaço, serem casos de formação de comunidades, justamente por lhes faltar o espaço geográfico comum. Ora, se na própria Sociologia não há consenso quanto à definição de comunidade e, se nem todos os pesquisadores sustentam o critério do espaço geográfico comum, não vemos por que desconsiderar a possibilidade de haver no ciberespaço casos de comunidades virtuais (CV).

Para entendermos melhor essa questão, vamos, a seguir, revisar os principais modelos teóricos da Sociologia que se ocupam da categoria comunidade, salientando a variabilidade de critérios para o tratamento do termo e focalizando aquilo que cada proposta determina como critério principal quando da análise da categoria. Como essa questão não é exclusiva dos estudos sociológicos, consideramos prudente e necessária uma revisão teórica de outros lugares epistemológicos que apresentam um modo particular de concepção da categoria comunidade. Estamos nos referindo à proposta de Wenger (1998) e à de Swales (1990). A primeira está ligada às pesquisas sobre a aprendizagem social da linguagem, e a segunda, aos estudos sobre o ensino-aprendizagem de línguas.

Esse percurso teórico possibilita-nos discutir os critérios que definem comunidade e eleger aqueles que caracterizam a comunidade que se forma no ciberespaço. Para isso, é preciso que mostremos quais aspectos das teorias não conseguem explicar as associações no mundo virtual. Em outras palavras, não podemos desconsiderar o que foi já dito sobre o objeto comunidade, sob pena de incorrerem em contradições quando do tratamento dessa categoria no ambiente virtual. É claro que não somos os primeiros a refletir sobre comunidade virtual; essa discussão remonta a Rheingold (1993), o primeiro pesquisador a introduzir o termo no cenário das pesquisas sobre CMC.

2.1 NOS ESTUDOS SOCIOLÓGICOS

No campo da Sociologia, um trabalho que se tornou referência, a respeito da discussão sobre a categoria comunidade, foi *Gemeinschaft und Gesellschaft* (TÖNNIES, 1885, apud ALDOUS, 1995). Os dois vocábulos do título do livro são traduzidos mundialmente como Comunidade e Sociedade e eles se justificam porque o objetivo dessa obra é o de estabelecer as bases semânticas para compreensão do conceito de comunidade a partir da contraposição com o de sociedade. Para termos uma visão panorâmica dessa obra, recorreremos aqui a uma resenha que Durkheim escreveu sobre a mesma. Tal resenha faz parte do artigo de Aldous (1995), no qual este autor propõe um contraponto entre as idéias de Durkheim e Tönnies.

Para Tönnies (1885, apud ALDOUS, 1995), há duas formas de sociabilidade, que são a organização em comunidade e a em sociedade⁸. Elas, por sua vez, apresentam diferenças consideráveis, mas podem apresentar pontos de contato, pois o autor mesmo reconhece que é possível encontramos muito de *Gemeinschaft* em *Gesellschaft*. Mas qual é de fato a natureza de ambas as formas de sociabilidade?

Gemeinschaft consiste numa unidade coesa em que não é possível a decomposição em partes. Não se pode pensar aqui nesse conceito como uma coleção de indivíduos com aspirações individuais, pois isso pressuporia algo heterogêneo e não é o caso. As decisões são tomadas em conjunto e implementadas por um dos membros que seria o representante do todo.

Para Tönnies, os indivíduos se unem por meio de um acordo tácito. Eles desejam coisas comuns e se agregam numa espécie de mutualismo uníssono. Esse acordo não é algo deliberado e consciente, ao contrário, ele nasce do estado de espírito dos indivíduos como se fosse um vegetal se desenvolvendo espontaneamente. A unidade é algo dado, ou seja, já está ali desde os antepassados da comunidade e foi deixada pela tradição.

Como não existe individualidade na *Gemeinschaft*, não existe propriedade privada e, portanto, a posse é coletiva.

⁸ A palavra “sociedade” tem diversos sentidos relacionados e por vezes próximos. Ela pode referir um modo particular e estilizado de comportamento (alta sociedade); pode designar um segmento de pessoas com interesses comuns (Sociedade Internacional de Metafísica); pode referir a estrutura básica da vida da nação (sociedade canadense) (ver SCHIMITZ, 1995, apud RHEINGOLD, 1993). No caso específico de Tönnies (1885, apud ALDOUS, 1995), o autor a utiliza como uma espécie de tendência de organização que opera sobre o agrupamento social moderno. Essa tendência implica a individualidade, o que é construído ou conseguido individualmente.

A base da *Gemeinschaft* está na família, pois é nela que encontramos os laços de consangüinidade que provocam tal coesão. Sobre essa questão, Tönnies (1885, apud ALDOUS, 1995) enfatiza que as associações, de um modo geral, ocorrem porque cada sujeito partilha de características iguais, ou seja, do mesmo caráter biológico. Daí surgem todas as outras formas de sociabilidade verificadas no meio social. Mas apesar de principal, esse não é o único elemento para constituição de relação comunal. Além dele, temos o fato de os indivíduos conviverem num mesmo espaço social e disporem de um conjunto de memórias que perpetuam seus costumes e sua tradição. Este último aspecto dá origem às associações políticas, econômicas e religiosas em que se acham aqueles que desempenham as mesmas funções, têm as mesmas necessidades.

Ocorre que por um processo natural, as relações entre os membros de uma família se estendem para os da família vizinha e, desse modo, começam a surgir outros tipos de comunidade que não se sustentam mais num núcleo primário (familiar).

É dessa forma que surge a segunda forma de sociabilidade que é a *Gesellschaft*. Ela consiste num “círculo de homens” que apesar de dividirem o mesmo espaço geográfico, não estão ligados entre si, como no caso da *Gemeinschaft*. Impera na *Gesellschaft* a distinção e a individualidade. É cada um por si e há um estado de tensão constante entre as partes. Há relações de poder muito bem demarcadas e elas se dão por meio de um contrato, dessa vez, deliberado. É interessante observar aqui o fenômeno da reciprocidade, pois ninguém faz favor a outrem se não obtiver algo ou serviço em troca. Como o próprio Tönnies (1885, apud ALDOUS, 1995) explicita, a desistência de uma propriedade só se explica pelo lucro.

O autor enfatiza ainda que a *Gesellschaft* nasceu da *Gemeinschaft* por um processo natural de expansão dos agregados comunais. A partir do momento em que essa expansão ocorre, o intercâmbio das mentes, que só é possível nos pequenos grupos, se dissolve assim como a integração mútua. Dito de outro modo, quanto mais a sociedade se expande menor é seu peso sobre o indivíduo, o que contribui para o afrouxamento das relações sociais. Outro aspecto da *Gesellschaft* diz respeito à implantação de leis deliberadas. Na *Gemeinschaft*, os indivíduos obedecem inconscientemente a leis que eram intrínsecas à comunidade e seu comportamento era regido por crenças que reinavam pela tradição. Na *Gesellschaft*, a ciência, com seus múltiplos objetos, dará conta da explicação de fenômenos de maneira “objetiva”, desvinculada de qualquer misticismo.

Essa análise dicotômica das formas de sociabilidade suscitará críticas de alguns estudiosos. Durkheim (1889, apud ALDOUS, 1995), em sua resenha, concorda que há dois tipos principais de formas de sociabilidade e que a *Gesellschaft* nasce da *Gemeinschaft*, mas

não aceita a idéia de que a primeira seja formada de maneira não natural, como um agregado que se forma mecanicamente pelo gerenciamento do Estado. Segundo ele,

[...] toda a vida de grandes aglomerações sociais é tão natural quanto a de pequenas agregações. Ela não é menos orgânica nem menos internamente ativada. Para além das ações puramente individuais, há, em nossas sociedades contemporâneas, um tipo de atividade coletiva que é tão natural quanto as das sociedades menos extensas dos dias do passado (p. 118).

Outra crítica freqüentemente vista na Sociologia é a de que essas formas de sociabilidade são puramente ideais, não tendo o método de análise qualquer base empírica; além disso, ainda sob o ponto de vista de Durkheim, Tönnies (1885, apud ALDOUS, 1995) “pinta” a sociedade dos grandes aglomerados, ainda que não explicitamente, como algo nefasto, uma vez que os indivíduos são movidos por seus próprios interesses, o que exclui qualquer relação de reciprocidade.

Não é nosso objetivo aqui ressaltar os pontos problemáticos da teoria de Tönnies (1885, apud ALDOUS, 1995), dado que nos interessa o conceito de comunidade em si, portanto, passemos para outros autores que propõem outras formas de concepção da categoria.

Max Weber (1987) também discute o conceito de comunidade e, como ele próprio afirma, sua terminologia tem muito de semelhante com a que Tönnies (1885, apud ALDOUS, 1995) propõe. Para Weber, o fator primordial que caracteriza uma comunidade é a relação de solidariedade existente entre os membros, na medida em que essa relação permeia toda a ação social “seja no caso individual [...] ou no tipo ideal” (p. 77).

E semelhante ao que Tönnies (1885, apud ALDOUS, 1995) faz, diferencia essa forma de sociabilidade da relação social de sociedade que é “o resultado de uma reconciliação e de um equilíbrio de interesses motivados por juízos racionais, quer de valores, quer de fins” (WEBER, 1987, p. 77).

Weber se apóia no aspecto afetivo a respeito da caracterização de comunidade, pois entende que esse tipo de sociabilidade baseia-se em qualquer espécie de ligação emocional. E, nesse caso, o espaço geográfico comum parece não ter um papel tão determinante para sua constituição. Evidencia ainda que relações afetivas de caráter comunal podem muito bem ocorrer em grandes aglomerados sociais e vice-versa.

Há um ponto importante em Weber (1987) que merece atenção, porquanto servirá mais à frente para a tese da existência de comunidade virtual. É quando ele toma o conceito de comunidade como “deliberadamente vago”, uma vez que esse conceito envolve um grupo de fenômenos de natureza diversa. Desse modo, o sociólogo não circunscreve o conceito a um

conjunto de características exclusivas de um grupo social específico. Essa flexibilidade da categoria de comunidade deixa margem para a existência de relações comunais ocorrentes em outros espaços que não os do mundo *offline*.

Encontramos também, em Hipólito (1992), outra proposta de definição de comunidade. Esse pesquisador toma como aporte teórico para seu estudo sobre a comunidade antropológica da Boa Vista, as considerações de Ross (1970, apud HIPÓLITO, 1992) sobre o conceito de comuna. Comunidade, para Ross, diz respeito a:

1 Toda população de uma região geográfica, por exemplo, uma aldeia, uma vila, uma bairro, [...] ou, por extensão, toda a população de uma província, de um estado, de uma nação ou do mundo [...].

2 [...] grupos de pessoas que partilham uma função ou um interesse, como o bem estar, a agricultura, a educação, a religião. Não diz respeito à toda a população local, mas somente aos indivíduos e aos grupos que têm em comum um interesse ou uma função. A organização comunitária consiste – é muitas vezes o caso – em levar as pessoas a desenvolver o sentimento de pertencer a uma comunidade e de trabalhar nos problemas comuns suscitados pela partilha duma função ou dum interesse. (ROSS, 1970, apud HIPÓLITO, 1992, p. 69).

Essa é uma definição que se distancia das anteriores justamente por não contrapor a relação de caráter comunal à de caráter social. Importa, nessa definição, o espaço geográfico compartilhado, a despeito de sua extensão. Destaca-se ainda a partilha de uma função ou de um interesse para que esta se defina como tal. Importa, por fim, o “sentimento de pertença” das pessoas em relação à comunidade.

Pelo que observamos nessa breve revisão teórica, a perspectiva sociológica da noção de comunidade ressalta o seguinte: primeiro, é preciso que existam indivíduos unidos pelo sentimento de pertencimento a uma dada comunidade; segundo, é preciso que esses membros partilhem dos mesmos interesses, dos mesmos objetivos; e, terceiro, é necessário que eles se achem dividindo um espaço geográfico comum.

É com base nessa perspectiva que diversos sociólogos refutam a idéia de que os grupos verificados no ciberespaço possam ser rotulados como CV, uma vez que não apresentam tais características. Como resolver então esse impasse?

Jones (1997) aponta para novas formas de concepção do termo que não levam mais em consideração, pelo menos não de forma veemente, o vínculo da comunidade a um território específico. E baseado em Bernard (1973, apud JONES, 1997), considera que “a distribuição de pessoas em sistemas sociais dispersos não é apenas social, mas mental” (p. 3) Os sujeitos podem pertencer a uma comunidade planetária, a uma comunidade nacional,

podem ainda estar vinculados a uma comunidade a partir de interesses comuns, não estando o mundo social deles circunscrito a fronteiras geográficas.

Pelo que verificamos, não existe precisão nem consenso entre os sociólogos a respeito do que seja comunidade. Weber (1987), por exemplo, considera o conceito de comunidade como algo nebuloso que inclui uma pletera de fenômenos de natureza diversa. Esse é um ponto em que muitos pesquisadores se apegam para advogar a existência de comunidades virtuais.

Como os estudos sociológicos não constituem o lugar absoluto de propostas de definição de comunidade, trataremos de outros modelos teóricos que se ocupam também dessa categoria e verificaremos em que medida eles podem ou não, contribuir para a conceptualização do fenômeno comunidade virtual. Isso será assunto de nossas subseqüentes reflexões.

2.2 NOS ESTUDOS DA APRENDIZAGEM SOCIAL E DA LINGÜÍSTICA APLICADA

A par dos estudos sociológicos, encontramos no campo das teorias sobre aprendizagem um modelo particular de concepção de comunidade. Trata-se da proposta de Wenger (1998) sobre comunidades de práticas.

Seu aparato teórico se fundamenta na consideração de que nós, seres humanos, nos achamos constantemente engajados num empreendimento comum, o que propicia toda sorte de interação nossa com o mundo e com nós mesmos. Enquanto afinamos nossas relações por meios dessas interações, estamos aprendendo coletivamente.

Esse aprendizado coletivo resulta em práticas “que refletem tanto a manutenção de nossos empreendimentos, quanto o atendimento às nossas relações sociais”⁹ (WENGER, 1998, p. 45). Nesse sentido, o autor considera que tais práticas constituem a propriedade de um tipo de comunidade criada através do tempo para sustentar a busca desses empreendimentos comuns. Resumindo, o autor chama “comunidade de práticas” para um grupo de indivíduos que partilham de um empreendimento mútuo, que se engajam numa tarefa comum e aprendem pela prática constante e pela interação regular que estabelecem uns com os outros. Sua concepção de prática não se restringe a uma dicotomia entre o prático e o

⁹ Tradução nossa: “...that both the pursuit of our enterprises and the attendant social relations”.

teórico, pois ela inclui ambos, mesmo que haja discrepâncias entre o que dizemos e fazemos. Salienta ainda que todos nós “temos nossas próprias teorias e formas de compreender o mundo, e nossas comunidades de práticas são lugares onde nós as desenvolvemos, as negociamos e as partilhamos”¹⁰ (WENGER, 1998 p. 48).

Central para sua análise é a idéia de prática como produção de sentido. Isso porque, segundo ele, a prática é um processo pelo qual nós experienciamos o mundo e nosso engajamento com ele é, de fato, significativo. Podemos dizer que o tipo de produção de sentido ao que o autor se refere está ligado à experiência e à negociação. Independente do fato de nossas práticas serem recorrentes, de terem uma história social, tudo o que fazemos ou dizemos sempre se dá numa nova situação, sempre produz novos sentidos para quem está envolvido no processo interativo. Tal processo é sempre mediado pela negociação. Desse modo, “a negociação do sentido é de uma só vez histórica e dinâmica, contextual e única” (WENGER, 1998, p. 54).

Pelo que vemos de sua posição, é pela prática que se formam os aglomerados sociais. Mas Wenger deixa muito claro que nem toda comunidade pode ser definida pela prática, nem tampouco tudo o que as pessoas consideram como prática pode constituir uma comunidade nos moldes de sua proposta. Parece claro também aqui uma delimitação conceitual que vai diferenciar sua teoria de comunidade da que é engendrada nas outras áreas de conhecimento como, por exemplo, a Sociologia. Na verdade, ele não descarta as outras comunidades, apenas sugere que existe um tipo que chama comunidade de práticas. Conforme seus postulados, uma comunidade de prática não é meramente definida por quem conhece quem, ou por quem fala com quem numa rede de relações interpessoais através das quais as informações fluem.

O autor especifica três dimensões que instituem a prática como uma propriedade específica desse tipo de comunidade, a saber: engajamento mútuo, empreendimento conjunto e um repertório partilhado.

Para que haja prática, é preciso que pessoas estejam engajadas em ações, cujos sentidos elas negociam umas com as outras. Por esse prisma, a prática é algo que emerge em situações concretas, não é algo dado, não reside em livros de instrução, apesar de não surgir do nada.

Não muito diferente do que ocorre nas outras propostas, ser membro de uma comunidade de prática implica engajamento mútuo. Mas a noção de membro não deve ser

¹⁰ Tradução nossa. “We all have our own theories and ways of understanding the world, and our communities of practice are places where we develop, negotiate, and share them”.

tomada como mera coleção de pessoas definidas por propriedades particulares. Wenger (1998, p. 74) especifica seu ponto de vista com as seguintes considerações: “membro não é apenas uma questão de categoria social, declaração de obediência, pertença a uma organização social, posse de título, ou estabelecimento de relações pessoais”¹¹.

Ademais, observa que o fator proximidade geográfica contribui muito para o estabelecimento da prática, mas não é algo imprescindível, pois é possível que pessoas dividam o mesmo espaço, mas não sustentem “relações densas de mútuo engajamento organizado ao redor do que elas têm de fazer” (WENGER, 1998, p. 74).

Um último ponto importante sobre essa dimensão, diz respeito ao fato de nosso engajamento mútuo envolver tanto nossa própria competência, quanto a dos outros. Dessa forma, temos de pensar que, numa comunidade de prática, cada um tem diferentes papéis e esses papéis têm suas especificidades. Para que nossas práticas alcancem um fim comum, é necessário que nos auxiliemos de maneira complementar.

Outra característica da prática como fonte para coerência da comunidade, diz respeito à negociação de um empreendimento mútuo. Segundo Wenger (1998), tal fator resulta de um processo coletivo de negociação que reflete toda complexidade do engajamento mútuo. Mas é importante salientarmos que o estabelecimento de um projeto comum não significa acordo ou consenso, pois é legítimo que um empreendimento se instaure a partir de uma negociação conflituosa, ou seja, a partir de vários pontos de vista.

O ponto central então é a negociação de um empreendimento mútuo no seio de uma comunidade de práticas que não tem como característica subjacente a homogeneidade. Os membros de uma comunidade estão envolvidos num projeto comum, não porque eles partilham das mesmas condições de trabalho, ou porque acreditam nas mesmas coisas, mas porque negociam o estatuto desse projeto. Não importa que um indivíduo tenha mais *status* do que o outro, visto que todas as suas decisões convergem para uma situação que é intrinsecamente comum.

Outro aspecto a ser frisado é o regime de apoio mútuo que se verifica nesse processo de negociação de um empreendimento comum. Isso é importante para a comunidade, uma vez que demonstra que os membros se preocupam com o que estão fazendo e estão atentos ao que se passa ao redor deles e com eles.

A última característica da prática como fonte para coerência comunitária diz respeito ao desenvolvimento de um repertório partilhado. A prática verificada na comunidade

¹¹ Tradução nossa.: “Membership is not just a matter of social category, declaring allegiance, belonging to an organization, having a title, or having personal relations with some people”.

gera, pela recorrência, uma série de recursos para a negociação dos sentidos. Dito de outro modo, para se levar a cabo um empreendimento comum, os membros de uma comunidade disponibilizam de conhecimentos, ferramentas, modos de fazer, histórias, símbolos, gêneros, posturas e uma ideologia. São esses aspectos que definem essa comunidade como única. Além disso, esses elementos funcionam como uma espécie de *frame* definido em toda sua complexidade pela prática. Para alguém que deseja ingressar na comunidade, o requisito principal é dominar e partilhar esses recursos que produzem significado.

Agora pensemos num ponto importante: a que casos se aplica essa teorização? No decorrer de sua teorização, Wenger (1998) procura elucidar seu aparato teórico de maneira figurativa, descrevendo a rotina de trabalho de uma pessoa encarregada de dar curso aos processos de solicitações de uma companhia de seguro médico. Ariel, a protagonista, dispõe de recursos materiais, do apoio de seus colegas, do suporte da empresa, de um conhecimento sobre como desenvolver de maneira satisfatória seu trabalho. Como todos os membros estão engajados num empreendimento comum, a saber, o processamento das reivindicações de clientes da companhia, qualquer percalço que haja no decurso das ações é resolvido de maneira coletiva, por meio de reflexões e troca de experiências. Desse modo, eles não só conseguem resolver problemas, mas também aprendem com esses problemas, de maneira participativa. Entretanto, esse aprendizado não se dá de forma consciente, pois, como o autor exemplifica, um grupo de enfermeiras que almoçam regularmente juntas, na lanchonete do hospital onde trabalham, nem notam que suas discussões constituem uma das fontes de conhecimento sobre como cuidar de seus pacientes.

Pelo que vemos, parece que o modelo teórico de Wenger (1998) se encaixa satisfatoriamente nos contextos de interação mais concretos, tais como o de organizações governamentais, de companhias de modo geral, de escolas, de associações, da vida civil, etc. Mas, por algumas questões, não serve para descrever o caso dos aglomerados virtuais na Internet, pelo menos a maioria dos casos¹². Como exemplo dessa inadequação, podemos citar o *site* de relacionamento internacional “Interpals.com”¹³, onde vemos que seus membros não estão envolvidos numa empresa comum nem muito menos trocam experiências para levar a cabo um propósito coletivo. Não vemos que partilham de um repertório de recursos (experiências, ferramentas, histórias, modos de resolver problemas recorrentes) para

¹² Existe uma comunidade na Internet chamada “Guia do Hardware”. Nela, os membros trocam informações sobre o gerenciamento de softwares e de hardwares, ou seja, trocam experiências. Sempre que alguém tem um problema em qualquer dos dois domínios, pode postar dúvidas e pedidos de ajuda no fórum para receber apoio de outros membros. Para esse caso, é possível que o conceito de comunidade de prática se encaixe.

¹³ www.interpals.com

implementarem uma atividade comum. O que une os indivíduos, no estabelecimento virtual¹⁴ da comunidade Interpals, é principalmente o desejo da interação com pessoas de diversas partes do globo.

Wenger enfatiza que seu modelo não se aplica a grupos de interesses, e esse parece mais ser o caso do supracitado *site*.

Outro ponto que impossibilita o uso de seu aparato teórico para a descrição das comunidades virtuais diz respeito ao papel que cada membro assume e que constitui sua identidade na hierarquia existente na comunidade. De fato, os membros de uma comunidade de prática de uma companhia não possuem o mesmo *status*, não estão numa relação simétrica. Porém, isso não anula o estabelecimento de um empreendimento comum, pois, mesmo estando em lugares sociais diferentes, os membros agem conjuntamente para atingir um único fim.

Mas o que dizer das comunidades virtuais em sua grande maioria? Não nos parece que haja, nesse caso, relações assimétricas do tipo em que cada membro não tem o mesmo *status*. Não podemos dizer que esses membros se encontram hierarquicamente distribuídos. Ao contrário, os indivíduos estão colocados socialmente no mesmo patamar.

Entretanto, no caso da comunidade objeto de estudo deste trabalho, observamos, embora não muito freqüentemente, a projeção de relações hierárquicas existentes no mundo *offline* (tais como relações entre professores e alunos). Mas essas relações não são algo preestabelecido pelo estabelecimento virtual, muito menos pelos membros da comunidade de maneira geral.

Outros aspectos problemáticos que impedem o uso da teoria de Wenger (1998) para descrição de CV poderiam ser apontados aqui, mas para os propósitos deste trabalho, nos bastam os discutidos.

Passemos então a outro modelo teórico que lida com a categoria de comunidade com nuances um pouco mais diferentes das que foram especificadas anteriormente. Trata-se do conceito de comunidade discursiva, desenvolvido por Swales (1990) e inscrito no interior das pesquisas sobre ensino e aprendizagem de línguas.

Escolhemos o termo “desenvolvido” pelo fato de o conceito, como o próprio autor afirma, não ter sido desenvolvido por ele. A grande contribuição de Swales foi propor um conjunto de traços definidores, visando à aplicabilidade da categoria a seu objeto de pesquisa,

¹⁴ Essa categoria será discutida na página 41.

já que outras propostas de definição de comunidade discursiva, por terem pontos de controvérsia e por não apresentarem critérios de análise refinados, não lhe convinham.

Swales (1990) cita e toma como aporte teórico a proposta de definição de comunidade discursiva de Herzberg (1986) uma vez que ela se apóia na perspectiva social. Segunda essa perspectiva:

O uso do termo ‘comunidade discursiva’ testifica a crescente visão comum de que o discurso opera dentro de convenções definidas por comunidades, sejam elas disciplinas acadêmicas ou grupos sociais. As práticas pedagógicas associadas com a escrita, presentes nos currículos e no inglês acadêmico agora usam a noção de ‘comunidades discursivas’ para significar um feixe de idéias: o uso da língua num grupo é uma forma de comportamento social, o discurso é um meio de se manter, de se estender o conhecimento do grupo e de se iniciar novos membros dentro do mesmo, e, por fim, o discurso é epistêmico e constitutivo do conhecimento do grupo¹⁵ (HERZBERG, 1986 apud SWALES, 1990, p. 21).

Entendemos, também, pela leitura da obra de Swales (1990), que comunidade discursiva é um conceito aplicável a um grupo de pessoas que se ligam devido à busca de um fim comum. Por causa desse elo, elas produzem maneiras particulares e institucionalizadas de pensar, ou seja, produzem discursos que regulam e definem a comunidade.

Antes de determinar o conjunto de traços definidores desse conceito, Swales (1990) procura definir outra categoria de análise instituída na Sociolinguística, qual seja, a de comunidade de fala. Seu propósito nesse intento é evitar que se tome a primeira como uma especialidade desta última. Portanto, explicita, dentre as várias definições propostas por diversos autores, que comunidade de fala diz respeito a um conjunto de pessoas que partilham de regras que determinam a apropriação das elocuições. E cita Hymes (1974, apud, SWALES, 1990) que aponta para duas condições necessárias à constituição da categoria:

Uma comunidade de fala é definida, então, tautologicamente, mas radicalmente, como uma comunidade que divide conhecimento sobre regras para condução e interpretação da fala. Tal partilha encerra em conhecimento sobre, pelo menos, uma forma de fala, e também em conhecimento sobre seu padrão de uso. Ambas as condições são necessárias. (HYMES, 1974 apud SWALES, 1990 p. 23).

Swales (1990) defende três argumentos para a consideração de que a comunidade discursiva não seja uma extensão da comunidade de fala. Importa-nos, para essa discussão, os

¹⁵ Tradução nossa. “Use of the term ‘discourse community’ testifies to the increasingly common assumption that discourse operates within conventions defined by communities, be they academic disciplines or social groups. The pedagogies associated with writing across the curriculum and academic English now use the notion of ‘discourse communities’ to signify a cluster of ideas: that language use in a group is a form of social behavior, that discourse is a means of maintaining and extending the group’s knowledge and of initiating new members into the group, and that discourse is epistemic or constitutive of the group’s knowledge”.

seguintes: primeiro, existe a necessidade de se distinguir a abordagem sociolingüística inerente ao conceito de comunidade de fala da abordagem sócio-retórica que envolve o conceito de comunidade discursiva. Na perspectiva sociolingüística, propósitos comunicativos, tais como socialização e solidariedade grupal, tendem a predominar no desenvolvimento e manutenção das características discursivas da comunidade de fala. Já na abordagem sócio-retórica, os princípios determinantes do comportamento lingüístico na comunidade discursiva são funcionais, uma vez que ela diz respeito a um grupo de pessoas que se unem por um fim comum que antecede qualquer princípio de socialização e de solidariedade. Segundo, a sociedade, pelo viés da comunidade de fala, estrutura-se de maneira centrípeta, isto é, aglutina as pessoas dentro da estrutura, já pela perspectiva da comunidade discursiva, a sociedade se estrutura de maneira centrífuga, ou seja, tende a separar pessoas em grupos de interesses específicos. E, terceiro, os membros de uma comunidade de fala se vinculam a ela pelo nascimento, pela herança lingüística ou pela adoção, já no caso da discursiva, os membros são recrutados pela persuasão, pelo treinamento ou por uma qualificação apropriada.

Tendo isso especificado, Swales (1990) propõe seis características definidoras da comunidade discursiva, a saber:

- 1 Existência de um conjunto amplo e acordado de objetivos públicos.
- 2 Ocorrência de mecanismos de intercomunicação entre seus membros.
- 3 Utilização de procedimentos de participação para prover informação e realimentação.
- 4 Circulação de gêneros para realizar seus propósitos comunicativos.
- 5 Repertório léxico específico.
- 6 Conjunto de membros que possui um conteúdo comum e uma especialidade discursiva.

Swales (1990) nos apresenta um exemplo de comunidade discursiva fora de contextos acadêmicos, para demonstrar que esse tipo de comunidade não está associado apenas a paradigmas intelectuais e acadêmicos.

Elege então um grupo de interesse mantido por uma organização chinesa chamada “Hong Kong Study Circle” (HKSC). O passatempo de seus integrantes é colecionar selos de Hong Kong e a HKSC é responsável por fomentar esse “hobby” por meio de instrumentos de interação específicos.

Os membros dessa comunidade não se restringem ao espaço geográfico chinês, pois estão espalhados ao redor do mundo, concentrando-se nos Estados Unidos, Grã Bretanha e em Hong Kong. Por esses dados, o autor presume que um terço desses integrantes não são falantes nativos do inglês e especifica que eles variam em outros aspectos: a maioria dos membros é composta por colecionadores, alguns são especialistas em negociação de selos e se dedicam exclusivamente a isso, outros se dedicam a leilões e à produção de catálogos. Além disso, há membros ricos e pobres. Os primeiros possuem selos de alto valor simbólico e monetário pela sua raridade; os segundos possuem selos de pouco valor e sustentam seu vínculo apenas pelo interesse comum.

De acordo com o autor, a especificação desses fatos mostra quão heterogênea é a organização em termos de ocupação e de *status* de seus membros e, principalmente, que o interesse por selos é o elo que os une.

Com respeito aos mecanismos de intercomunicação outrora mencionados, a organização provê um jornal bimestral e uma *Newsletter* que divulgam informações sobre os selos e sobre as principais movimentações do grupo. Mesmo havendo um encontro anual promovido pela HKSC, esses periódicos ainda são os principais instrumentos de interação entre os membros, uma vez que nem todos participam desse evento. Sem os periódicos, considera o autor, o grupo de interesse jamais sobreviveria.

Um ponto interessante dessa descrição diz respeito ao fracasso de Swales (1990) quando da tentativa de se tornar um membro efetivo do grupo. Foi quando ele publicou um artigo para o jornal da HKSC. Ele se baseou, para produção desse artigo, nos pressupostos teóricos da lingüística aplicada, mas como os membros da comunidade não partilhavam desse conhecimento científico, o autor não foi aceito. Swales observa que até os termos usados para avaliação de seu artigo são de difícil compreensão já que são recorrentes apenas no interior do grupo de interesse.

Por fim, Swales (1990) conclui sua pequena análise dessa comunidade evidenciando que, pelo fato de apresentar os seis critérios anteriormente estabelecidos, quais sejam, objetivo comum, mecanismos de participação, troca de informações, gêneros específicos, terminologia altamente especializada e um nível alto de especialidade, ela tem estatuto de discursiva. Mas, pelo fato de haver uma distância geográfica, étnica e social marcante entre os membros, não se pode considerar que ela também constitua uma comunidade de fala.

De fato, a teorização de Swales pode ser um caminho interessante para se entender o caso dos agregados virtuais, com a ressalva de que a distribuição funcional existente na

comunidade discursiva, conforme observado na descrição da HKSC, em que alguns dos integrantes são especialistas em negociação de selos, já outros se ocupam da produção de catálogos para os colecionadores, não se aplica para a maioria dos agrupamentos virtuais, uma vez que praticamente todos têm a mesma função na interação, não exercendo, assim, papéis diferenciados e especializados. Apesar dessa restrição, achamos que é possível aproveitar a proposta de Swales (1990) naquilo que toca o caso das comunidades virtuais.

A seguir, apresentamos uma proposta de conceituação de CV baseado em Swales (1990) e em alguns autores que se dedicaram no estudo dessas formas de agrupamento na Web.

2.3 NOS ESTUDOS SOBRE COMUNICAÇÃO MEDIADA POR COMPUTADOR

Rheingold (1993) foi um dos primeiros a popularizar o termo “comunidade virtual”. Na posição de participante e observador das “aldeias virtuais”, ele escreveu um livro que tem, como fim último, alertar as pessoas sobre as potencialidades do ciberespaço. Tais potencialidades dizem respeito à liberdade de expressão, bem como ao impacto dessa liberdade no comportamento e visão de mundo dos indivíduos.

Um dos objetos que Rheingold descreve é a comunidade da WELL. Trata-se de um aglomerado virtual cujo objetivo é discutir temas de interesse de seus membros, distribuídos pelo mundo todo. Segundo as observações do pesquisador, as relações sociais entre os membros dessa comunidade tendem a se estreitar à medida que vão entrando novos integrantes. Esse estreitamento é regulado por normas (estabelecidas paulatinamente) que firmam a WELL enquanto agrupamento social no ciberespaço.

A perspectiva de análise de Rheingold (1993) converge para uma identificação entre o que ocorre com os aglomerados da “vida real” e o que se passa com os do meio virtual. A propósito, observe as considerações do autor sobre essa questão:

Nas comunidades virtuais, escrevem-se palavras num *écran* para contar anedotas, discutir, envolver-se em dialéticas intelectuais, negociar, trocar conhecimentos e apoio emocional, fazer planos e *brainstorming*, contas mexericos, fazer amigos e perdê-los, jogar, namorar, criar algumas obras-primas e produzir muita conversa

fiada. As pessoas das comunidades fazem tudo o que as da vida real fazem, mas estão desprendidas dos seus corpos¹⁶ (RHEINGOLD, 1993 p. 16).

Um dos aspectos diferenciais que marca a WELL é o encontro presencial de seus integrantes que acontece anualmente numa sede determinada previamente. Isso, de certa forma, permite-nos compreender algumas das especificidades do ponto de vista teórico de Rheingold (1993), sobretudo no que concerne ao estreitamento de relações interpessoais que ele afirma haver nas comunidades virtuais. Ora, se os integrantes da WELL estendem suas relações ao ambiente não-virtual, suas interações no meio virtual terão uma característica peculiar. Já não se pode mais afirmar que as pressões sociais que regulam o comportamento de indivíduos que interagem num encontro face a face estejam totalmente ausentes do ambiente virtual, nem se pode sustentar a idéia de anonimato entre os membros, que é, aliás, um recurso muito comum entre os interagentes das comunidades virtuais em geral.

Essas condições sob as quais se apresenta o objeto de análise de Rheingold (1993, p. 18) levaram-no a conceituar comunidade virtual como “agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço”. Dito de outro modo, uma comunidade virtual seria a associação de várias pessoas no ciberespaço, com objetivo de discutir assuntos em comum. Os debates rotineiros provocam o surgimento de sentimentos comuns da vida diária, tais como amor, amizade, discórdia, etc. e, conseqüentemente, o estreitamento das relações entre os indivíduos.

As críticas mais recorrentes a essa posição, segundo Jones (1997), dizem respeito à ausência de um espaço geográfico delimitado e à comparação que Rheingold (1993) faz entre as CVs e as comunidades *offline*. Dizer que as pessoas, por meio de discussões no ambiente *online*, constroem relações de cunho afetivo, parece não ser o caso da maioria das comunidades virtuais que vemos hoje circular pelo ciberespaço. Esse processo é um dos princípios que desencadeia a formação de comunidades do mundo *offline*.

Decerto, acreditamos haver relações sociais entre os membros das CVs, entretanto, não com as mesmas propriedades das que se verificam no mundo *offline*. Não queremos dizer que as observações de Rheingold não sejam pertinentes, mas chamamos atenção para o fato de não ser regra, para maioria dos aglomerados virtuais, que seus membros estabeleçam encontros anuais fora dos *écrans* dos computadores, e esses encontros são, a nosso ver, o fator diferencial do ponto de vista do referido autor. Se os membros de uma comunidade virtual

¹⁶ Grifo nosso.

encontrarem-se fisicamente, sentimentos de amizade, até de amor poderão florescer e estender-se-ão para o ciberespaço. Nesse caso, podemos até comparar as relações entre um mundo e outro, mas como o caso da WELL não pode ser tomado como regra geral para todos os agrupamentos virtuais, suas considerações teóricas são problemáticas para o estudo de CVs com características diferentes das que Rheingold (1993) analisou.

Aliás, o ponto de vista de Rheingold sobre CV advém das considerações de outro pesquisador também dedicado ao estudo da WELL. O autor baseia-se assumidamente na proposta de Smith (1992, apud RHEINGOLD, 1993) quanto à aplicabilidade da análise tradicional de comportamento comunitário ao caso das interações que ocorrem nas aldeias virtuais. Com base na idéia de bens coletivos, Smith explica o que aglutina socialmente os sujeitos na WELL. Esses bens coletivos que o estudioso se refere são o capital social em rede, o capital intelectual e a comunhão (solidariedade entre os membros). Este último, a nosso ver, é o mais interessante, pois demonstra quão estreitas são as relações entre os sujeitos dessa comunidade. Rheingold descreve que percebeu isso na WELL quando numa conferência de pais, os filhos de dois integrantes estavam doentes e estes pais receberam apoio moral de todos os outros membros da comunidade. Essa demonstração de solidariedade entre os integrantes da WELL mostra justamente o estreitamento das relações.

Vimos até aqui que as propostas teóricas que envolvem a categoria comunidade, para analisar aglomerados sociais, não se encaixam em algum aspecto ao caso das CVs. Se, pelo viés sociológico, o conceito é inaplicável, pela perspectiva rheingoldiana, encontramos problemas com sua analogia das estruturas do “mundo real” com as do “mundo virtual”.

Parece-nos pertinente a visão de Jones (1997) quando afirma que a falta de consenso na Sociologia sobre o conceito de comunidade não implica inexistência de CV, e se apóia em Fernback e Thompson (1995, apud JONES, 1997) para enfatizar que não é o caso de se pensar numa corruptela do termo sociológico comunidade, mas sim de considerar que ele tenha um sentido dinâmico.

Encarar o fenômeno dos agregados virtuais dessa maneira requer um redimensionamento do conceito de comunidade de modo a retirar-lhe tudo o que possa servir de empecilho para aplicação do mesmo ao ciberespaço. Como exemplo desses empecilhos, podemos citar o estreitamento das relações pessoais e o espaço geográfico comum, ambos considerados na proposta sociológica de comunidade.

Podemos considerar, então, que, uma comunidade virtual é caracterizada por um grupo de pessoas que se reúnem movidas por um objeto de interesse comum. Esse objeto pode

ser uma condição partilhada pelos membros¹⁷, troca de informações, ajuda mútua, auxílio técnico mútuo, etc. Os membros de uma comunidade virtual partilham de um conjunto de gêneros discursivos que possibilitam a interação. Além disso, eles dividem um mesmo estabelecimento virtual e permanecem aí por um determinado período, o que confere a estabilidade às interações.

Nas CV, comumente, neutralizam-se as relações assimétricas apontadas por Wennger (1998) bem como as especialidades descritas por Swales (1999).

Resta destacar que, como salienta Jones (1997), boa parte dos trabalhos que se ocupa de CV não apresenta critérios bem definidos para diferenciar as associações virtuais estáveis de outras formas de interação fugazes no ciberespaço. Na tentativa de solucionar isso, Jones propõe uma distinção entre o ciberespaço ocupado pela CV e ela mesma. Baseados nos critérios que ele define para identificar um ciberlugar é que podemos “separar o joio do trigo”.

Para um ciberlugar que hospeda uma CV, o autor chama de estabelecimento virtual (virtual settlement). Note-se que, com esse rótulo, o autor especifica que existem outros ciberlugares que não alojam CVs.

As condições para consideração de um estabelecimento virtual são as seguintes: nível mínimo de interatividade, variedade de comunicadores, um espaço virtual público comum e um nível mínimo de associação sustentada. Com respeito ao primeiro critério, Jones observa que há uma relação de dependência entre as mensagens na CMC em seqüência, na medida em que mensagens anteriores se referem às mensagens posteriores. Com essa noção de interação, Jones (1997) apaga o problema das relações interpessoais¹⁸ verificadas no interior das CVs e focaliza mais o produto dessas relações que são as mensagens virtuais. Ainda com base no item interatividade, o autor salienta que é possível excluir uma gama de classes de CMC da categoria de comunidade virtual. Como exemplo disso, podemos citar o caso de alguns blogs cujos autores não recebem uma resposta dos internautas sobre aquilo que publicizam.

O segundo critério está vinculado ao primeiro, pois se há mais de um interactante virtual, há interatividade, já que a variedade de comunicadores é condição para a ocorrência de interatividade.

Com relação a um espaço virtual público comum, Jones considera que é possível, com base nesse critério, distinguir uma comunidade virtual de outras formas de interação no ciberespaço que parecem ser associações virtuais, porém, não o são. Tal é o caso do IRC (Internet

¹⁷ No caso da comunidade que estamos observando, essa condição diz respeito ao fato de os membros, em sua maioria, possuírem vínculo de natureza diversa com a Universidade Federal do Pará.

¹⁸ Essas relações a que o autor se refere são aquelas fomentadas por sentimentos que circulam no mundo *offline* tais como amor, amizade, ódio, inveja, etc.

Relay Chat) que contém vários canais de comunicação, mas que não apresentam relação entre si e, portanto, não formam uma CV. É preciso salientar que, segundo o autor, esse espaço virtual comum é delineado simbolicamente por um tópico de interesse que congrega mais de um interactante.

O último critério diz respeito à existência e estabilidade de sujeitos num espaço virtual para que este seja considerado um estabelecimento virtual. O autor considera que é a densidade das mensagens postadas que configurará o nível de estabilidade do grupo. De fato, se a rotatividade de sujeitos interagentes, num determinado espaço virtual, for muito constante, como se constituirá aí um caso de CV? É preciso então que haja uma permanência dos membros e uma constante interação entre eles.

Acreditamos termos, até aqui, delineado uma proposta de definição coerente para os nossos propósitos de análise das associações do Orkut. Não levando em conta a visão romântica¹⁹ de Rheingold (1993) sobre as relações no espaço virtual, mas sim a constante interação entre os membros, a pouca rotatividade, o uso de gêneros comuns, a permanência num espaço virtual comum e objetos de interesse comum, podemos enquadrá-las como um genuíno caso de formação de comunidades virtuais.

As considerações a que chegamos neste capítulo servirão de base para compreensão das associações virtuais do Orkut, no que concerne a suas propriedades estruturais e funcionais. No capítulo seguinte, daremos a conhecer a estrutura do *site* de relacionamento Orkut, dando ênfase, justamente, a essas associações e aos fóruns de discussão que nelas circulam. Nosso principal objetivo é, então, demonstrarmos em que medida esses agrupamentos têm estatuto de comunidade virtual e, ainda, conferirmos, a esses fóruns, a condição de gênero discursivo com base na perspectiva sócio-histórica bakhtiniana.

¹⁹ O modificador “romântica” se justifica em virtude do fato de Reinghold considerar que uma comunidade virtual se caracteriza pelo relacionamento estreitado entre seus membros, tal como ocorre com as comunidades do mundo *offline*.

3 ORKUT: COMUNIDADE VIRTUAL DE RELACIONAMENTO

O objetivo deste capítulo é a caracterização do *site* de relacionamento Orkut, das comunidades virtuais e dos fóruns de discussão que nele circulam. Para tanto, é preciso que retomemos os pressupostos teóricos que definem os termos estabelecimento virtual e comunidade virtual, quanto do tratamento dois primeiros itens; e, ainda, é necessário abrirmos um espaço para a explicitação do lugar teórico de onde falamos ao consideramos os fóruns de discussão enquanto gênero.

3.1 DA PÁGINA INICIAL

O *site* de relacionamento Orkut²⁰ foi criado e desenvolvido por Orkut Büyükkökten, um dos engenheiros da empresa Google, em janeiro de 2004. Os gerenciadores do Orkut consideram-no como uma grande comunidade, isto é, uma macro comunidade que reúne pessoas de diversas etnias. O objetivo do *site* é promover relacionamentos entre pessoas de qualquer lugar do mundo que estejam conectadas à Rede. De fato, o que o *site* torna público, como propósito dessa congregação, é o estabelecimento de vínculos de amizade, baseados no quesito interesses comuns. Esse lema é sustentado já na página inicial onde os usuários efetuam o *login*²¹, conforme se pode observar na figura 1.

²⁰ Endereço na *Web*: www.orkut.com

²¹ A ação de digitar o nome do usuário e a senha para se obter a entrada num determinado *site*.

o **orkut** é uma comunidade on-line que conecta pessoas através de uma rede de amigos confiáveis.

Proporcionamos um ponto de encontro on-line com um ambiente de confraternização, onde é possível fazer novos amigos e conhecer pessoas que têm os mesmos interesses. Participe do orkut para estabelecer seu círculo social e se conectar a ele.

quem você conhece?

Leia mais sobre como manter o orkut bonito

login
Acesse o orkut com a sua
conta do Google

E-mail:

Senha:

Salvar as minhas informações neste computador.

Login

[Esqueceu a sua senha?](#)

Ainda não é membro? [ENTRE JÁ](#)

O **orkut** é uma comunidade on-line que conecta pessoas através de uma rede de amigos confiáveis. Proporcionamos um ponto de encontro on-line com um ambiente de confraternização, onde é possível fazer novos amigos e conhecer pessoas que têm os mesmos interesses. Participe do orkut para estabelecer seu círculo social e se conectar a ele.

Figura 1: Página inicial onde os usuários efetuam o *login*.
Fonte: www.orkut.com (2007)

Nessa página, há campos a serem preenchidos para efetuação do *login*. Há duas possibilidades de se ingressar como membro do Orkut. A primeira possibilidade é por meio de um convite, enviado por e-mail, por um membro dessa comunidade de relacionamento para o interessado. Esse convite chega em forma de um *link* que dará acesso ao formulário de inscrição com os termos de uso e adesão ao serviço. A segunda possibilidade é por meio da própria página inicial que disponibiliza um *link* “ainda não é membro? Entre já”, onde o aspirante cria uma conta no servidor Google que lhe serve como “passaporte” para o ingresso no *site*.

Seja qual for a maneira escolhida para o ingresso, o novo integrante deverá preencher os vários campos do formulário *online*, e as informações fornecidas pelo internauta constituirão sua página que ficará disponível para acesso público.

3.2 DO PERFIL DO USUÁRIO

A página inicial do usuário do Orkut é considerada como um macro perfil que se divide em três partes: um social, que apresenta dados descritivos do usuário, tais como personalidade, estado civil, interesses no *site*, estilo de vida, etc; um profissional, que apresenta o grau de formação escolar do usuário bem como a atividade profissional que exerce; e por fim, um pessoal, que fornece informações mais específicas sobre o tipo físico do usuário, seus gostos e preferências. Este último funciona como uma espécie de bússola para o relacionamento interpessoal, uma vez que especifica as características do informante para quem estiver interessado em adicioná-lo como amigo.

A título de ilustração, vejamos como se configura a página de um usuário do Orkut, assim que ele efetua o *login*.

The screenshot displays the Orkut user profile for Alessandro. At the top, there is a navigation bar with links for 'Início', 'Amigos', 'Mensagens', 'Comunidades', 'Pesquisar', and 'Notícias'. The user's email 'nobregalvao@hotmail.com' and links for 'Configurações', 'Ajuda', and 'Sair' are also visible. A search bar and the Orkut logo are on the right.

The main profile area on the left includes a profile picture of Alessandro and a sidebar with links for 'perfil', 'album', 'videos', 'listas', 'recados', 'depoimentos', and 'configurações'. The main content area displays a welcome message: 'Bem-vindo(a), Alessandro'. It states that the user is connected to 52,874,317 people through 28 friends and has 12 fans. It also shows 211 messages and profile views since February 2006. Recent visitors and next steps are listed.

The right sidebar features two sections: 'meus amigos (28)' with a grid of friend avatars and names like NETO (61), Viviana (816), Giselle (144), and Dii (94); and 'minhas comunidades (7)' with a grid of community icons and names like UFPA (9.179), Mestrado gera traumas?? (11.960), and Dr. é quem tem doutorado (100.031).

At the bottom, there is a footer with 'serviço filiado ao Google' and various utility links like 'orkut in english', 'Sobre o orkut', 'Centro de segurança', 'Privacidade', and 'Termos de uso'.

Figura 2: Página inicial do usuário assim que ele efetua o *login*.

Fonte: www.orkut.com (2007)

De maneira bem geral, vemos que a página se divide em três painéis. O primeiro (do lado esquerdo) apresenta a foto²² do usuário e botões para configuração da página e acesso a serviços. O segundo (do meio) apresenta informações sobre a quantidade de pessoas a que o usuário está ligado, indiretamente, por meio dos amigos adicionados no seu perfil. Especifica também a quantidade de *scraps* (recados) que o usuário recebeu de outros membros, bem como o número e o nome dos visitantes que acessaram sua página recentemente. O terceiro painel divide-se em duas partes, quais sejam, uma que mostra os amigos adicionados no perfil e outra que mostra as comunidades a que o usuário está vinculado.

No topo da página, encontramos uma ferramenta de pesquisa do próprio *site* que serve tanto para localizar outros membros do Orkut e comunidades de interesse.

É importante salientar que cada página ou perfil do usuário disponibiliza duas importantes ferramentas de interação por onde circulam alguns gêneros. Por exemplo, na ferramenta de recados, é possível que outros membros ou amigos escrevam recados propriamente ditos, piadas, convites, anúncios etc. O mesmo serve para a ferramenta de depoimentos que, além de abrigar depoimentos propriamente ditos, pode, não muito comumente, abrigar propagandas, convites, correntes e *hoaxes*²³.

Há muitos outros detalhes sobre a página do usuário que não nos cabe, neste trabalho, referir, por não ser sua descrição nosso objetivo central. Resta-nos destacar três pontos importantes: primeiro, que essa página que aparece assim que o indivíduo efetua o *login* não é a mesma que outros membros do Orkut visualizam quando visitam seu perfil; segundo, que a “comunidade do orkut.com” possui um estatuto que, apesar de primar pela liberdade de expressão, estabelece diretrizes²⁴ sobre a maneira como o usuário deve se comportar quando de suas interações com outros membros; terceiro, que, embora o Orkut seja rotulado como “ampla comunidade”, parece-nos que a sensação do vínculo, um dos requisitos para constituição de CV, só é efetivamente experimentada pelos usuários quando estes, de fato, se reúnem sobre a égide de um tema de interesse comum.

²² Essa foto pode não estar disponibilizada, ou ainda pode não ser a foto real do usuário. Muitas vezes os usuários acrescentam em seu perfil uma foto de um personagem qualquer, mas assumem seu nome real. Outras vezes, o usuário acrescenta uma foto de um personagem e não especifica seu nome real. Nesses casos, costuma-se chamar esses sujeitos de “fakes”, ou seja, farsantes.

²³ Espécie de boato virtual que se caracteriza pelo seu sensacionalismo e pelo apelo emocional que acaba levando as pessoas a conferirem-lhe crédito e a promover sua disseminação na Rede.

²⁴ Regras que devem ser cumpridas para a manutenção da harmonia no *site*, e caso haja descumprimento, o usuário é penalizado, por exemplo, com a exclusão de sua conta.

3.3 DAS COMUNIDADES VIRTUAIS

Focalizaremos, nesta seção, as características gerais das comunidades virtuais do Orkut e usaremos, para efeito de ilustração, a que constitui nosso objeto de análise neste trabalho.

Comunidades, tais como o Orkut e seus membros consideram, são espaços virtuais criados para congregação de vários membros. A princípio, o que atrai os “orkuteiros” para esses espaços é um tema de interesse comum para levar a cabo discussões de natureza as mais diversas.

Como especificamos anteriormente, é no painel direito da página do usuário que se dispõem as comunidades a que ele se filia. A possibilidade de se criar uma comunidade²⁵ e a ela se vincular é um dos recursos disponibilizados pelo Orkut desde que foi concebido e lançado no ciberespaço. A escolha do termo “comunidade” para referir às associações virtuais do Orkut vai ao encontro da definição de comunidade adotada neste trabalho (cf. p. 40-7), pois esses agrupamentos favorecem a união de internautas em torno de temas, filosofias ou idéias que partilham.

A princípio, qualquer membro do Orkut pode criar uma comunidade e convidar outros para participarem dela. Para tanto, basta o usuário clicar no *link* “comunidades”, em seguida no *link* “criar”, para abrir uma página-formulário com campos a serem preenchidos. O criador deverá dar nome ao novo espaço virtual, escolher, dentre as possibilidades pré-estabelecidas pelo sistema, uma categoria para enquadrá-lo, escolher o tipo - se pública (qualquer um participa) ou se moderada (o dono deverá receber pedidos de admissão de novos membros e aprová-los ou não) -, decidir se os participantes das listas de discussão podem postar mensagens anônimas ou não, estabelecer dados de endereço da comunidade, escolher uma imagem que represente o tema geral da comunidade e, por fim, especificar a natureza e objetivos da criação da nova comunidade.

Tendo cumprido todos esses passos, a nova comunidade do Orkut terá, de maneira geral, as seguintes características estruturais, conforme a figura 3 a seguir:

²⁵ Teoricamente, acreditamos que os usuários apenas criam estabelecimentos virtuais que podem ou não, abrigar sujeitos que constituirão, de fato, uma comunidade virtual. Esse aspecto será problematizado na página 49, a partir das considerações teóricas de Jones (1997). Por ora, usaremos a terminologia do próprio *site*, para referir os procedimentos de criação e gerenciamento de comunidades.

Início | Amigos | Mensagens | Comunidades | Pesquisar | Notícias

nobregalvao@hotmail.com | Configurações | Ajuda | Sair

Letras & Artes - UFPA

descrição: O mural virtual do curso Letras e Artes da UFPA!

Comunidade destinada a integração, troca de idéias e informações entre pessoas que se relacionem com o Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará.

Links relacionados:

Site oficial da UFPA
www.ufpa.br

Cursos Livres on-line
<http://www.cursoslivresonline.com.br>

Museu da UFPA
<http://www.ufpa.br/museufpa>

Calendário Acadêmico
http://www.ufpa.br/portalufpa/interna_calendario.php

Coluna literária:
http://www.paidegua.com.br/coluna_dialetrando.php

>>>>>Contatos do CLA:<<<<<

Diretoria: 3201-7148 / 3201-7108

Vice-diretoria: 3201-7762

Colegiado: coletras@ufpa.br

DLLE - Deptº Línguas e Literaturas Estrangeiras
 Fone: 3201-7523
 e-mail: dlle@ufpa.br

DLLV - Deptº de Língua e Literatura Vernáculas
 Telefone: 3201-7770

Deptº de Comunicação
 fone: 3201-7586
 e-mail: decom@ufpa.br

 **
 *
 Faça a diferença!

idioma: **Português**
 categoria: Escolas e Cursos

dono: [Thiago Diniz \(>.<\)](#)
 mediadores: [Cintia, Sena, Rosa, Walkyria, Monique, Sandro, \[P.S.C\] Rodrigo](#)
 tipo: pública
 fórum: não-anônimo
 local: Belém, Pará, Brasil
 criado em: 10 de Março de 2005 10:05
 membros: 840

tópico	postagens	última postagem
EPROL 2007 - EU VOU!	2	04/05/07
Tempo mínimo para trancar o curso	1	02/05/07
ENEL-2007	5	29/04/07
ELEIÇÕES DO DCE!!!	1	14/04/07
ANIVERSÁRIO DE BAUDELAIRE	1	08/04/07

novos tópicos | ver todos os tópicos

nenhum

nova enquete | ver todas as enquetes

nenhum

novo evento | ver todos os eventos

serviço filiado ao Google

orkut in english | Sobre o orkut | Centro de segurança | Privacidade | Termos de uso

Figura 3: Página inicial de uma comunidade do Orkut.
 Fonte: www.orkut.com (2007)

No que diz respeito à estrutura geral, as comunidades do Orkut, assim como a página do usuário, contam com três painéis. O primeiro painel (do lado esquerdo) apresenta a imagem representativa da comunidade e *links* de acesso a ferramentas. O segundo painel (do meio) se divide em quatro partes: a primeira apresenta a descrição da comunidade, delinea seus objetivos e especifica quem é o dono e quem são os moderadores (se houver), além de fornecer informações como categoria temática, tipo (pública ou não) e fórum (anônimo ou

não); a segunda mostra os fóruns criados pelos membros para discussão; a terceira mostra as enquetes também criadas pelos membros para votação; e a quarta mostra os eventos postados pelos membros. O terceiro painel (do lado direito) se divide em duas partes: a primeira apresenta parte dos membros filiados à comunidade e a segunda mostra as comunidades com temas afins.

Voltando à questão das ferramentas de interação que o sistema disponibiliza, arriscamos considerá-las como suportes por onde circulam vários gêneros. Já apontamos para esse mesmo fenômeno quando da descrição das ferramentas do perfil do usuário. As instruções de uso dessas ferramentas nos levam a crer que os engenheiros do Orkut as desenvolveram para circulação de um só gênero. A própria escolha dos nomes para referi-las é um forte indício disso. Desse modo, era de se esperar que, no espaço dedicado aos fóruns²⁶, só se criassem temas que engajassem os membros e os instigassem à discussão. Mas não é exatamente isso o que acontece nos fóruns, pois circulam, neles, gêneros como propagandas, *hoaxes*, comunicados, convocações, piadas, entre outros. O mesmo pode ser dito em relação ao espaço dos eventos, os quais normalmente abrigam propagandas. Isso nos mostra que os idealizadores de ferramentas de interação *online*, na maioria dos casos, não podem prever a forma como os usuários farão uso delas.

Recentemente, o Orkut disponibilizou uma nova ferramenta de interação para os usuários, que é a enquete. O objetivo, segundo a especificação do próprio *site*, é promover pesquisas de opinião sobre determinado assunto. Por enquanto, ela parece estar em conformidade com esse objetivo, pois tópicos são criados e submetidos à votação. Mas não nos surpreenderíamos se, daqui a algum tempo, outros gêneros passassem a dividir lugar com a pesquisa de opinião.

Chegamos ao ponto em que podemos retomar a proposta de Jones (1997) a respeito da distinção entre estabelecimento virtual e comunidade virtual. Com efeito, o Orkut.com possibilita a emergência de comunidades no espaço virtual. Porém, isso não é garantido apenas pelos passos descritos anteriormente. A expressão “criar uma comunidade” não é adequada para rotular o que acreditamos ser, na verdade, a criação de estabelecimentos virtuais que, aliás, é o único poder conferido pelo *site* a seus membros. De maneira mais clara, o usuário, quando cria um espaço temático para congregação de vários outros usuários, não

²⁶ É preciso salientar que nem todo tópico, verificado na ferramenta “lista de discussão”, tem estatuto de “fórum de discussão”. A nosso ver, os fóruns são marcados pela sua dimensão polêmica (suscita confronto de pontos de vista). Existem tópicos criados com outros propósitos que não o de levar os sujeitos a debater um assunto. A título de exemplo, podemos citar o caso de “reunião do ENEL 2008” que visa informar os discentes de Letras sobre o evento acadêmico “Encontro Nacional de Estudantes de Letras”.

tem garantia alguma de que ele será ocupado. São comuns casos de estabelecimentos virtuais que foram criados, mas não fizeram “sucesso” entre os membros do Orkut, o que geralmente obriga seu criador à exclusão da nova “comunidade”.

Retomemos os critérios de Jones (1997) para a caracterização dos estabelecimentos virtuais, a fim de comprovar e reforçar o ponto de vista de que os usuários do Orkut apenas criam estabelecimentos virtuais.

Segundo o autor, um estabelecimento virtual deve apresentar, como um de seus critérios básicos, um nível mínimo de interatividade, marcada pela maneira como as mensagens têm relação entre si. No caso do Orkut, o campo “listas de discussão” é o espaço onde circulam os fóruns de discussão que, a nosso ver, são um dos gêneros que mais se adequa a esse critério. O segundo critério de Jones, qual seja, um nível mínimo de comunicadores, é atendido no sentido de que há um espaço virtual delineado onde os membros se “alojam” e interagem. E por fim, o terceiro critério, referente à estabilidade do grupo, consubstancia-se nas constantes interações entre os membros da comunidade.

Mais uma vez, queremos chamar atenção aqui para a diferença entre estabelecimento virtual e a comunidade em si. Assumimos e enfatizamos o ponto de vista de que os usuários apenas criam estabelecimentos virtuais para o surgimento de uma comunidade. Esta, por sua vez, só se configura como tal a partir do momento em que vários membros do Orkut resolvem se adicionar no estabelecimento e permanecem ali por um período de tempo, interagindo entre si regularmente. Entretanto, para o Orkut e seus usuários, só existe a comunidade e o que ela propõe enquanto objeto de discussão. Desse modo, difunde-se o uso do termo “comunidade” e expressões como “criar comunidade”, “filiar-se a uma comunidade”.

Na realidade, os termos estabelecimento virtual e comunidade virtual estão tão imbricados que, à primeira vista, tudo o que vemos e percebemos é apenas a comunidade em si. Na verdade, a condição para o surgimento de uma comunidade é a criação de um estabelecimento virtual, mas nem todo estabelecimento faz surgir uma comunidade.

Com respeito à comunidade de onde colhemos os fóruns de discussão para análise dos processos de referenciação, observamos que a maioria de seus membros partilha algo em comum: o fato de ter algum tipo de vínculo com a UFPA, seja na condição de professor ou de aluno. Por causa disso, inferimos que a probabilidade de seus membros estreitarem seus laços é maior, dado o fato de estarem ligados à mesma instituição e, particularmente, ao mesmo centro acadêmico, e dada a possibilidade de manterem contato no mundo *offline*.

Poderíamos conceber a “Letras e artes – UFPA” como um caso de comunidade nos moldes do que é a WELL, descrita por Rheingold (1993). Nas considerações sobre o estatuto teórico de CV, vimos que esse autor focaliza o sentimento como critério para formação e vínculo entre os sujeitos. A nosso ver, haveria sentimentos de amor, amizade, compaixão etc., se os membros da comunidade “Letras e Artes – UFPA” estendessem suas relações para o mundo *offline*. Mas, apesar de terem facilidade para agendarem esses encontros, já que circulam pelo mesmo espaço *offline*, não vemos eventos especificamente organizados para reunião oficial desses membros, como é o caso da WELL.

Ainda que os membros da comunidade, objeto de nosso estudo, encontrem-se eventualmente, pois é até possível que alguns estudem juntos, não é comum que esses encontros se configurem como reuniões *offline* para discussão dos tópicos da CV a que se vinculam.

Tendo em vista os traços acima descritos dos agrupamentos do Orkut, consideramos esses agrupamentos casos de CVs, uma vez que seus membros se reúnem num espaço virtual, para discutir assuntos que fazem parte de uma espécie de “realidade” comum. Eles partilham de gêneros discursivos que estabelecem a interação e permanecem adicionados ao espaço, de maneira que suas interações são frequentes e estáveis.

3.3.1 Dos fóruns de discussão

Nesta subseção, trataremos dos fóruns de discussão do Orkut, mais especificamente, no que concerne a suas propriedades estruturais, textuais, interacionais e sociais. Para tanto, consideramos importante situarmos nossas observações no lugar teórico que vê as práticas de linguagem como ações sócio-historicamente situadas. Estamos nos referindo aos postulados bakhtinianos que concebem a língua por uma perspectiva dialógica e sócio-histórica.

Ao assumirmos tal perspectiva, fundaremos, mais adiante, uma análise dos processos de referenciação que leva em conta as condições de produção discursiva, por considerarmos que a explicitação dessas condições permite-nos a compreensão dos fenômenos da materialidade textual. Estamos nos referindo ao horizonte extraverbal do enunciado que envolve elementos como o tempo e o espaço históricos, os interlocutores e seus papéis sociais,

os objetivos interlocucionais, e a atitude valorativa dos participantes do evento enunciativo diante do objeto do discurso.

Exploremos, portanto, algumas questões do pensamento bakhtiniano que nos ajudarão a compreender a natureza e o papel funcional dos fóruns de discussão nas comunidades virtuais do Orkut.

As reflexões teórico-filosóficas de Bakhtin são marcadas por um insurgimento contra a tradição formalista (categorizada pelo autor como objetivismo abstrato) que encara o sistema lingüístico como “um fato objetivo externo à consciência individual e independente desta [...]” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2006 p. 93). Segundo as observações desse autor, qualquer procedimento de análise da língua que a isole de seu contexto enunciativo, de seu conteúdo ideológico e, principalmente, que a entenda como sistema de normas imutáveis, possuidor de existência objetiva, é uma falácia, senão, no mínimo, um grave erro.

Há uma passagem interessante em *Marxismo e filosofia da linguagem* que especifica como as formas lingüísticas são apreendidas pelos indivíduos. Segundo Bakhtin/Volochinov ([1923] 2006 p. 98), por ocasião do processo de aquisição da linguagem, essas formas nos são apresentadas “no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso”. Baseado nisso, o autor critica procedimentos de ensino-aprendizagem de língua nos quais a palavra aparece isolada do seu contexto enunciativo.

Bakhtin considera que o enunciado é uma unidade da comunicação discursiva. Na perspectiva bakhtiniana, ele é sempre atravessado por outros enunciados já-ditos, pré-figurados, ou seja,

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos. (BAKHTIN, 2003 p. 294-5).

Nos trabalhos de Bakhtin, como especifica Rodrigues (2005), termos como enunciado e texto, por vezes, se recobrem. O texto, na condição de enunciado, é determinado por dois aspectos:

O seu projeto discursivo [autor e o seu querer dizer] e a realização desse projeto [a produção do enunciado vinculada às condições/coerções da situação social de interação, da língua, do gênero, etc.], sendo que a inter-relação dinâmica entre esses aspectos determina o caráter do texto. (RODRIGUES, 2005, p. 158)

Pelo que percebemos dessas considerações, o enunciado está estreitamente vinculado à situação social que é sua parte integrante e indispensável para a compreensão de seu sentido. No que concerne aos aspectos constitutivos do enunciado que compõem a sua dimensão social imanente, Rodrigues salienta seu horizonte extraverbal, quais sejam, o horizonte espacial, o horizonte temporal e o horizonte axiológico. Os dois primeiros dizem respeito, respectivamente, ao onde e ao quando do enunciado, marcados por um traço histórico, já o último diz respeito à atitude valorativa dos sujeitos participantes do evento enunciativo em relação ao objeto discursivo, a outros enunciados e a seus interlocutores.

As formulações de Bakhtin convergem para a compreensão da língua como entidade concreta marcada constitutivamente por relações dialógicas. A noção de diálogo, delineada no escopo de tais reflexões, vai muito além da alternância de sujeitos num evento comunicativo qualquer, pois entrevê relações entre discursos (vozes) constituídos socioculturalmente.

É no interior desse quadro teórico que Bakhtin elabora sua concepção de gênero discursivo. Conforme salientamos, nós apreendemos as formas lingüísticas não de maneira isolada, mas “em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 2003 p. 261). A esses enunciados Bakhtin denomina gêneros discursivos. Tais *formas de enunciação* refletem justamente as condições e as finalidades de cada esfera específica da atividade humana por meio de sua construção composicional, de seu conteúdo temático e de seu estilo de linguagem (que envolve aspectos relativos à materialidade lingüística).

Como nos aponta Rojo (2005), Bakhtin relaciona o conceito de gênero, principalmente, às noções de dialogismo e cronotopos. Quanto à primeira, já vimos que se trata de uma propriedade imanente aos enunciados, qual seja, o fato de estes serem atravessados por outras vozes. Com respeito à segunda, entendemos que cada gênero se inscreve num espaço e tempo históricos (a esfera social e o momento da enunciação), apresenta um horizonte temático e axiológico (o objeto discursivo, sua finalidade ideológico-discursiva) e um ideal de produtor e interlocutor.

A exemplo de Bakhtin, Rojo (2005) salienta que os gêneros são caracterizados por três dimensões “essenciais e indispensáveis” que são:

Os temas – conteúdos **ideologicamente conformados** – que se tornam comunicáveis (dizíveis) através do gênero;
os elementos das estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos pertencentes aos gênero (forma composicional);

as configurações específicas das unidades de linguagem, **traços da posição enunciativa do locutor** e da forma composicional do gênero (marcas lingüísticas ou estilo) (ROJO, 2005 p. 196)

Essas três dimensões dos gêneros sofrem a determinação tanto dos parâmetros da situação de produção, como da apreciação valorativa do produtor sobre o objeto de seu discurso e sobre aqueles a quem seu discurso se dirige.

Em suma, cada esfera da atividade humana prevê a circulação de gêneros específicos, regulamentadores da interação. As relações que os sujeitos estabelecem nessas esferas são estruturadas e determinadas pelas formas de organização e de distribuição de seus papéis e lugares sociais. Também as finalidades ou intenções comunicativas, bem como os temas abordados dizem muito do campo de atividade onde o gênero circula. Portanto, os gêneros refletem um “conjunto específico de temas e de relações nas formas e estilos de dizer e enunciar” (ROJO, 2005 p. 197), ancorado na situação específica de sua produção.

Como percebemos, o trabalho do analista de vezo bakhtiniano não se restringe à descrição de aspectos da materialidade textual, mas engloba, acima de tudo, “a busca da significação, da acentuação valorativa e do tema, indicados pelas marcas lingüísticas, pelo estilo, pela forma composicional do texto” (ROJO, 2005 p. 198). Para isso, o analista elege a seguinte ordem metodológica de análise:

- 1) As formas e os tipos de interação em ligação com as condições concretas em que se realiza.
- 2) As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, i. é, *as categorias dos atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal (leia-se, gêneros; ênfase adicionada)*²⁷.
- 3) A partir daí, exame das formas da língua em sua interpretação lingüística habitual.

Semelhante a esse percurso é o estabelecido por Rodrigues (2005) quando de seu estudo sobre o gênero artigo de opinião. A autora elege uma ordem metodológica para o estudo da língua sob uma abordagem de cunho sociológico. Em sua metodologia, ela propõe duas etapas de análise: uma que parte de aspectos ligados à dimensão social do artigo (o locutor e sua posição de autoria, o(s) interlocutor(es), seus papéis sociais); outra que parte da sua dimensão verbal (conteúdo temático e a mobilização dos recursos estilístico-composicionais para a efetivação do projeto-de-dizer do autor).

²⁷ Grifos da autora.

Com vistas a orientarmos a análise da dimensão verbal do fórum, formulamos questionamentos semelhantes aos que direcionam a pesquisa de Rodrigues (2005). Tais indagações são as seguintes: o que motiva o acontecimento do fórum, ou seja, ele é uma reação-resposta a quê, a quem?; como essa reação se manifesta no fórum?; em que lugar social o autor se posiciona?; qual a sua orientação valorativa diante do que diz?; como e a partir de que e de quem ele constrói sua orientação axiológica?; como tudo isso se inscreve materialmente no fórum?

Consideramos que os resultados desses questionamentos, aplicados ao gênero em foco, serão de muita valia para a compreensão do fenômeno da referenciação anafórica com núcleos nominais, no ambiente virtual do Orkut.

Começamos, então, por salientar que o caráter de sociabilidade atribuído às comunidades virtuais do Orkut nos obriga a conferir o estatuto de gênero ao fórum de discussão, levando-se em consideração um dos principais postulados bakhtinianos, a saber, cada campo da atividade humana “elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados [...]”, organizadores e reguladores da interação (BAKHTIN, 2003 p. 262).

Mas qual, de fato, é a função dos fóruns? Dizer que apenas constituem o lugar de interação entre os membros das comunidades do Orkut implica diminuir a complexidade desse artefato e, sobretudo, minimizar a importância que ele tem para estabilidade dessas comunidades²⁸.

Com efeito, tais associações virtuais são criadas em torno de uma temática específica com a qual os sujeitos se identificam. Esse tema geral atua como um *frame* que, grosso modo, mapeia os assuntos a serem discutidos nos fóruns. Os fóruns, por sua vez, são encarados pelos membros da comunidade como uma oportunidade para se manifestarem, para se posicionarem a respeito do que é postado. As constantes interações verificadas nos fóruns conferem o caráter de organização social às comunidades e instituem-nas como tal.

Há casos de comunidades em que a motivação para os sujeitos criarem tópicos para discussão provém de algum acontecimento em voga no mundo *offline*. Dito de outro modo, existem comunidades no Orkut²⁹ em que os fatos discutidos nos fóruns estão ancorados no momento sócio-histórico vivenciado por seus membros. Como exemplo disso, podemos citar

²⁸ Entendemos que as comunidades do Orkut se estabilizam pela interação constante entre seus membros, por meio de gêneros como os fóruns de discussão. Entretanto, a falta de interação não implica o cancelamento automático da comunidade pelo sistema, apenas a sua “morte” do ponto de vista social.

²⁹ Obviamente, estamos pensando no caso da comunidade que elegemos para análise, qual seja, a “Letras e Artes-UFPA”. Estamos cientes da existência de comunidades cujos assuntos discutidos nos fóruns não têm qualquer relação com fatos em voga no mundo *offline* como é o caso da comunidade “Tenho saudade de...” em que os participantes relatam fatos de seu passado que lhe trazem boas recordações.

o fórum “Indignados!!!”, que surge logo após os resultados da eleição para os dirigentes do Centro de Letras e Artes da UFPA, em 2006. Os participantes desse fórum polemizam os resultados dessa eleição e, principalmente, a “fórmula” aplicada na contagem dos votos.

Apenas os integrantes da comunidade podem criar tópicos de discussão. Isso não significa que usuários do Orkut, que não são membros, fiquem impedidos de acessá-los. Em muitos casos, a consciência de que o conteúdo dos fóruns está ao alcance de qualquer usuário é expressa explicitamente por seus produtores. Encontramos um caso desse tipo no fórum “Professor Bomba!!!” em que uma participante se questiona sobre a possibilidade de seu professor ter mudado de comportamento após a leitura das mensagens postadas:

	FPB/MSG39 (Confirmação)
D	... pegamos o ‘tal’ professor e no início desse novo semestre ele pareceu estar bem mais empenhado e parece ainda querer ser melhor do que no semestre passado, talvez, <i>quem sabe, ele não deu uma olhadinha aqui e quis melhorar?</i> ”.

Os fóruns de discussão têm seu horizonte temático orientado para a manifestação da atitude valorativa dos participantes sobre determinado aspecto relacionado ao tema da comunidade onde se inserem. No caso do “Professor Bomba!!!” e do “Indignados!!!”, a atitude valorativa dos participantes se direciona a algum fato ou acontecimento do mundo presencial.

A estrutura de interação nesse gênero funciona da seguinte maneira: um sujeito integrante da comunidade cria um tópico específico para discussão cujo conteúdo tem dupla orientação, a saber, instaura-se em resposta a acontecimentos, fatos, aspectos relacionados à temática da comunidade e ao mesmo tempo incita uma atitude responsiva-ativa dos sujeitos membros da comunidade. Aquele que se manifesta em resposta assume o “turno” e instaura um determinado participante ou todos os membros da comunidade como seus interlocutores. Nesse sentido, é tecida uma rede interativa, em que o sujeito, na posição de produtor (ao assumir o “turno”), direciona sua mensagem a um indivíduo específico ou aos demais participantes do fórum. Não é tarefa difícil identificar os indícios desse movimento, pois sempre que a interação se dá numa esfera localizada³⁰, o destinatário da mensagem é explícita ou implicitamente apontado em seu corpo, ou no espaço dedicado ao título, como no exemplo que segue.

³⁰ Um autor endereça sua mensagem a um determinado interlocutor, selecionado do conjunto de todos os membros da comunidade.

	FI/MSG21 (<i>Discordo do 'F',</i>)
D	não houve circo armado algum, a chapa vencedora poderia ser também vítima do mesmo processo a essa altura.

Refletir sobre o sujeito, enquanto produtor de mensagens nos fóruns de discussão, nos obriga a levar em conta o fato de estarmos lidando com indivíduos que falam de um lugar social específico e projetam imagens relativas a esse lugar. No caso de nosso corpus, foi possível mapear as posições sociais assumidas pelos sujeitos da interação: na maioria dos casos, uns falam enquanto alunos; outros, enquanto professores. E, obviamente, o conjunto de ideologias materializadas nos discursos dos participantes encontra ressonância em tais posições.

O exemplo do fórum “Professor Bomba!!!”, a seguir, é interessante para ilustrarmos esses lugares sociais. Geralmente, aqueles que acatam a idéia do tópico, qual seja, a de “botar pra ferrar” com os “bombas”, falam da posição de alunos e ancoram seu ponto de vista na própria experiência, a saber, a de serem estudantes do curso de Letras da UFPA.

	FPB/MSG4 (<i>Discordo de você</i>)
D	Acho a proposta do M muito boa, podemos usar esse espaço para que os professores entendam que <i>como acadêmicos</i> , precisamos do compromisso, que muitos não tem....

Já os que criticam a proposta do tópico, freqüentemente, projetam-se na posição social de docente, como é o caso da mensagem que segue.

	FPB/MSG31 (<i>INTERESSANTE TÓPICO, MAS ACHO QUE FALTA ALGO</i>)
P	[...] Fica parecendo que só o que importa para os alunos de Letras (já que estão nessa comunidade Letras e Artes) é saber o lado negativo dos professores.

Poderíamos dizer que, pelo fato de os participantes dos fóruns estarem engajados numa interação virtual e, portanto, livres de algumas das pressões sociais normalmente sentidas numa interação face a face, a relação entre eles é simétrica. Mas esse não é exatamente o caso dos fóruns que coletamos, pois a presença do docente (eleito no pleito), enquanto participante da discussão, afeta consideravelmente a maneira como os demais participantes conduzem a discussão. Para sermos mais claros, exemplificaremos com as seguintes mensagens do “Indignados!!!”:

	FI/MSG17 (Uma análise do processo, que foi td menos eleição)
F	Foi “um circo armado” pra legitimar a escolha de um grupo, isso que deixa as classes docente e discente "indignados"! Pois são maioria, e foram apenas usados pra legitimar a escolha dos técnicos administrativos. [...]
	FI/MSG18 (Cumprimentos)
F	[...] Parabéns aos Prof's. Henri e 'G' pela vitória, que foi fruto de uma campanha bem calculada, direcionada a minoria que detém o poder de decisão no processo. Tendo assim a certeza da vitória do início ao fim, graças aos 31 votos conquistados no mano a mano.
	FI/MSG22 (MUITO OBRIGADA PELA FALTA DE RESPEITO)
G	Obrigada, especialmente ao 'F', que me parabeniza ironicamente pelos resultados da eleição à Direção do CLA. Obrigada por não saber quem eu sou, por não saber de minha luta, de meu trabalho, de minha angústia por estar lendo, nessa comunidade, o resultado não de uma eleição, mas de um processo de luta que há mais de 16 anos venho desenvolvendo por várias regiões do país.
	FI/MSG45 (Esclarecimentos)
F	Fui muito duro ao dizer que "foi um circo armado", expressei-me mal. Não houve o interesse da parte de ninguém de criar uma farsa, não é culpa das chapas, mas sim de todos envolvidos na organização por permitirem um modelo tão anti-democrático em relação a vontade da maioria.
	FI/MSG46 (Professora 'G')
F	Minhas críticas aqui não são de caráter pessoal. Não tenho nada contra a senhora. Pelo contrário, eu a admiro muito [...] Eu não penso, nem cogito a possibilidade de sua chapa ter armado pra ganhar. Expressei-me mal e equivocadamente se assim me fiz entender.

Pela leitura das duas primeiras mensagens postadas, percebemos que a preocupação é pouca ou nenhuma com os sujeitos envolvidos no processo eleitoral, para a direção do CLA. Na verdade, muitos participantes desse fórum insinuam fatos e não se preocupam com a preservação da face dos sujeitos referidos. Esse é o caso de 'F' (MSG17) quando afirma que o pleito foi armado para escolher a chapa vencedora. Além disso, esse participante parabeniza ironicamente os eleitos, expondo ainda mais a face deles.

Mas 'F' (MSG45) muda de comportamento a partir do momento em que 'G' (membro da chapa eleita no pleito) se manifesta em MSG22. Nessa mensagem, 'G' fala na condição social de professor para 'F', parabenizando-o ironicamente por este desconhecer a trajetória de sua luta acadêmica. Em MSG45, 'F' muda seu tom agressivo e reconhece que foi “muito duro ao afirmar que a eleição ‘foi um circo armado’”. Além disso, esclarece, em MSG46, que suas críticas não são de caráter pessoal e salienta sua admiração por 'G'. Essa mudança de comportamento talvez se deva, em parte, pelo fato de o docente eleito no pleito estar participando da discussão, e mais, de ser objeto referido nela.

As relações, muitas vezes de cunho hierárquico, existentes no mundo *offline* parecem exercer influência sobre aquilo que os interagentes dos fóruns dizem e sobre o modo como o dizem. Essa observação encontra eco em Bakhtin/Volochínov ([1929] 2006 p. 116) quando afirma que a “palavra [...] variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por razões sociais mais ou menos estreitas [...]”. Essa influência que as relações do mundo *offline* exerce sobre os interactantes dos fóruns observados é uma particularidade destes, uma vez que não é comum a existência de relações assimétricas³¹ entre os participantes dos fóruns de discussão do Orkut em geral. Porém, como os sujeitos membros da comunidade “Letras e Artes -UFPA” possuem algum tipo de vínculo ou como docente, ou como discente dessa instituição, esses vínculos, a nosso ver, são exportados para o mundo virtual.

Convém agora discutirmos aspectos relativos à dimensão dialógica do fórum de discussão e, principalmente, apontarmos de que modo essa faceta é marcada na superfície dos textos. Como já observamos anteriormente, o principal dado que caracteriza o fórum é o fato de ele se constituir enquanto expressão da atitude valorativa de seu proponente sobre eventos ligados, de algum modo, ao tema da comunidade ao qual se vincula. Esse sujeito orienta seu ponto de vista para uma audiência específica (os membros da comunidade ao qual o fórum se vincula), mas nem sempre seu posicionamento é acatado. O fórum se constrói, então, quando os demais membros da comunidade respondem ao ponto de vista do proponente do fórum ora para refutá-lo, ora para assimilá-lo. O enunciado de cada participante mantém relações dialógicas com outros enunciados já postados ou não, e funciona, em contrapartida, como “pergunta” para as manifestações subseqüentes. Na verdade, é dessa relação dialógica que o produtor da mensagem constrói seu objeto discursivo e suscita a reação-resposta de seu interlocutor.

Existem dois tipos de relações dialógicas que dão corporeidade ao gênero. A primeira está ligada à própria emergência do fórum, isto é, um membro de uma comunidade do Orkut cria um tópico que, de alguma maneira, institui-se como reação-resposta a algum aspecto relacionado ao tema geral dessa comunidade. No caso específico dos fóruns que ora analisamos, essa atitude responsiva-ativa dirige-se a um conjunto de enunciados, acontecimentos ou fatos em voga no mundo presencial. A segunda diz respeito a relações dialógicas estabelecidas internamente (no fórum) quando um participante constrói seu

³¹ Estamos cientes de que este termo é recorrente na análise da conversação e diz respeito, particularmente, a uma situação de conversação em que apenas um dos interagentes detém a posse do turno por mais tempo, relegando ao outro a condição de ouvinte. Entretanto, nesta pesquisa, referimo-nos, quando do uso deste termo, às relações de poder estabelecidas entre os parceiros de um ato interativo qualquer.

enunciado em resposta ao de outro participante³². Não muito diferente do que postulou Rodrigues (2005) em sua descrição do gênero artigo de opinião, verificamos que existem, nos fóruns de discussão ora observados, dois movimentos dialógicos, quais sejam, o de assimilação e o de distanciamento. Dito de outro modo, o autor de uma mensagem dialoga com outros enunciados ora assimilando-os, ora refutando-os, tendo em vista o atingimento de seus objetivos interlocucionais.

Para entendermos melhor esses movimentos, tomemos o fórum “Professor Bomba!!!”. Seu criador propõe que os alunos de Letras da UFPA elejam e critiquem os professores, cuja “conduta” não atendeu aos interesses acadêmicos desses alunos num período de tempo específico, conforme se observa na mensagem a seguir.

	FPB/MSG1 (Professor Bomba!!!)
A	Usemos esse espaço p falar das ‘bombas’ q foram nossos queridos professores neste semestre. Isto é bom pq trocamos informações sobre essas excelentes condutas...”.

O criador desse fórum “pinça” do mundo *offline* um fato, uma situação experimentada por seus interlocutores, qual seja, a de terem sido alunos de professores descompromissados, relapsos, ausentes, etc. Em outros termos, o conteúdo do tópico proposto mantém relações dialógicas com um conjunto de enunciados que circula no mundo acadêmico da UFPA, mais especificamente, nos cursos de graduação em Letras, onde há professores que não agradam, pela sua conduta, o segmento discente. É fácil perceber a estratégia usada pelo proponente do tópico para conseguir o apoio de seus interlocutores: ele se coloca na posição de aluno (evidenciado pela 1ª pessoa do plural) e assimila um conjunto de enunciados que tem a ver com um dos problemas enfrentados pelos alunos de Letras dessa instituição de ensino. Em suma, o fórum emerge como reação-resposta a comportamentos frequentes de certos professores, que são reprovados tanto pelo criador do tópico quanto por seus interlocutores. Temos, assim, um caso em que a orientação apreciativa do proponente do fórum se constrói a partir da assimilação de enunciados já-ditos, provenientes de uma situação sócio-histórica comum aos participantes.

A partir da introdução dessa proposta de discussão é que surgem os enunciados-respostas que vão instaurar a polêmica no fórum. No caso do “Professor Bomba!!!”, nem todos acatam a idéia de criticar os docentes da UFPA. O participante B (MSG6), por exemplo,

³² Nesse caso, o enunciado do outro é retomado para ser refutado ou assimilado, dependendo do grau de concordância entre os interlocutores.

reage contra o posicionamento de ‘D’ (MSG4), valorando negativamente o que este último considera como “críticas construtivas”.

	FPB/MSG4 (Discordo de você)
D	Acho a proposta do ‘A’ muito boa, podemos usar esse espaço para que os professores entendam que como acadêmicos, precisamos do compromisso, que muitos não tem, principalmente os substitutos, temos aqui a pequena chance de tentar sensibiliza-los, já que sendo "negativados" eles terão a oportunidade tanto de se defenderem quanto fazerem uma reflexão sobre seus comportamentos e quem sabe até mudarem...[...] Que venham as críticas CONSTRUTIVAS para os professores...
	FPB/MSG6 (‘D’,)
B	se tens mesmo alguma crítica a fazer, porque não te diriges ao professor em questão e, numa conversa particular, expõe teus pensamentos? [...] fazer as críticas aqui parece mais <i>uma tentativa de chacota do que propriamente uma tentativa de ajudar o professor</i> ”.

Observamos claramente, nesse caso, um movimento dialógico de distanciamento³³ em que o enunciador ‘B’ retoma e desqualifica o enunciado de ‘D’ por meio da proposição em itálico (o conteúdo da mensagem de ‘B’ constitui-se como atitude responsiva-ativa àquilo que foi postado por ‘D’ anteriormente).

Com respeito ao fórum “Indignados!!!”, a principal polêmica gira em torno da aceitação/não aceitação de que o processo eleitoral para dirigentes do CLA foi “um circo armado” para eleger uma das chapas concorrentes. Na verdade, há um embate ideológico entre participantes que defendem a vitória da chapa eleita e participantes que criticam o resultado do pleito, portanto, a legitimidade dessa vitória. As mensagens a seguir colocam em cena esse embate.

	FI/MSG17 (Uma análise do processo, que foi td menos eleição)
F	<i>Foi um circo armado pra legitimar a escolha de um grupo</i> , isso que deixa as classes docente e discente "indignados"! Pois são maioria, e foram apenas usados pra legitimar a escolha dos técnicos administrativos.
	FI/MSG21 (Discordo do ‘F’)
B	<i>Não houve circo armado algum</i> , a chapa vencedora poderia ser também vítima do mesmo processo a essa altura. Agora vc fala atribuindo sutilmente a culpa de todos para um só.

³³ O sentido do termo “distanciamento”, tomado aqui neste trabalho, é aquele em que determinado participante não assimila, não concorda com o ponto de vista de outro participante, e não o da análise da conversação que diz respeito à falta de sintonia do(s) interlocutore(s) com o assunto da conversa.

É visível, nas mensagens supracitadas, um movimento dialógico de refutação em que determinada porção do discurso de ‘F’ é retomado por ‘B’, mas introduzido pelo advérbio de negação como marca de distanciamento.

Nos movimentos de assimilação e de distanciamento, o autor de uma mensagem frequentemente lança mão de recursos como expressões avaliativas, aspas, negação, operadores argumentativos, ironia, para enquadrar o discurso do outro e avaliá-lo conforme seu projeto-de-dizer.

No trecho a seguir, um dos participantes do fórum “Professor Bomba!!!” manifesta-se contra a proposta do tópico. Observe-se como o trecho em itálico demarca a atitude de desaprovação do enunciador em relação à proposição do tópico.

	FPB/MSG2 (Sem título)
B	<i>não, não acho legal</i> usar esses espaço pra criticar os professores. [...] Não merecem mais essa [...] E mais: tu propões que as pessoas postem ‘anonymous’. É uma <i>atitude covarde</i> , não achas? [...]

Expressões também são usadas para qualificar positivamente o discurso do outro, assimilando-o. Veja-se um exemplo, ainda no fórum supracitado, em que o autor, diferentemente do caso anterior, dá outro acento de valor à proposta do tópico.

	FPB/MSG4 (Discordo de você)
D	Acho a proposta do B <i>muito boa</i> , podemos usar esse espaço para que os professores entendam que como acadêmicos, precisamos de compromisso [...].

Porém, nem sempre o enunciado do outro é totalmente refutado. No exemplo que segue, a ocorrência do operador argumentativo “mas”, seguido da negação, especifica exatamente em que aspecto os dois discursos divergem.

	FI/MSG35 (Mais esclarecimenotos ao ‘A’)
B	[...] A proposta da prof ‘P’ é BEM MELHOR E MAIOR (mais global e mais politicamente correta), <i>mas não acho</i> que extinga a importância que este tópico tenha tido e/ou tenha para muito de nós [...].

Outro mecanismo recorrente, usado pelo produtor para enquadrar vozes com as quais ele dialoga, são os rotuladores metadiscursivos. Como veremos no capítulo 4 trabalho,

essa é a estratégia de referenciação por meio da qual o produtor rotula uma porção textual precedente, dando-lhe estatuto de objeto discursivo. O rótulo escolhido expressa a apreciação valorativa do produtor sobre as informações empacotadas e denota o grau de adesão a elas. Observe-se o seguinte exemplo:

	FI/MSG2 (Eleições para todos, Lucas)
B	[...] Caro Lucas, vc vem se manifestando com <i>um discurso bastante excludente</i> , agora atacando os funcionarios, tirando a liberdade deles escolherem o candidato que os representem para ter que votar no candidato que vc quer [...].

É nítida, na mensagem acima, a valoração negativa que ‘B’ dá ao enunciado de seu interlocutor por meio do rotulador em destaque. Na verdade, o núcleo desse mecanismo tem uma significação quase neutra, portanto, é o axiológico “bastante excludente” que enquadra ao mesmo tempo em que desqualifica o discurso de Lucas.

Todos os exemplos supramencionados estão relacionados aos casos em que o enunciado do outro, com o qual o produtor de uma mensagem postada mantém relações dialógicas, advém da esfera interna do próprio fórum, isto é, o autor de uma mensagem refere-se implícita ou explicitamente ao que um participante do fórum enunciou em determinado ponto da discussão, ora para refutar, ora para assimilar³⁴ o que este disse. É possível até rastrear onde, exatamente, o conjunto de enunciados referidos foi postado.

Na contrapartida do movimento supracitado, o autor de uma mensagem do fórum, freqüentemente, chama para o interior de seu discurso vozes externas com vistas ao fortalecimento de seu ponto de vista. Veja-se o exemplo em que tal estratégia é empregada por um dos participantes do “Indignados!!!”, para provar que sua chapa, vencedora na eleição para o CLA, não recebeu apoio apenas dos funcionários, mas também de uma parte considerável de alunos.

	FI/MSG22 (MUITO OBRIGADA PELA FALTA DE RESPEITO)
G	[...] Os alunos do DLLV, alguns de comunicação e do DLLE (ao todo 17) <i>me chamaram para uma reunião numa quinta à tarde, no bloco L</i> . Tal minha surpresa, qdo fui colocada no centro da roda para ouvir as suas reivindicações. Estavam com as propostas de nossa chapa em mãos. <i>Pediam para tirar isso e colocar aquilo</i> [...].

³⁴ Gostaríamos de reforçar que adotamos a expressão “movimento dialógico de assimilação”, criada por Rodrigues (2005), para categorizar o enquadramento de outras vozes no discurso do produtor, avaliadas de maneira positiva e usadas como expediente fortalecedor de seu ponto de vista.

Chamamos atenção para os verbos que introduzem o discurso do outro (dos alunos) no interior da mensagem. Tais escolhas produzem, estrategicamente, o efeito de democracia, de participação, de interesse e engajamento do corpo discente às propostas eleitorais de 'G' (membro da chapa eleita no pleito). O propósito aí focalizado é desautorizar o posicionamento daqueles que afirmam ter sido o resultado da eleição a expressão da vontade de poucos.

Como podemos ver, nos fóruns de discussão que aqui analisamos, a orientação para o discurso do outro e sua incorporação são aspectos determinados em função do horizonte interlocucional desse gênero. Esses discursos são provenientes do universo interno ou externo ao fórum e sua retomada (implícita ou explícita) justifica-se como estratégia argumentativa por meio da qual o produtor do texto constrói seu ponto de vista ao mesmo tempo em que busca a adesão de seu(s) interlocutor(es).

Acreditamos que as facetas do movimento dialógico discutidas não esgotam todas as possibilidades do gênero ora em foco, mas para o alcance de nossos propósitos neste trabalho, elas nos bastam. A discussão sobre as dimensões sócio-histórica e verbal nos serão de muita valia para a compreensão dos efeitos de sentido provocados pelo emprego de estratégias de referência anafóricas com núcleos nominais, sobretudo porque essas estratégias estão a serviço dos propósitos interlocucionais do produtor do texto e orientam-se argumentativamente para outros participantes.

No capítulo que segue, faremos um retrospecto dos principais postulados que se ocuparam do fenômeno da referência nas línguas naturais até chegarmos à teoria da referência. É nesse lugar teórico que ancoramos nossas observações sobre as estratégias supracitadas.

4 O QUADRO TEÓRICO DA REFERENCIAÇÃO

Quem acredita que o problema da referência surgiu na agenda lingüística da contemporaneidade está completamente equivocado, pois, como bem salienta Marcuschi (2004), a reflexão sobre o modo pelo qual os seres humanos discretizam o mundo por meio da linguagem sempre esteve na ordem do dia de filósofos, lingüistas e psicólogos, ainda que com matizes teóricos diferentes.

Podemos dizer que há dois principais modelos teóricos que explicam o fenômeno da referência, quais sejam, a teoria correspondentista ou extensionalista e a teoria sociocognitivo-interacionista. A primeira delas baseia-se numa concepção de língua como *estrutura* e de sujeito como entidade *assujeitada* pelo sistema que não tem consciência do que faz ou diz. A segunda baseia-se numa visão de língua como atividade/lugar de interação e de sujeito como entidade ativa que constrói/reproduz, nas interações, o mundo social do qual faz parte³⁵.

Mas como, de fato, esses dois pontos de vista constituem-se sobre a relação língua x mundo? Reformulando a pergunta, o que muda de uma concepção para a outra?

Quando pensamos pelo viés extensionalista, assumimos a idéia de que o mundo a nossa volta está pronto, isto é, discretizado, cabendo à língua o papel de etiquetá-lo para fins de comunicação. De maneira mais clara, a língua funciona como instrumento que nos serve para espelhar um mundo “apriorístico” em que vivemos.

Esse posicionamento teórico foi consideravelmente alterado por Saussure quando ele propõe a teoria do signo como entidade de duas faces, que une um conceito a uma imagem acústica e não uma coisa a uma palavra. Mas, apesar dessa significativa contribuição, a visão extensionalista de língua ainda persistiu porque, segundo o pesquisador, o conceito a que um elemento lingüístico se refere é tão somente estático, ontológico e recoberto apenas pela função referencial da língua. Nesse sentido, a língua configura-se como sistema rígido cujo léxico se refere a elementos dados “a priori”.

Ainda no que diz respeito a Saussure, é possível considerarmos que seu trabalho contribuiu em outros aspectos para a solidificação dessa visão ontológica de linguagem. Podemos destacar o fato desse autor suprimir a “parole” do cenário da investigação lingüística por ser, segundo ele, acessória e por constituir-se como obstáculo epistemológico para o

³⁵ Ver Koch, 2006.

lingüista. Esse obstáculo diz respeito ao fato de a fala ser, para o autor, algo individual e instável. O recorte do lingüista é a língua que se configura como fenômeno estável e passível de análise.

Ao ignorar a fala e, conseqüentemente, os sujeitos da enunciação, os estruturalistas negligenciam fatores de ordem diversa, tais como, propósitos interlocucionais e papéis sociais dos produtores, discursos em jogo, conhecimentos compartilhados, aspectos do contexto histórico e da estrutura social, etc. A nosso ver, esses fatores são responsáveis por boa parte da configuração impressa à língua no momento da enunciação. Eles explicam a instabilidade das categorias que justamente anula a tese de uma semântica de base extensionalista.

Entretanto, o problema da referência não se resolve negando a relação língua x mundo. Não podemos supor que cabe a indivíduos particulares o poder de criar mundos à vontade, relativizando toda a questão. Simplesmente não acreditamos num posicionamento teórico que concebe a língua como instrumento mapeador da realidade. Diversas análises têm demonstrado que essa visão não se sustenta mais. Podemos citar o famoso exemplo de Mondada e Dubois (2003) sobre o fato de a cenoura ter sido considerada como fruta pela Comunidade Européia (CE), a fim de que Portugal pudesse exportar sua geléia de cenoura. A CE jamais aceitaria geléias à base de legumes se não houvesse motivação para isso.

Com base nesse exemplo, supomos que é muito mais produtivo considerarmos a língua como sistema simbólico, cuja semântica se constrói situadamente, do que como sistema ontológico.

Agora fica-nos a pergunta: de onde advém esse posicionamento teórico? Foram necessários alguns anos de pesquisa, um trabalho significativo da filosofia, da psicologia e da lingüística, para se chegar a uma explicação plausível sobre o ato de referir. Essa explicação surge com a perspectiva sociocognitivo-interacionista.

Segundo essa perspectiva, não se toma como estanque a relação entre os processos cognitivos que ocorrem dentro da mente dos sujeitos e os processos que ocorrem fora dela, como queriam os cognitivistas clássicos. Por esse viés, a cognição passa a ser entendida como um fenômeno *situado*, isto é, “não é simples traçar o ponto exato em que cognição está dentro ou fora das mentes, pois o que existe aí é uma inter-relação complexa” (Koch, 2004 p. 31). Postula-se, então, que há uma inter-relação entre os processos cognitivos internos e tudo o que diz respeito à situação imediata na qual os sujeitos estão engajados.

Por esse ponto de vista, considera-se que o trabalho lingüístico se dá numa ação conjunta entre indivíduos situados em “contextos sociais, com finalidades sociais e com

papéis distribuídos socialmente. Os rituais, os gêneros e as formas verbais disponíveis não são em nada neutros quanto a este contexto social e histórico” (KOCH, 2004, p. 32).

Pelo que depreendemos dessas considerações, se as formas da língua não são em nada neutras, isto é, se elas sofrem determinações dos propósitos interlocutivos dos falantes/escreventes e do contexto histórico e sociocultural da enunciação, então não existe um sistema homogêneo de etiquetas para mapear a realidade. Dito de outro modo, as categorias lingüísticas (re)constroem-se na atividade lingüística situada.

Ainda por essa perspectiva, Marcuschi (2004, p. 264) salienta que o estabelecimento dos sentidos sempre se dá “no contexto de uma relação com o outro situado numa cultura e num tempo histórico e esta relação sempre se acha marcada por uma ação”.

No que tange ao fenômeno da referência, esse autor salienta que, talvez, “o segredo da cognição e dos modos de dizermos o mundo esteja não na relação linguagem-mundo ou pensamento-mundo e sim nas atividades sociais, históricas e cognitivas realizadas no ato de dizer” (MARCUSCHI, 2004, p. 264).

Chegamos a um ponto em que os estudos da referência deslocam-se metodologicamente da representação para a ação. Surge, dessa maneira, a teoria da referenciação.

4.1 O FENÔMENO DA REFERENCIAÇÃO

Uma vez aceito que as categorias lingüísticas não espelham as categorias mundanas, como especificam as teorias ontológicas, permanece a interrogação: que tipo de objeto a língua, numa atividade sociodiscursiva situada, refere?

Marcuschi (2004, p. 263) nos dá a resposta para essa questão quando afirma, baseado em Borges Beto, que “o significado não é uma entidade e sim uma relação e não propriamente uma relação entre um item lexical e um objeto do mundo e sim uma relação entre uma expressão lingüística e algo não lingüístico”

Esse algo não lingüístico não precisa existir no mundo físico para ser referido, e é exatamente por isso que somos capazes de falar sobre seres mitológicos, tais como fadas, duendes, gigantes, e entidades do discurso religioso, tais como Deus, satanás, inferno, etc., cujos referentes não encontramos materializados no mundo real.

Compreendendo o fenômeno dessa maneira, assumimos que a língua não é um sistema ontológico que “carrega em si o mundo”. E mais, que as categorias lingüísticas são produtos de processos semióticos complexos, observados no interior de relações intersubjetivas contextualizadas. Desse modo, a referência é “aquilo que designamos, representamos, sugerimos, quando usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como *objetos-de-discurso* e não como *objetos-do-mundo*” (KOCH, 2006 p. 57).

Conforme Mondada e Dubois (2003), esses *objetos-de-discurso* são instáveis, uma vez que sofrem as determinações do ponto de vista adotado pelo enunciador do discurso. As implicações desse posicionamento teórico incorrem num redirecionamento metodológico quanto ao problema da referência:

A questão não é mais avaliar a adequação de um rótulo “correto”, mas de descrever em detalhes os procedimentos (lingüísticos e sócio-cognitivos) pelos quais os atores sociais se referem uns aos outros – por exemplo, categorizando qualquer um como sendo “um homem velho”, em vez de um “banqueiro”, ou de um ‘judeu’ etc., tendo em conta o fato de algumas destas categorias poderem ter, eventualmente, conseqüências importantes para a integridade da pessoa. (MONDADA ; DUBOIS, 2003, p. 23).

Pelo que observamos nessas considerações, as operações de (re)categorização são produto de processos lingüísticos e sócio-cognitivos verificados no interior de relações intersubjetivas. Assim, as entidades referidas nos discursos são instáveis, porque passam pelo filtro ideológico de sujeitos históricos. Sobre essa questão, vale a pena citar o que consideram Mondada e Dubois (2003, p. 29):

A instabilidade das categorias está ligada a suas ocorrências, uma vez que elas estão situadas em práticas: práticas dependentes tanto de processos de enunciação como de atividades cognitivas não necessariamente verbalizadas; práticas do sujeito ou de interações em que os locutores negociam uma versão provisória, contextual, coordenada do mundo.

Os processos de estabilização, como especificam essas autoras, são resultados de um “ponto de vista realista que relaciona as categorias às propriedades do mundo - como se a objetividade do mundo produzisse a estabilidade das categorias - no lugar de relacioná-las aos discursos históricos e aos procedimentos culturalmente ancorados” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 27).

Consideramos então que, numa atividade lingüística, os sujeitos criam suas próprias versões do mundo a partir de uma percepção marcada pelas condições históricas,

sociais e culturais vigentes. Essas versões mundanas são produto de práticas de linguagem e não, resultado de uma atividade absolutamente subjetiva e isolada.

Em suma, podemos dizer que a referenciação constitui-se como uma atividade discursiva, em que os sujeitos, por ocasião da interação verbal, fazem escolhas lingüísticas orientadas por um projeto-de-dizer. Essas escolhas refletem a complexidade de nossa relação com o mundo, uma vez que o reelaboramos a cada novo lance do jogo enunciativo, conforme nossos propósitos interlocucionais.

Apothèloz e Reicher-Béguelin (1999, apud KOCH, 2006, p. 58) consideram que “o discurso constrói aquilo a que faz remissão ao mesmo tempo que é tributário dessa construção” e mais, “todo discurso constrói uma representação que opera como uma memória compartilhada [...] publicamente alimentada pelo próprio discurso”. É pelo fato de o mundo ser construído discursivamente que nos sentimos à vontade para operar transformações nos objetos a que nos referimos, tendo em vista nosso objetivo interlocutivo.

Com essas últimas considerações eliminamos de vez qualquer explicação do fenômeno da referência pelo viés extensionalista, e passamos a tratá-lo como atividade simbólica complexa. Agora convém problematizarmos como se dá o processamento discursivo da construção e recategorização dos referentes. É justamente esse o objeto de nossas subseqüentes reflexões.

4.2 DINÂMICA DAS ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO NO MODELO TEXTUAL

Segundo as considerações de Apothèloz e Reicher-Béguelin (1999, apud KOCH, 2006), os discursos atuam como uma espécie de memória compartilhada entre os interlocutores. A existência dessa memória discursiva implica que os objetos discursivos, uma vez introduzidos no texto, são suscetíveis de serem retomados, sempre que forem “desativados” no decorrer do processo de construção textual.

Com base nisso, Koch (2006, p. 63) faz um esboço das principais estratégias de referenciação que atuam na constituição do modelo textual:

1 Construção/ativação: pela qual um “objeto” textual até então não mencionado é introduzido, passando a preencher um nóculo (“endereço” cognitivo, locação) na rede conceitual do modelo de mundo textual: a expressão lingüística que o

representa é posta em foco na memória de trabalho, de tal forma que esse “objeto” fica saliente no modelo.

2 Reconstrução/reativação: um nóculo já presente na memória discursiva é reintroduzido na memória operacional, por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto-de-discurso permanece saliente (o nóculo continua em foco).

3 Desfocalização/desativação: ocorre quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, passando a ocupar a posição focal. O objeto retirado de foco, contudo, permanece em estado de ativação parcial (*stand by*), podendo voltar à posição focal a qualquer momento; ou seja, ele continua disponível para utilização imediata na memória dos interlocutores.

A repetição constante dessas estratégias estabiliza o modelo textual, mas ao mesmo tempo, reelabora-o, pois sempre que um nóculo cognitivo é reativado, transformações consideráveis são operadas “pelo acréscimo sucessivo e intermitente de novas categorizações e/ou avaliações acerca do referente” (KOCH, 2004, p. 63).

Para melhor compreender o funcionamento dessa dinâmica, vamos usar o exemplo e as observações dessa autora:

Com a perigosa progressão *da demência bélica de Bush 2º*. [construção] cabe uma indagação: para que serve a ONU?

Criada logo após a 2º Guerra Mundial, como substituta da Liga das Nações, representou uma grande esperança de paz e conseguiu cumprir seu papel durante algum tempo, amparando deslocados de guerra, medindo conflitos, agindo pela independência das colônias. [...]

É. Sem guerra não dá. Num mundo de paz, como iriam ganhar seu honrado dinheirinho os industriais de armas que pagaram *a duvidosa eleição de Bush 2º*, *o Alopado*³⁶? [Nova construção a partir de uma reativação] Sem guerra, coitadinhas da Lockheed, da Raytheon (escândalo Sivan, lembrem?). Com a guerra à vista, estão faturando firme. A ONU ainda não abençoou *essa nova edição de guerra santa, do terrorismo do bem contra o mal* [reconstrução por recategorização] já nem disfarça mais. [...] *O Caubói Alopado* [reconstrução por recategorização] já nem disfarça mais. [...] (Juracy Andrade, “Delinqüência internacional”, *Jornal do comércio*, Recife, 8 fev. 2003). (KOCH, 2004, p. 63)

Conforme Koch (2004), são visíveis, nesse exemplo, as transformações por que passa o referente G. W. Bush. Essas recategorizações são operadas segundo os propósitos interlocucionais do produtor textual que imprime ao texto uma forte orientação argumentativa. A autora chama a atenção para os conhecimentos prévios, exigidos do leitor, para interpretar adequadamente o sentido pretendido no texto. A primeira expressão nominal que é posta em cena pelo processo de ativação, para ser interpretada, precisa do conhecimento de que Bush é o presidente dos EUA e que seu pai também o foi. O número ordinal dessa expressão explicita

³⁶ Consideramos a expressão “o Alopado” como se tratando de uma recategorização operada na base do referente “Bush”, já introduzido no co-texto anterior.

ironia, uma vez que é usado para designar papas, imperadores, reis etc. Além disso, o grupo nominal “demência bélica” aponta para o fato de o presidente estar deflagrando uma guerra desnecessária ao mundo. A segunda expressão nominal “a duvidosa eleição de Bush 2º, o Aloprado” instaura uma nova construção a partir da reativação do referente anterior, mas com acréscimo de informação nova. Desta vez, o leitor precisa ter conhecimento sobre o processo eleitoral conturbado que elegeu Bush, bem como inferir que a presença do epíteto categoriza as ações desse sujeito como desastradas, insanas. A expressão “essa nova edição de guerra santa, do terrorismo do bem contra o terrorismo do mal” reativa e opera transformações no objeto “guerra” introduzido no co-texto anterior. Para que esse grupo seja interpretado, o leitor precisa saber que as guerras santas, empreendidas pelas cruzadas, buscavam aplacar o “mal” representado pelos não fiéis. A última expressão “Caubói Aloprado” opera recategorização no objeto “Bush” e evidencia informações sobre o modo de vida deste presidente, bem como o fato de ele ser natural do estado norte-americano do Texas.

Resta-nos destacar que a operação de ativação de novos referentes pode se dar de forma ancorada ou não. Segundo Koch (2004), opera-se ativação não-ancorada quando o objeto introduzido no co-texto é totalmente novo e passa a preencher um endereço cognitivo no modelo textual. A categorização ocorre caso esse referente seja introduzido por uma expressão nominal. A ativação é ancorada sempre que um novo objeto-de-discurso é introduzido com o suporte de informações dadas do texto. Nesse caso, o leitor faz um cálculo baseado em algum tipo de associação com essas informações ou com informações do contexto sociocognitivo. A autora inclui, nesse rol, as anáforas associativas e as anáforas indiretas de modo geral, pois apesar de terem estatuto de anáforas, elas não remetem a algum referente pontualizado no co-texto precedente.

Interessa-nos, particularmente, a estratégia de reativação, pois é nesse momento que entram em cena as anáforas. Vamos, a partir de agora, debruçar-nos sobre esse fenômeno que é responsável por boa parte das recategorizações por que passam os objetos-de-discurso. Nosso principal propósito com o estudo da anáfora, particularmente as que operam com grupos nominais, é observar quais e como elas refletem a dimensão argumentativa do gênero discursivo que ora estudamos. Para tanto, achamos necessário especificarmos o nosso posicionamento teórico quanto à definição de anáfora, considerando o fato de nem todas as teorias que se ocupam do fenômeno servirem para nossos propósitos de análise.

4.3 O PROBLEMA DOS ANAFÓRICOS: PERSPECTIVA TRADICIONAL X PERSPECTIVA ATUAL

Um dos principais saltos epistemológicos verificados no bojo da teoria da referenciação diz respeito à ampliação do conceito de anáfora. Isto porque o reconhecimento de aspectos sociocognitivos no processamento de certos movimentos anafóricos obrigou os lingüistas a abandonar a visão clássica do fenômeno. Mas em que consiste essa visão estreita de anáfora?

Conforme Marcuschi (2005), o termo “anáfora” sinalizava, na retórica clássica, a repetição de uma expressão ou sintagma no início de uma frase. Desse modo, logo no princípio dos estudos sobre a atividade anafórica, apenas se pensava em anáforas diretas (AD). Os estudiosos postulavam que as anáforas retomavam referentes introduzidos no co-texto precedente, estabelecendo assim uma relação correferencial e ou mesmo co-significativa entre o anafórico e a unidade por ele recoberta. Marcuschi salienta que, nesses termos, parece existir uma identidade semântica entre o anaforizador e o elemento anaforizado. Além disso, afirma que a correferência é fator crucial para existência da anáfora ainda que não se dê de modo estrito.

Outro aspecto evidenciado pelos estudos tradicionais da anáfora diz respeito ao fato de haver uma congruência morfológica entre os elementos envolvidos. Aliás, essa harmonia morfológica era considerada decisiva para se evitar uma possível ambigüidade referencial.

Marcuschi (2005) cita Milner (1982) como principal representante dessa visão restrita de anáfora. Vamos reproduzir aqui o trecho citado:

Ocorre uma relação de anáfora entre duas unidades A e B quando a interpretação de B depende crucialmente da existência de A, a ponto de se poder dizer que a unidade B não é interpretável a não ser na medida em que ela retoma – inteira ou parcialmente – A. Essa relação existe quando B é um pronome no qual a referência virtual não é estabelecida a não ser pela interpretação de um N que o pronome “repete”. Ela existe igualmente quando B é um N em que o caráter definido – isto é, o caráter de identidade do referente – depende exclusivamente da ocorrência, no contexto, de um certo N – com efeito, geralmente, o mesmo do ponto de vista lexical. (MILNER, 1982, apud MARCUSCHI, 2005, p. 56).

Pelo que observamos nessas considerações, a anáfora ocorre por processo de retomada (ainda que parcial) de um antecedente textual. Segundo o autor, é condição necessária para anáfora que ela recubra um antecedente textual pela fórmula “A = B”. No caso

de B ser pronome, ele dependerá ainda mais de um antecedente A (na forma de um nome) “como ponto de ancoragem interpretativa já que pronomes não têm autonomia referencial” (MARCUSCHI, 2005, p. 56). Para o caso de B ser um nome, ele precisará ser semanticamente equivalente a A, isto é, as duas unidades precisarão ser, no mínimo, sinônimas, ou no caso ideal, termos idênticos.

Com o avanço das pesquisas sobre o texto e a textualidade, passou-se a entender que o alcance da anáfora é mais abrangente porque ela abarca “expressões que, no texto, reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não), contribuindo assim para a continuidade tópica e referencial” (MARCUSCHI, 2005, p. 54-55).

Ainda segundo Marcuschi (2005), as considerações de Milner não exploram toda a complexidade do fenômeno da referenciação, uma vez que nem toda anáfora é congruente morfossintaticamente com o elemento anaforizado. Além disso, não é toda anáfora que estabelece, com seu referente, ainda que parcialmente, uma relação de continuidade (retomada).

Para melhor entendermos esse processo, vamos ilustrar com um exemplo retirado de Koch (2006, p. 86) sobre o caso de anáforas que operam na base de processos cognitivos e estratégias de inferenciação: “Meu filho não está indo bem na escola. *Eles* dizem que ele é muito desatento e quase nunca faz tarefas de casa”.

A ocorrência do pronome “eles” deveria, segundo as considerações de Milner (1982, apud MARCUSCHI, 2005) estar ancorada em antecedente pontualizado no co-texto, já que pronomes não têm autonomia referencial. O que faz então com que entendamos a referida sentença?

Seguramente, o gancho para interpretação de “eles”, como se referindo a “professores”, é dado pela ocorrência do termo “escola” no co-texto precedente.

Koch (2006, p. 86) especifica que, para a interpretação do pronome, entram em ação os seguintes processos cognitivos:

- i Construção de uma classe de indivíduos como uma totalidade de membros humanos pelo funcionamento coletivo de “eles”;
- ii Restrição dessa classe a um determinado grupo ou indivíduos pelo processo de recuperação do conjunto construído em (i) num contexto específico proposto implicitamente pela co-textualidade.

Esses dois processos são responsáveis, no caso acima, pelo estabelecimento da referência, ainda que o referente não esteja explícito no co-texto. Na verdade, o discurso é o

espaço de onde extraímos as informações necessárias para inferenciação dos referentes. Dito de outro modo, em muitos casos de anáforas, os “referentes são induzidos por um conjunto de informações textualmente construídas” (KOCH, 2006, p. 86).

As conseqüências dessa nova visão do fenômeno anafórico implicam a diferença de termos que, segundo Koch (2006), são tomados equivocadamente como sinônimos. Trata-se das categorias *retomar*, *remeter* e *referir* que apresentam a seguinte subordinação hierárquica: “A retomada implica remissão e referenciação; A remissão implica referenciação e não necessariamente retomada; A referenciação não implica remissão pontualizada nem retomada” (KOCH, 2006, p. 84).

Conforme a autora, todos os casos de progressão referencial (tanto de retomada como de remissão) são baseados em algum tipo de referenciação, já que este é o caso mais geral. A determinação do referente é um processo verificado na relação entre a estratégia de referenciação empregada e os demais elementos ocorrentes no co-texto ou no contexto, sem que se dê necessariamente aí uma retomada (correferenciação). Koch (2006, p. 84) afirma, ainda, que:

Na atividade específica envolvida pela remissão, deve-se ter em conta algum tipo de relação (de ordem semântica, cognitiva, associativa, pragmática ou de outro tipo). A noção de remeter diz respeito a um movimento textual em que se dão relações não necessariamente correferenciais. Assim, o fato de se progredir mediante a atividade de remeter não envolve uma retomada, já que *retomar* é uma atividade particular de remissão que subentende *continuidade referencial*, implicando algum tipo de relação direta, seja de identidade material (caso da correferenciação), seja de não-identidade material (caso da associação).

O exemplo anterior se encaixa no caso da estratégia de remissão, uma vez que a determinação referencial de “eles” se dá com base em processo de inferenciação (baseado na entrada lexical “escola”) e não na localização de um elemento pontualizado no co-texto precedente.

O caso de retomada já é mais clássico e, por muitos anos, foi tomado como paradigmático quando do estudo da anáfora. Veja-se o exemplo abaixo:

A menina conseguiu comprar a tempo ingressos para o festival de rock. A moça estava pensando em convidar, além do namorado, suas amigas.

Observamos a ativação do objeto-de-discurso “a menina” que, mais a frente, é retomado pela expressão nominal “a moça”. Há uma congruência morfológica entre as duas unidades, bem como continuidade referencial. Percebemos isso com a escolha do núcleo

“moça” que sinaliza para uma pessoa mais adulta, mais condizente com o contexto de alguém que vai a uma festa acompanhada de amigos, e não para uma criança.

Uma vez estabelecidas as bases conceituais sobre a categoria anáfora, vamos agora especificar as principais estratégias da progressão referencial. Para tanto, utilizamo-nos aqui da classificação proposta por Koch (2006) apenas com alguns ajustes na configuração geral de apresentação para melhor visualização e compreensão das mesmas.

4.4 PRINCIPAIS ESTRATÉGIAS DE PROGRESSÃO REFERENCIAL

Conforme pontuado anteriormente, uma vez introduzido no modelo textual, o objeto discursivo fica suscetível de ser reativado por outros elementos que garantem a progressão do texto. Informações do co-texto podem ser igualmente “objetificadas” e transformadas em tópico, promovendo também a progressão textual. Essa dinâmica é possibilitada pelas seguintes estratégias de referenciação, segundo Koch (2006, p. 85):

- a) Uso de pronomes ou elipses (pronome nulo);
- b) Uso de expressões nominais definidas;
- c) Uso de expressões nominais indefinidas.

Seguindo a linha de raciocínio apresentada em outros estudos dessa autora (KOCH, 2005; KOCH, 2004), resolvemos reorganizar, por questões metodológicas, essas estratégias da seguinte maneira:

- a) Remissão por meio de pronomes ou elipses (pronome nulo);
- b) Remissão por meio de formas nominais referenciais anafóricas com:
 - nomes descritivos (definidos/indefinidos)
 - encapsuladores
 - rotuladores metadiscursivos

Não está em nossos propósitos fazermos uma diferenciação entre as estratégias que operam pela retomada de antecedente e as que operam pela remissão. Na verdade, a escolha

do rótulo “remissão” se justifica por ser uma operação mais geral que abarca a própria retomada.

O nosso interesse neste trabalho recai sobre as formas do segundo grupo, uma vez que, na maioria dos casos, elas auxiliam na orientação argumentativa do texto.

Atendendo aos objetivos deste trabalho, vamos, a seguir, discuti-las conforme os postulados de Koch (2005).

4.4.1 Remissão por formas nominais referenciais anafóricas

As formas nominais referenciais anafóricas são constituídas de grupos nominais cuja função é remeter a elementos presentes no co-texto ou inferíveis a partir de outros elementos nele presentes. Dessa maneira, podemos dizer que a atividade anafórica com núcleos nominais pode ocorrer com ou sem retomada explícita de antecedente.

4.4.1.1 Nomes descritivos

Seguindo as orientações de Koch (2006, p. 87), as descrições nominais são caracterizadas por uma seleção que o locutor faz, “dentre as propriedades atribuíveis a um referente, daquela(s) que, em dada situação discursiva, é (são) relevante(s) para a viabilização de seu projeto de dizer”. A autora especifica ainda que essas características que o produtor textual procura ressaltar do referente são ativadas a partir de conhecimentos supostamente compartilhados com seu interlocutor. Este, por sua vez, é induzido a criar uma imagem específica do referente, imagem essa que tanto revela informações a respeito das crenças, opiniões e atitudes do produtor textual, como contribui para a construção do sentido do texto. Observe-se o exemplo abaixo:

“O americano Ray Charles pertenceu a uma categoria rara de artistas: a dos legítimos inventores. [...] *Esse artista único* morreu na quinta-feira passada, 10 de junho, por cause de problemas de fígado”. (KOCH, 2005, p. 36)

Percebemos que a expressão em itálico retoma o objeto discursivo “O americano Ray Charles”, mas não de maneira a apenas retomar o mesmo referente. A escolha do vocábulo “único” presente no anafórico, além de salientar para o interlocutor a individualidade de Ray Charles, enquanto artista, está em conformidade com o ponto de vista do produtor especificado no sintagma “pertenceu a uma categoria rara de inventores”. Em suma, vemos que, nesse exemplo, o emprego da descrição nominal induz o interlocutor a criar uma imagem positiva do referente, imagem essa que também é a do produtor desse fragmento.

Em algumas circunstâncias, o produtor textual, ao lançar mão de determinada descrição definida, sob a capa do dado, sinaliza a seu interlocutor, com propósitos específicos, “propriedades ou fatos relativos ao referente que acredita desconhecidos do parceiro” (cf. KOCH, 2005, p. 36). Vejamos um caso em que tal recurso é utilizado.

O prefeito é especialmente exigente para liberar novos empreendimentos imobiliários, principalmente quando estão localizados na franja da cidade ou em áreas rurais. [...]. ‘O crescimento urbano tem de ser em direção ao centro, ocupando os vazios urbanos e aproveitando a infra-estrutura, não na área rural que deve ser preservada’, repete *o urbanista que entrou no PT em 1981 como militante dos movimentos populares por moradia*. (KOCH, 2005 p. 37).

A leitura das primeiras linhas desse texto nos dá a impressão de que o produtor textual apenas tenciona dar a conhecer ao interlocutor, de maneira imparcial, fatos relativos à gestão do prefeito, especificamente no que diz respeito à liberação de novos empreendimentos imobiliários. Essa impressão cai por terra quando o locutor retoma o objeto discursivo “prefeito” por meio da descrição nominal em itálico. As informações contidas na descrição definida não servem apenas para “relembrar” o leitor sobre um fato ocorrido na vida do prefeito, mas, principalmente, para salientar o comportamento contraditório do administrador municipal que não condiz com sua militância de início de carreira política.

Arriscamos afirmar que o produtor textual reproduz uma ideologia inscrita num discurso que afirma que muitos políticos, para ganhar aceitação e credibilidade do povo, defendem idéias nas quais realmente não acreditam, tal como o caso do prefeito supramencionado.

Normalmente, as descrições nominais são precedidas por determinante e, neste caso, elas podem ser categorizadas como descrições nominais definidas. Koch (2006) especifica as possíveis configurações que assume esse tipo de estratégia:

Det. + Nome

Det. + Modificador(es) + Nome + Modificador(es)

Os determinantes, contidos nas descrições, podem ser representados pelas seguintes categorias gramaticais:

Det.	Artigo definido
	Demonstrativo

Modificador	Adjetivo
	Sintagma preposicional
	Oração relativa

Recentemente, alguns pesquisadores têm apontado para o fato de as descrições nominais também poderem ser antecedidas por indefinidos e ainda assim continuarem com valor anafórico. Koch (2006) esclarece que os indefinidos não se restringem a apenas introdutores de novos referentes. Veja-se o exemplo retirado de Koch (2004, p. 249) em que a expressão “uma epidemia” está visivelmente ancorada no referente “uma catástrofe”.

Uma catástrofe ameaça uma das últimas colônias de gorilas da África. *Uma epidemia* de Ebola já matou mais de 300 desses grandes macacos no santuário de Lossi, no noroeste do Congo. Trata-se de uma perda devastadora, pois representa o desaparecimento de um quarto da população de gorilas da reserva.

Encontramos, em Lima (2005), uma passagem que resume bem essa propriedade anafórica do indefinido. Essa autora considera que “uma expressão nominal indefinida só é anafórica quando nenhum evento novo é expresso na oração que a contenha. Toda vez, pois, que um novo evento é expresso, um novo referente é estabelecido. Se não há novo evento, o referente já estabelecido é mantido.” (LIMA, 2005, p. 200-1).

4.4.1.2 Encapsuladores

Formas nominais encapsuladoras anafóricas têm a função de recategorizar porções textuais precedentes do co-texto de modo a sumariá-las e encapsulá-las sob a forma de um rótulo. Na realidade, essas anáforas não retomam ou nomeiam um referente específico no co-texto, mas “objetificam” segmentos do co-texto sob a forma de rótulos genéricos e inespecíficos (estado, fato, fenômeno, circunstância, condição, evento, atividade, etc.)³⁷. Também, conforme as orientações de Koch (2005), essas expressões nominais, freqüentemente antecedidas por demonstrativos, desempenham dupla função: “não só rotulam uma parte do co-texto que as precede [...], mas ao fazê-lo, criam um novo referente textual que, por sua vez, passará a constituir um tema específico para os enunciados subseqüentes” (KOCH, 2005, p. 38).

Conte (2003) resume bem as características desse tipo de operação ao considerar os seguintes pontos como diferenciadores dos demais casos-padrão de anáfora:

- (i) Os referentes dos sintagmas nominais anafóricos não são indivíduos, mas referentes com um status ontológico diferente: são entidades de uma ordem superior como estados de coisa, eventos, situações, processos (...)
- (ii) O antecedente (se é legítimo falar em antecedente) não é claramente delimitado no texto, mas deve ser reconstruído (ou mesmo construído) pelo ouvinte/leitor. (CONTE, 2003 p. 179)

Pelo que entendemos a partir dessas considerações, os encapsulamentos imprescindem da capacidade do leitor/ouvinte de interpretação tanto da expressão textual em si como da informação co-textual. Nesse processo, o produtor textual estabelece os parâmetros de interpretação de seu interlocutor. Vejamos o exemplo retirado de Koch (2005, p. 39).

O tratamento do diabetes passa por uma grande transformação. Da alçada da endocrinologia, a doença será agora em diante considerada também uma especialidade da cardiologia. *Essa ampliação* é decorrente da estreita relação entre o diabetes e os distúrbios cardiovasculares.

No exemplo acima a expressão “essa ampliação” é gerada pelo fato de a doença em questão, que era objeto exclusivo de endocrinologistas, estender-se à ocupação de cardiologistas. Observa-se, ainda, que a escolha do rótulo é balizada por algum aspecto semântico da informação encapsulada.

³⁷ Ver Koch, 2005.

Muitos pesquisadores chamam a atenção para uma dimensão importante dos encapsuladores que é a propriedade de seus nomes núcleo, ainda que neutros, exprimirem a avaliação do produtor textual sobre as proposições encapsuladas. Dito de outro modo, a escolha de um nome núcleo revela o posicionamento ideológico do produtor a respeito de uma porção textual empacotada ao mesmo tempo em que orienta o leitor para esse mesmo posicionamento. Veja-se um exemplo retirado de Conte (2003):

Mas aqueles que sonharam reformar programas eram, na verdade, ingênuos – e, agora eles, temem que **a corrupção associada com os programas de reforma da Rússia leve a um retrocesso político em favor de nacionalistas ou comunistas que alegam ter as mãos limpas**. *O risco* existe em qualquer lugar, também. Na Venezuela, o governo de Carlos Andrés Pérez introduziu um pacote de reforma econômica neoliberal em 1989, cortando subsídios e tentando trazer alguma sanidade às finanças políticas. (CONTE, 2003, p. 181-2)

Nesse caso, observamos claramente que a expressão em itálico codifica o modo como o produtor avalia o segmento em negrito e, ao mesmo tempo, “amarra” a interpretação que o leitor deverá fazer do mesmo. O produtor poderia ter escolhido outro rótulo como “possibilidade”, mas não o fez porque a carga semântica negativa de “risco” atende com justeza a seus propósitos comunicativos.

Por ser um poderoso instrumento de manipulação do leitor, essa estratégia é muito recorrente e produtiva nos discursos argumentativos. Por vezes, os nomes núcleos ganham reforço de modificadores categorizados por Conte (2003) como “axiológicos”. Esses modificadores imprimem, no nome núcleo do sintagma encapsulador, a atitude positiva ou negativa do produtor textual (modificação interpessoal) ou apenas o classificam ou o definem de modo a reforçar o papel manipulador da estratégia (modificação ideacional).

4.4.1.3 Rotuladores metadiscursivos

No caso dos rotuladores metadiscursivos, a unidade lexical anafórica não sumariza uma porção textual precedente, mas sim se desdobra sobre o próprio discurso. Podemos dizer, então, que a diferença existente entre rotulador metadiscursivo e encapsulador anafórico é que o primeiro qualifica todo um segmento textual como um tipo específico de atividade metadiscursiva, enquanto o segundo é um recurso coesivo por meio do qual um sintagma

nominal (construído a partir de um nome geral) parafraseia resumidamente uma porção textual precedente.

Em outras palavras, o produtor textual, por meio do rotulador metadiscursivo, avalia sua própria enunciação ou a enunciação do outro e dá-lhe estatuto de objeto discursivo. Convém especificar que alguns autores preferem o termo “metalingüístico” para designar esse tipo de operação, já outros usam os dois relegando a este último a propriedade de empacotar uma porção textual sobre a égide de um nome ilocucional ou de atividade languageira. Francis (2003) prefere o segundo termo e postula que os nomes metalingüísticos,

[...] rotulam uma extensão discursiva como sendo um tipo particular de linguagem. São usados pelo escritor para forjar relacionamentos localizados inteiramente dentro do próprio discurso; eles instruem o leitor a interpretar o status lingüístico de uma proposição de um modo particular [...].

No nosso caso, usaremos o termo “metadiscursivo” porque, a nosso ver, é um rótulo mais geral que abarca processos mais específicos como as rotulações metalingüísticas.

Para melhor compreendermos o caso dos rotuladores metadiscursivos, vejamos o exemplo a seguir retirado de Koch (2005, p. 42).

A atual voga nacionalista reproduz os mitos de sempre. Reveste-se, entretanto, de um verniz mais bajulatório, publicitário e “democrático”, em comparação a iniciantes de outros tempos. “Eu sou brasileiro e não desisto nunca”: *o lema* traduz para a primeira pessoa o famigerado e antigo mote da ditadura: “Brasil, ame-o ou deixe-o”.

Como podemos observar, a expressão “o lema” não remete a um referente específico no co-texto precedente, mas a todo o enunciado “Eu sou brasileiro e não desisto nunca”. O produtor faz remissão ao próprio discurso e ainda, com o referido rótulo, sinaliza para seu interlocutor como esse ato de fala deve ser interpretado.

Francis (2003) propõe uma divisão dos nomes nucleares dos rótulos metadiscursivos nos seguintes grupos:

- Nomes ilocucionários: são nominalizações de processos verbais, normalmente atos de comunicação: têm tipicamente verbos ilocucionários cognatos (p. 204).
- Nomes de atividades languageiras: são nomes que se referem a alguns tipos de atividade languageira ou aos resultados disto (p. 206).

- Nomes de processo mental: são nomes que se referem a estados e processos cognitivos e a seus resultados. Incluem nominalizações de verbos de processo mental do tipo que são usados para projetar idéias como *pensar* e *acreditar*, mas nem todos têm verbos cognatos (p. 208).
- Nomes de textos: são nomes que se referem à estrutura formal do discurso. Não há nenhuma interpretação envolvida: simplesmente rotulam extensões do discurso precedente, cujos limites precisos eles definem (p. 210).

Chamamos a atenção para o fato de essa subdivisão ser relativa, dado que, como próprio autor afirma, tais rótulos, freqüentemente, sobrepõem-se. Além disso, é preciso deixar claro que a escolha do rótulo, especialmente nos casos em que ele “empacota” o enunciado do outro, é balizada pelo filtro ideológico do produtor textual e convém a seus propósitos comunicativos. Desse modo, é esperado que os rótulos não coincidam com a intenção original do enunciador da proposição rotulada. Para melhor entendermos essa faceta dos rotuladores, vejamos um exemplo retirado de Francis (2003):

Assim que saímos da consulta, minha esposa disse: “Potter ficou maluco e eles não sabem o que fazer”. Eu não queria acreditar que ela tivesse razão. Só aceitei *essa explicação* quando minha esposa confidenciou *suas suspeitas* a um amigo psicanalista, que exclamou: “Isso é uma coisa terrível de se dizer sobre o terapeuta de seu filho!”. *Esse nível de negação* convenceu-me de que era verdade. (FRANCIS, 2003, p. 205).

Francis argumenta que a escolha do rótulo “explicação” não reflete, necessariamente, a força ilocucionária do enunciado da esposa do produtor textual. Na realidade, esse foi o modo como este último escolheu interpretar essa força, assim como o fez com as representações mentais de sua mulher ao interpretá-las como “suspeitas”. Também, a escolha do rótulo “esse nível de negação” denuncia o olhar subjetivo do produtor sobre o enunciado do psiquiatra, que poderia ter sido interpretado como crítica ou protesto. Como bem enfatiza Francis (2003, p.206) “o escritor é livre para escolher a interpretação apropriada do ato ilocucionário do psiquiatra. É claro que qualquer escolha de rótulo não pode ser vista como independente de todas as outras seleções lexicais feitas [...]”.

Com base nessas informações, entendemos que a sinonímia expressa no rotulador não passa de um construto, um expediente usado pelo produtor para o alcance de seu projeto-de-dizer. Isso porque os rótulos, ainda que sejam apresentados como *proformas* dadas, “têm

sempre significado interpessoal e podem, de fato, adicionar algo novo ao argumento indicando a avaliação do escritor das proposições que eles encapsulam” (FRANCIS, 2003, p. 211).

Um último aspecto a ser frisado sobre os rotuladores metadiscursivos diz respeito à possibilidade de seus nomes núcleos, assim como ocorre nos encapsuladores, receberem modificadores de ordem ideacional ou interpessoal. A propósito, observemos este exemplo retirado de Francis (2003, p. 219):

Quão livre é uma galinha de criação livre? Após meses de deliberação, a Comissão Européia apresentou uma resposta oficial, ou melhor, três respostas a *esta questão debatida calorosamente*: há a criação livre, a criação tradicional e a criação totalmente livre. Os mandarins de Bruxelas arquitetaram uma definição tripartida para satisfazer um desejo louvável para o padrão de toda a Comunidade Européia, enquanto que, simultaneamente, e de maneira questionável, permitiram que todos os principais tipos de galinhas criadas livremente fossem qualificadas para o mercado.

O autor chama a atenção para os modificadores “debatida” e “calorosamente”. De fato, o primeiro item tem um papel classificatório no sentido de que adiciona informação ao núcleo “questão”, informação essa condizente com proposição anterior “Após meses de deliberação”. Pode-se dizer então que esse modificador tem *status* de ideacional. O mesmo não se pode dizer do segundo item, porque, nesse caso, é a atitude do produtor que é codificada em seu bojo.

Consideramos que a resenha teórica aqui feita atende satisfatoriamente os nossos propósitos quanto à análise do papel funcional de estratégias de referenciação anafóricas com núcleos nominais nos fóruns de discussão do Orkut.

No capítulo seguinte, apresentaremos, finalmente, nossos dados e um modelo de análise desses processos que leva, principalmente, em conta aspectos da dimensão sócio-histórica do gênero em foco. Já salientamos, anteriormente, que a compreensão de qualquer fato de língua, especialmente se este participa do escopo da referenciação, necessita da consideração de dois princípios básicos da linguagem humana: a interação e o dialogismo. Em outras palavras, entendemos que a mobilização das estratégias de referenciação anafóricas com núcleos nominais, nos fóruns de discussão do Orkut, se dá em virtude dos propósitos interlocutivos dos produtores desse gênero, em sua necessária relação com o outro: é para este outro que o produtor da mensagem dirige seu discurso e é a voz dele que o produtor retoma ora para refutar, ora para acatar. Nesse movimento, as estratégias de referenciação sinalizam a atitude valorativa (positiva ou negativa) do produtor em relação a vozes externas ou internas. Demonstrar todas essas sutilezas impressas nas estratégias de referenciação anafóricas com

núcleos nominais, empregadas nos fóruns do Orkut, é justamente o grande desafio do presente trabalho.

5 ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO ANAFÓRICAS NO GÊNERO FÓRUM DE DISCUSSÃO DO ORKUT

No capítulo anterior, tratamos dos principais traços das estratégias de referenciação anafóricas com núcleos nominais, conforme as orientações teóricas de Koch (2004; 2005; 2006). Neste capítulo, focalizaremos o papel funcional dessas estratégias nos fóruns “Professor Bomba!!!” e “Indignados!!!”.

Pela análise dos processos de remissão no *corpus*, pudemos identificar dois tipos de movimento anafórico. Vejamos o seguinte exemplo:

	FPB/MSG2 (Sem título)
B	não, não acho legal usar esse espaço pra criticar os professores. São profissionais que já enfrentam a maior barra no trabalho . Não merecem mais essa. Além disso, muitos deles são membros dessa comunidade. Imagina se um deles se depara com uma crítica negativa. Vai ser no mínimo constrangedor. E mais: tu propões que as pessoas postem "anonymous". É uma atitude covarde, não achas?

Nessa mensagem, postada no fórum “Professor Bomba!!!”, o objeto discursivo “os professores” é retomado, na sentença seguinte, pela descrição definida em negrito. Esse movimento é paradigmático da remissão entre elementos do co-texto. Observe-se agora o próximo exemplo:

	FPB/MSG1 (Professor Bomba!!!)
A	Usemos este espaço aqui em baixo p falar das "bombas" q foram nossos queridos professores neste semestre. Isto é bom pq trocamos informações sobre essas excelentes condutas... Aconselho-lhes a ã se identificar. Aí vem bomba!
	FPB/MSG4 (Discordo de você)
D	Acho a proposta do ‘A’ muito boa , podemos usar esse espaço para que os professores entendam que como acadêmicos, precisamos do compromisso, que muitos não tem, principalmente os substitutos, temos aqui a pequena chance de tentar sensibiliza-los...

Nesse caso, chamamos a atenção para a MSG4 e a expressão em negrito nela contida. Percebemos que ‘D’, por meio dessa estratégia, remete ao texto de ‘A’. Em outras palavras, a expressão em destaque empacota todo o texto de ‘A’ sobre a égide do rótulo metadiscursivo “a proposta do Júnior ‘A’ muito boa”.

Pela observação que fizemos das estratégias focalizadas em MSG2 e MSG4, podemos fazer uma generalização quanto ao fenômeno da remissão nos fóruns de discussão do Orkut: ele pode acontecer intramensagem (MSG2) ou intermensagem (MSG4 → MSG1).

O primeiro caso é mais comum em alguns gêneros da modalidade escrita, enquanto o segundo é mais específico do gênero em foco e constitui-se como reflexo do movimento dialógico que abordamos na subseção 3.3.1. Com efeito, nela, salientamos que os participantes dos fóruns de discussão do Orkut assumem uma atitude responsiva-ativa em relação ao discurso do outro. No caso da MSG4, observamos que ‘D’ qualifica positivamente o discurso de ‘A’ (MSG1) e assimila-o por meio do emprego da estratégia em destaque, reforçada pelo termo axiológico “muito boa”. Neste ponto, observamos que o discurso de ‘D’ contradita o de ‘B’ (MSG2), pois este último discorda explicitamente da “proposta” de A.

Com base nessas considerações, podemos dizer que a remissão intermensagem é um mecanismo importantíssimo a que os produtores lançam mão para responder ao discurso do outro, seja para assimilá-lo seja para refutá-lo, e constitui-se como marca de dialogismo³⁸. Por meio desse mecanismo, o produtor sinaliza sua apreciação valorativa em relação ao discurso alheio, especialmente quando fazem uso de rotuladores metadiscusivos.

Resolvemos, por questões metodológicas, e obedecendo às orientações teóricas discutidas na subseção 3.3.1, analisar, separadamente, os fóruns que compõem nosso *corpus*. Começamos, então, nossa análise com o fórum “Professor Bomba!!!”. Após a análise de cada um dos fóruns, trataremos de nossas impressões gerais acerca do funcionamento do conjunto de estratégias em foco.

5.1. FÓRUM “Professor Bomba!!!”

Dois aspectos nos chamam a atenção no fórum “Professor Bomba!!!”. O primeiro diz respeito ao direcionamento contrário que sua discussão toma em relação à “proposta” original do seu criador, e o segundo, à polêmica gerada por sua temática. Ao que tudo indica, o tópico foi programado para levar os membros da comunidade “Letras e Artes –UFPA” (potencialmente os discentes dos cursos de Letras) a criticar professores, cuja conduta

³⁸ Obviamente, existem outros recursos mobilizados pelos participantes para marcar este diálogo. O mais frequente diz respeito ao uso do campo “título da mensagem” onde o produtor se endereça ao indivíduo a quem seu discurso se dirige, quer nominalmente, quer pelo pronome pessoal, como na MSG4 “discordo de você”.

acadêmica não foi satisfatória no decorrer do primeiro semestre de 2006. Entretanto, nossa análise nos revelou que o foco da discussão toma outro rumo: é a própria legitimidade do fórum que é posta em xeque. Como aporte para compreensão desse fato, reproduziremos novamente o referido tópico de abertura:

	FPB/MSG1 (Professor Bomba!!!)
A	Usemos este espaço aqui em baixo p falar das "bombas" q foram nossos queridos professores neste semestre. Isto é bom pq trocamos informações sobre essas excelentes condutas... Aconselho-lhes a ã se identificar. Aí vem bomba!

A primeira proposição deixa claro que a intenção de ‘A’ não é, exatamente, convocar os membros da comunidade “Letras e Artes –UFPA” para discutir a validade de um tópico cuja tônica é a crítica pejorativa aos docentes da UFPA, pois se assim o fosse, a mensagem teria outra dimensão e talvez viesse com uma introdução do tipo: “Vocês concordam com o uso deste espaço para falarmos pejorativamente dos professores, cuja conduta não nos agradou neste semestre de 2006?”.

Mas o que, de fato, leva os sujeitos envolvidos na discussão a um direcionamento contrário à ação proposta pelo fórum?

A nosso ver, essa mudança de rumo é acarretada pelo emprego de termos como “bombas” e pelo tom irônico com o qual ‘A’ se refere à conduta acadêmica dos docentes. O fato é que nem todos os participantes aceitam a forma como esses profissionais são categorizados (“bombas”) e isso é perceptível a partir da leitura das postagens subsequentes. Aliás, a leitura das mensagens nos permite mapear duas principais posturas assumidas pelos participantes da discussão: uma contra e outra a favor da proposta do tópico. Essas posturas dão a tônica da discussão e, como se verá mais adiante, são refletidas no uso das estratégias de referenciação anafóricas com núcleos nominais.

Mas, adiemos essa questão para tratarmos de alguns pontos concernentes ao evento motivador do “Professor Bomba!!!”, isto é, ao conjunto de enunciados que participam da emergência desse fórum. Com efeito, é comum ouvirmos estudantes do curso de Letras da UFPA se queixar da maneira como certos professores conduzem o semestre letivo. Conseguimos extrair do conjunto de enunciados, postados no fórum, que se referem a essa insatisfação discente, alguns pontos em comum: o professor ruim é aquele que não comparece às aulas, que não expõe os conteúdos de maneira clara, que não estabelece parâmetros coerentes de avaliação, que cobra na avaliação assuntos não tratados nas aulas.

Esses enunciados referem um discurso corrente na UFPA, que vemos diluído no tema do fórum em questão. Seu proponente enuncia no papel de discente, vítima dos abusos desses professores, e coloca, estrategicamente, seus interlocutores na mesma posição também. Isso é perceptível por meio do uso do pronome possessivo na primeira pessoa do plural, na expressão “nossos queridos professores”. Entendemos, portanto, que ‘A’ se apóia em um conjunto de enunciados que ele pressupõe fazer parte do universo social de seus destinatários. Tanto que o argumento usado para ressaltar a pertinência do fórum é a possibilidade de os participantes trocarem informações sobre a conduta repreensível desses docentes. Obviamente, esse produtor infere que esses sujeitos só estão aptos a trocar tais informações porque sabem o que esse tópico elucidava, ou melhor, toma como partilhado o conjunto de pressupostos contextuais.

Até aqui, podemos concluir alguns pontos de nossas observações preliminares sobre o fórum “Professor Bomba!!!”. Começamos pelo perfil de seu proponente. Este sujeito “intima” os participantes da comunidade “Letras e Artes – UFPA” a usar o espaço do fórum para criticar os docentes que não se adequaram ao perfil acadêmico esperado pelos discentes, durante o primeiro semestre de 2006. Como estratégia de persuasão, esse produtor enuncia na posição de discente e coloca seus interlocutores (os membros do fórum) no mesmo lugar também: todos foram vítimas dos “bombas” e, portanto, estão dispostos a trocar informações sobre “essas excelentes condutas” (alusão irônica ao comportamento dos professores). Ocorre que a idéia do tópico em si não é vista com “bons olhos” por todos os que se manifestam no fórum, e, diferentemente do objetivo da proposta, a discussão gira em torno, primordialmente, da validade do tópico. Há, então, a presença de dois principais posicionamentos com respeito à temática do fórum: um que defende sua legitimidade e outro que a desqualifica.

Na composição dos argumentos que dão corporeidade a esses posicionamentos é que observaremos o papel funcional das estratégias de referenciação anafóricas com núcleos nominais. Veremos como esses mecanismos concorrem para a consecução de propósitos interlocutivos, atuam na orientação argumentativa do interlocutor, estabelecem relações dialógicas com outras vozes, internas ou externas ao fórum, e, principalmente, promove o alinhamento a um dos posicionamentos ideológicos definidos no interior do fórum. Começaremos nossa análise com as descrições nominais.

5.1.1 As descrições nominais

A primeira ocorrência de descrição definida que iremos analisar verifica-se na segunda mensagem postada no fórum em questão. É justamente essa a mensagem que redimensiona os objetivos da discussão. Veja-se o trecho abaixo:

	FPB/MSG1 (Professor BOMBA!!!)
A	Usemos este espaço aqui em baixo p falar das "bombas" q foram nossos queridos professores neste semestre. Isto é bom pq trocamos informações sobre essas excelentes condutas... Aconselho-lhes a ã se identificar. Aí vem bomba!
	FPB/MSG2 (Sem título)
B	não, não acho legal usar esse espaço pra criticar os professores. São profissionais que já enfrentam a maior barra no trabalho . Não merecem mais essa. Além disso, muitos deles são membros dessa comunidade. Imagina se um deles se depara com uma crítica negativa. Vai ser no mínimo constrangedor. E mais: tu propões que as pessoas postem "anonymous". É uma atitude covarde, não achas?

Observamos, nesse exemplo, que ‘B’ discorda claramente de ‘A’ naquilo que é o cerne de sua “proposta”, num movimento claro de dissimilação: “não, não acho legal usar esse espaço pra criticar os professores”. É justamente a negação (“não” reiterado) que promove o “hiato” entre os dois posicionamentos ideológicos. A interlocução com ‘A’ é atestada no endereçamento direto da mensagem (“tu propões que as pessoas postem ‘anonymous’”), na remissão por repetição de itens lexicais (“esse espaço”, “os professores”) e na referência à força ilocucionária da proposta de ‘A’ (“criticar”).

Tomando-se exclusivamente a relação entre essas mensagens no ponto em que dialogam, poderíamos considerar que, pelo fato de ser contra a idéia do tópico, é possível que ‘B’ esteja falando da posição de professor do curso de Letras (representando e defendendo a classe docente), ou então, da posição de um discente preocupado em projetar uma imagem positiva de si (“solidariedade”, “eticidade”) frente aos membros da comunidade, em especial, aos docentes que dela participam. Neste particular, ‘B’, na tentativa de anular a validade do tópico, relembra que “muitos deles (os professores) são membros dessa comunidade”.

No tocante à postura ideológica de ‘B’, vemos que o argumento mobilizado para deslegitimar o tópico “Professor Bomba!!” é aquele que toca na situação social desfavorável da classe docente, uma estratégia cujo objetivo é despertar a solidariedade dos outros

membros da comunidade e, dessa forma, neutralizar o tópico. Dito de outro modo, a construção de uma imagem positiva dos docentes por 'B' visa, tão somente, manipular seu(s) interlocutor(es) à adesão de seu ponto de vista, qual seja, a deslegitimação e a conseqüente neutralização do tópico.

O objeto discursivo em foco são os professores que, de acordo com o posicionamento de 'B', não "merecem" ser citados da maneira como o foram ("bombas"). 'B' retoma o objeto de maneira especial acrescentando-lhe informações: "que [os professores] já enfrentam a maior barra no trabalho". Essa parte da descrição nominal é uma "estratégia de marketing" de qual o produtor lança mão para sensibilizar seus interlocutores, no caso, 'A' (proponente do tópico) e os membros da comunidade. Nesse ponto, cabe ressaltar uma faceta importantíssima na mobilização das descrições nominais que é a incorporação de vozes exteriores para reforçar o efeito argumentativo causado por esse recurso. O produtor 'B' formula sua caracterização dos docentes baseada num discurso que circula em nossa sociedade, qual seja, a de que a classe docente é conhecida por sua dura jornada de trabalho, pela extensão que faz do trabalho ao ambiente doméstico, pelos baixos salários, pela falta de incentivo à qualificação, pelo desrespeito e, por vezes, pelas agressões que sofrem em sala de aula.

Como salientamos acima, a MSG2 inaugura uma discussão não prevista no conteúdo do texto de abertura do fórum. As demais mensagens constituem-se como a expressão de um dos posicionamentos já especificados. Vejamos o próximo caso de emprego de descrição nominal como reflexo de um desses posicionamentos.

	FPB/MSG4 (Discordo de você)
D	Acho a proposta do ‘A’ muito boa, podemos usar esse espaço para que os professores entendam que como acadêmicos, precisamos do compromisso, que muitos não tem, principalmente os substitutos, temos aqui a pequena chance de tentar sensibiliza-los, já que sendo "negativados" eles terão a oportunidade tanto de se defenderem quanto fazerem uma reflexão sobre seus comportamentos e quem sabe até mudarem...muitos professores acham que por ministrarem aulas na federal não precisam ter compromisso, responsabilidade e nós alunos, inconscientemente aceitamos essa atitude por achar que eles estão com a razão! Se cada um fizesse sua parte a universidade federal seria muito mais valorizada e respeitada! Que venham as críticas CONSTRUTIVAS para os professores...
	FPB/MSG6 (Sem título)
B	‘D’, se tens mesmo alguma crítica a fazer, por que não te diriges ao professor em questão e, numa conversa particular, expõe teus pensamentos? Eu digo isso porque, fazendo as críticas nesta comunidade, não tens a garantia de que elas cheguem ao tal professor. E mais: fazer as críticas aqui parece muito mais uma tentativa de chacota do que propriamente uma tentativa de ajudar o professor . Se queres mesmo que eles reflitam sobre as aulas e certas atitudes, acho que terás muito mais sucesso se conversares pessoalmente com eles.

O foco de nossa atenção no exemplo acima recai sobre o enunciado de ‘B’, que se constitui em resposta ao de ‘D’.

Ao analisarmos o corpus, verificamos que MSG4 e MSG6 instauram um diálogo polêmico. No caso de MSG4, o produtor ‘D’ aprova a idéia do tópico (portanto assimila o discurso de ‘A’/MSG1) e discorda, explicitamente, do ponto de vista de ‘B’/MSG2, analisado anteriormente. Conforme podemos observar, há um aspecto específico inscrito no discurso de ‘D’ que ‘B’ refuta: o estatuto do fórum como um espaço de sensibilização dos docentes por meio de “críticas construtivas”. O argumento usado por ‘B’ para desqualificar esse ponto de vista é o de que não se tem garantia alguma de que a crítica chegará a seu destinatário e que, portanto, o melhor caminho é a discussão dos problemas em conversa particular.

Na relação dialógica entre MSG4 e MSG6, a descrição nominal que caracteriza o objeto “críticas construtivas” introduzido no discurso de ‘D’, expressa, em forma de comparação, a apreciação valorativa de ‘B’: “as críticas a que você se refere me soam mais como uma tentativa de chacota do que como ajuda ao professor”. É justamente essa “ajuda ao professor” (críticas CONSTRUTIVAS) que é estrategicamente retomada, em MSG6, para imediatamente ser negada. É curioso notar que a remissão intermensagem aqui vista cumpre duas funções: sinaliza para o leitor o aspecto focalizado no discurso do outro, (fato da discordância), qual seja, “críticas construtivas”, e, principalmente sua apreciação valorativa negativa sobre esse aspecto. Obviamente, tal atitude apreciativa, expressa nessa descrição

nominal em destaque, encontra ressonância no ponto de vista de ‘B’, reforçando-o. Esse ponto de vista está evidente em MSG2³⁹.

Um último caso expressivo de descrição nominal aparece em outra mensagem fora do enquadre interacional descrito acima. É justamente ela que examinaremos a seguir:

	FPB/MSG15 (Sem título)
G	Legal essa de todo mundo tacar pal no professores (eu ia escrever merdas, mas não achei a atitude ética) que nós temos. mas só falar mal do Túlio Miranda ? que chato... professor ruim temos aos montes. Infelizmente.
	FPB/MSG16 (‘G’)
H	Nós conversamos com alguns alunos q estão a mais tempo na UFPA que falam de outros prof. bomba! + nossa experiência até agora é apenas com pelo menos dois professores bombas(ao meu ver)... um é o Túlio Miranda (desse num preciso comentar + nada né!) e o outro (melhor dizendo) a outra é a prof. Rosilda que pela amor de Deus! oh! professorinha pra encher o saco com aquela dinamica de aula digna de uma lesma! fora a total desorientação em que os alunos ficam com as elucidações da prof.(a)! Sempre tive a sensação de star diante de um funcionário público no final de expediente de sexta que vai fazer hora extra no fimdesemana! égua! E tenho dito.

Não muito diferente do que vimos no exemplo anterior, as duas mensagens apresentadas acima se encontram em relação polêmica. No que se refere ao enunciado de ‘G’, consideramos que ele não acata a “proposta” do tópico (MSG1). Pressupomos isso na maneira irônica pela qual ‘G’ se refere à mesma: “legal essa de todo mundo tacar pal no professores”. Mas como podemos assegurar que essa expressão denota ironia se carecemos do aspecto prosódico, necessário à essa interpretação? As pistas de que dispomos para confirmar que o termo “legal” aponta para um sentido contrário estão dentro dos parênteses. A categorização que ‘G’ faz das mensagens que criticam os professores (“merdas”) e do ato de criticar (“atitude antiética”) nos leva a pensar que ele não assimila a proposta do tópico, e, portanto, não a considera “legal”.

Observamos outro ponto de discordância quando ‘G’ questiona os demais participantes do fórum sobre o fato de as críticas convergirem para um único sujeito: “Túlio Miranda”. Para ‘G’, centrar as críticas somente nesse professor não é justo, visto que ele não é o único professor “ruim” no curso de Letras da UFPA.

É exatamente essas últimas considerações que são recuperadas no enunciado de ‘H’ para serem esclarecidas. Esse participante explica que o fato de Túlio Miranda estar em evidência na discussão se justifica porque foi com esse docente que os alunos matriculados no

³⁹ Exemplificada na página 89.

primeiro semestre de 2006 tiveram experiências não muito boas. Ao usar os pronomes “nós” e “nossa”, ‘H’ se coloca na posição de representante e porta-voz de um grupo de discentes experienciadores dos professores “bomba”. É, então, do lugar social de aluno que esse sujeito enuncia, tendo assim autoridade para falar dos professores “bombas”.

Mas, e quanto ao papel funcional das descrições definidas no discurso de ‘H’? A nosso ver, elas são indícios de que esse produtor, diferentemente de ‘G’, assimila a “sugestão” do tópico. Elas também marcam a contraposição com o ponto de vista expresso por ‘G’ em MGS15, e ainda são um modo de explicitar em que medida os dois professores mencionados (Túlio Miranda e Rosilda) se constituem como péssima experiência para os discentes. A recategorização do referente “professora Rosilda” (remissão intramensagem) é particularmente interessante porque se opera na base de duas descrições nominais metafóricas. No primeiro caso, a configuração morfológica do lexema “professorinha” revela a apreensão que o produtor tem do referente, qual seja, a de um profissional com uma atuação acadêmica medíocre. A comparação metafórica arremata essa apreensão ao criar um efeito de sentido escarnioso: a dinâmica da aula dessa professora = o movimento de uma lesma. O segundo caso é revelador do dialogismo com um discurso circulante em nossa sociedade, qual seja, a imagem que temos da categoria “funcionário público”. O sujeito que se enquadra nessa categoria é visto socialmente como alguém que tem uma jornada de trabalho leve, que usa de artimanhas para não trabalhar (atestados), que dificilmente será exonerado (por isso “deita e rola”), que é acomodado, etc. A metáfora, expressa na descrição, focaliza a atuação acadêmica da professora como sendo marcada pelo desestímulo, pela desmotivação, pela falta de compromisso, etc.

Em suma, as duas estratégias empregadas no texto de ‘H’ estão em perfeita sintonia com seu objetivo interlocucional, a saber, a legitimação do fórum “Professor Bomba!!!”. Não esperaríamos uma recategorização do objeto discursivo “professora Rosilda” de maneira positiva, uma vez que ‘H’ pretende desautorizar o ponto de vista de ‘G’, ao mesmo tempo em que busca sua adesão.

5.1.2 Os encapsuladores

Não há, no fórum “Professor Bomba!!!”, grande incidência de anáforas encapsuladoras. Os casos que analisaremos a seguir foram os mais expressivos do ponto de vista da orientação argumentativa. Consideremos, primeiramente, o seguinte exemplo:

FPB/MSG12 (Sem título)	
A	<p>Quando comentamos com outros colegas de curso sobre a falha de conduta de certos professores, do tipo faltas injustificadas e/ou injustificáveis, atrasos, omissão de conteúdo, etc, ouvimos freqüentemente a bela frase: "Ah, mas isso é assim mesmo, estamos na Federal..." Ah, há!!! Que bonito! É tudo muito longe de tudo, ninguém fiscaliza ninguém, esses professores (é óbvio que não são todos) dão um jeito de a gente assinar listas antigas..., de dizerem que não disseram coisas, de nos fazer ler capítulos e mais capítulos em tempo Record (do tipo leitura dinâmica) muitas vezes sem explicar o assunto em questão, arruinam nossos planejamentos e noções de tempo, etc, e eu não POSSO denunciar? Pois digo mais, pessoalmente, eu ACHO que não somente POSSO, com DEVO. Eu não estou OBRIGANDO ninguém a desabafar. Mas acredito ser este um lugar exatamente PRÓPRIO para essas discussões. Desabafos acadêmicos, tanto do corpo docente, quanto do corpo Discente – afinal eu não acho que seja restrita a entrada nessa COMUNIDADE -; denúncias; TROCA DE INFORMAÇÕES; etc. Por medo de possíveis repressões posteriores, vale ATÉ MESMO ser “café-com-leite”.</p> <p>Acredito que esses problemas na Federal são mais culpa dos alunos que dos professores, se é que me entendem.</p>

A mensagem acima se configura como a segunda manifestação de ‘A’, após a que abre o fórum (MSG1). A discordância dos membros que não aprovam a “proposta” do fórum é o fator que motiva a produção de MSG12, isto é, ‘A’ responde aos que discordam da validade do tópico (especificamente ‘B’ e não muito categoricamente ‘C’). Como estratégia argumentativa para validar o tópico, ‘A’ aponta para uma cultura de comodismo e conformismo diante da “falha de conduta de certos professores”, como se essa fosse uma condição inerente às instituições federais. Para comprovar seu ponto de vista, ‘A’ chama, estrategicamente, vozes externas que atestam esse comodismo: “Ah, mas isso é assim mesmo, estamos na federal...”. E mais, especifica os tipos de desvios de conduta como faltas injustificadas e/ou injustificáveis, atrasos, omissão de conteúdos, entrega de listas antigas para serem assinadas, solicitação da leitura de inúmeros capítulos em tempo recorde, não explicação desses capítulos, não obediência a cronogramas, etc.

Essa listagem é, principalmente, um reforço para descredenciar o posicionamento de ‘B’ e ‘C’, recuperados na pergunta retórica “e eu não POSSO denunciar? e na resposta “...não somente POSSO como DEVO”. A força argumentativa dessa listagem é ainda mais significativa quando ‘A’ a encapsula na forma de “problemas na Federal”. Nesse caso, a carga semântica negativa do núcleo “problemas” funciona como poderosa arma de manipulação dos participantes (inclusive ‘B’ e ‘C’), porquanto direciona a interpretação dos tipos de falha anteriormente referidos. No contexto formal em que se insere, esse encapsulamento converge para o principal argumento de ‘A’ que parafraseamos desse modo: “Os alunos é que são os maiores culpados porque ‘fazem vista grossa’ a *esses problemas na Federal*, tal como o fazem ‘B’ e ‘D’ aqui neste fórum”.

O próximo caso de encapsulamento é particularmente interessante pela configuração formal e semântica de seu núcleo.

FPB/MSG21 (Sem título)	
K	Concordo q é uma situação revoltante quando um professor falha, até pq nós é q somos os maiores prejudicados. Entendo a situação pq tivemos uma professora d morfologia do português q já chegou atrasada no semestre dizendo q o centro não avisou q tinham renovado o contrato dela, além disso quase não deu aulas(por incrível q pareça foram 8 no total). Fomos ao centro, conversamos com ela pessoalmente, e claro q não resolveu nada. Apesar disso, não concordo com essa "crucificação" do professor , acho q é desmoralizá-lo sem de repente nem saber as razões q ele teve pra isso.

À primeira vista, não seria difícil determinarmos, na mensagem acima, o ponto de vista de ‘K’ sobre a temática do fórum. Ele reconhece que a tal “falha” (recorrente nos discursos anteriores) contribui sim para a revolta dos alunos (os mais prejudicados). E mais, ao assumir o papel de discente experienciador dos “problemas na Federal” (“nós é q somos os maiores prejudicados”), reforça o argumento da legitimidade do fórum. Até esse ponto, é possível que os interlocutores, simpatizantes com essa causa, criem a expectativa de que ‘K’ seja um aliado. No entanto, todo discurso até então não passa de estratégia argumentativa para suavizar o impacto de sua discordância. O emprego de “apesar disso” é o elemento que marca a dissimilação em relação à “proposta” do fórum e, portanto, o real posicionamento de ‘K’. O “golpe de misericórdia” é dado pela maneira como ‘K’ avalia todo o conjunto de enunciados anteriores que se ocupam em criticar pejorativamente os professores ditos “bombas”. Nesse caso, o emprego do encapsulador, em negrito, opera as relações de remissão aos discursos alheios (movimento dialógico de dissimilação/remissão intermensagem) e a valoração que ‘K’ faz desses discursos (no caso negativa). Como podemos afirmar que se trata de

dissimilação/distanciamento e não do contrário? Deixando-se o “não concordo” à parte, a configuração formal do núcleo do encapsulador já nos diz muito sobre o posicionamento de ‘K’. Primeiro é que se trata de um metafórico marcado semanticamente pelo dialogismo que estabelece com o discurso religioso. O termo “crucificação” nos remete ao flagelo de uma figura divina causado pela intolerância humana, em outras palavras, à crucificação de Jesus Cristo. Essa comparação arremata o ponto de vista ideológico de ‘K’ ao mesmo tempo em que manipula a percepção de seus interlocutores: “o que vocês estão fazendo com os professores tem o mesmo estatuto do flagelo divino”. Um último aspecto a ser salientado sobre esse núcleo diz respeito ao fato de ele vir entre aspas. Inferimos que esse aspeamento seja um indício forte de que o produtor tem consciência de que está mobilizando estrategicamente um termo recorrente no discurso religioso cristão.

Vejamos o último dos casos mais expressivos de encapsulamento no fórum “Professor Bomba!!!”:

FPB/MSG31 (INTERESSANTE TÓPICO, MAS ACHO QUE FALTA ALGO)	
P	<p>É bom estar por aqui, de novo, com vocês. Gostei da idéia do tópico, não do título. Fica parecendo que só o que importa para os alunos de Letras (já que estão na comunidade Letras & Artes) é saber o lado negativo dos professores. Por que não ampliar o espaço para uma espécie de comunidade avaliativa dos professores, de todos eles. Talvez com um tópico para cada um. Lá, os alunos, após a devida e necessária divulgação, poderiam se posicionar. Existe algo parecido em Harvard. Na Biblioteca Central, há um livro enorme no qual os alunos avaliam os professores em vários quesitos, desde atitude pedagógica à competência técnica. Os critérios são vários... e sérios. Nesse aspecto, faço uma crítica construtiva: não há necessidade, não é ético, a meu ver, "avaliar" certos professores citados da forma vulgar que com que alguns alunos estão fazendo. A não ser que a comunidade assuma esse "estilo". Se for isso, se o espaço é para "botar pra ferrar" com os "Bombas", e se vocês acham isso interessante, então, tudo bem. Não acho legal, seria só mais uma comunidade do Orkut que se especializa em falar do lixo. Eu prefiro o lixo e o luxo, juntos, paradoxalmente.</p> <p>Isso é só uma idéia. Se toparem a história da avaliação, voc~es t~em meu total apoio.</p>

Pelo que podemos observar nessa mensagem, ‘P’ fala do lugar social de docente ao expor seus argumentos contra a idéia do tópico. O que nos faz pressupor isso? Baseamo-nos em dois fatores: primeiro, que esse produtor se individualiza em relação aos demais participantes, colocando-os da posição de alunos: “É bom estar por aqui, de novo, com vocês (discentes do curso de Letras)”; segundo, que ele dá instruções a seus interlocutores em tom professoral, isto é, ele sugere, de maneira didática, como os participantes devem proceder em relação à sua insatisfação com os docentes do CLA-UFGA: “Por que não ampliar o espaço para uma espécie de comunidade avaliativa dos professores, de todos eles. Talvez com um

tópico para cada um. Lá, os alunos, após a devida e necessária divulgação, poderiam se posicionar”. Nas mensagens que seguem MSG31, os participantes parecem não ignorar esse papel projetado por ‘P’ e, mesmo os que continuam a sustentar a validade do fórum, não assumem mais a atitude radical de “tacar pau nos bombas”. O que nos leva a inferir isso é justamente a quase total ausência de mensagens que se referem aos docentes de maneira pejorativa, e mais, a maioria dos participantes concorda, ainda que parcialmente, com o redimensionamento da discussão proposto por ‘P’.

Nesse ponto, cabem duas indagações: no que consiste esse redimensionamento sugerido por ‘P’ e o que, especificamente, o leva a fazê-lo? A apreciação valorativa desse participante sobre o título do fórum ressalta que o propósito da discussão é apenas salientar “o lado negativo dos professores” e destaca que não é ética a maneira “vulgar” como esses professores são referidos. Seria mais ético, conforme seu ponto de vista, se os participantes elegessem critérios “sérios” para avaliar os docentes e, como estratégia de persuasão, cita o sistema de avaliação de uma famosa universidade americana.

Mas, e quanto ao papel do encapsulador anafórico presente no texto? Vemos que ele sumariza a porção textual: “‘avaliar’ certos professores citados da forma vulgar que com que alguns alunos estão fazendo”. Mas não é só isso: o fato de o núcleo vir entre aspas sinaliza o “outro” com o qual o produtor não quer ser identificado (heterogeneidade enunciativa). Em outras palavras, inferimos que ‘P’ desqualifica os enunciados que criticam os professores ao se distanciar deles com o emprego desse “estilo”.

5.1.3 Os rotuladores metadiscursivos

No fórum “Professor Bomba!!!”, é grande a ocorrência de rotuladores metadiscursivos. Seleccionamos, para análise, os casos mais produtivos do ponto de vista da argumentação. Vejamos o primeiro caso:

	FPB/MSG1 (Professor BOMBA!!!)
A	Usemos este espaço aqui em baixo p falar das "bombas" q foram nossos queridos professores neste semestre. Isto é bom pq trocamos informações sobre essas excelentes condutas... Aconselho-lhes a ã se identificar. Aí vem bomba!
	FPB/MSG2 (Sem título)
B	não, não acho legal usar esse espaço pra criticar os professores. São profissionais que já enfrentam a maior barra no trabalho. Não merecem mais essa. Além disso, muitos deles são membros dessa comunidade. Imagina se um deles se depara com uma crítica negativa. Vai ser no mínimo constrangedor. E mais: tu propões que as pessoas postem "anonymous". É uma atitude covarde, não achas?
	FPB/MSG4 (Discordo de você)
D	Acho a proposta do ‘A’ muito boa , podemos usar esse espaço para que os professores entendam que como acadêmicos, precisamos do compromisso,que muitos não tem, principalmente os substitutos,temos aqui a pequena chance de tentar sensibiliza-los,já que sendo "negativados" eles terão a oportunidade tanto de se defenderem quanto fazerem uma reflexão sobre seus comportamentos e quem sabe até mudarem...muitos professores acham que por ministrarem aulas na federal nao precisam ter compromisso, responsabilidade e nós alunos, inconscientemente aceitamos essa atitude por achar que eles estão com a razão!Se cada um fizesse sua parte a universidade federal seria muito mais valorizada e respeitada! Que venham as críticas CONSTRUTIVAS para os professores...

Nosso foco de atenção, nesse caso, recai sobre MSG4, onde se insere os rotuladores em negrito. Não é preciso muito esforço para compreendermos que ‘D’ simpatiza com o tema do fórum. Sua mensagem, como já salientamos anteriormente, foi postada em resposta ao enunciado de ‘B’(MSG2), que é categoricamente contra o uso do fórum para criticar professores. Há uma indicação explícita do lugar social de onde ‘D’ enuncia, conforme se observa no trecho: “[...] como acadêmicos, precisamos do compromisso que muitos não têm [...]”. Essa condição é, como se pode ver no uso da primeira pessoa do plural, partilhada tanto pelo produtor como pelos seus interlocutores. Esse recurso evidencia a pretensão do produtor a porta-voz do grupo, constituindo-se como uma estratégia de persuasão bastante produtiva.

Podemos considerar que, em MSG4, há um movimento dialógico de assimilação e de dissimilação com os enunciados de MSG1 e de MSG2 respectivamente. Quanto ao primeiro movimento, é nítida a apreciação valorativa positiva que ‘D’ faz do enunciado de ‘A’, empacotando-o por meio do rótulo “proposta”. Esse empacotamento não é uma simples remissão intermensagem, mas, principalmente, uma forma de indicar o posicionamento de ‘D’ quanto ao tema do fórum e de orientar a percepção dos membros da comunidade sobre o discurso de ‘A’. De fato, a força ilocucionária do enunciado fundador do fórum (MSG1) não

tem o estatuto de proposta, mas, sim, de imposição: “usemos esse espaço aqui em baixo para falar das ‘bombas’ que foram nossos queridos professores neste semestre”.

O que leva então ‘D’ a interpretar o enunciado de ‘A’ como se tratando de uma proposta? Acreditamos que essa escolha não tenha sido ingênua, dado seu importante papel persuasivo. O supracitado termo causa um efeito de sugestão, de não imposição e mais, gera a impressão de que o idealizador do tópico dá oportunidade a seus interlocutores de refletir sobre a validade do tópico, quando, na verdade, ele quase ordena a discussão de algo dado como posto, verdadeiro, incontestável: “tivemos professores ‘bombas’ nesse semestre e devemos usar esse espaço do fórum para falarmos a respeito de sua conduta”. Acrescente-se a modificação operada pelo axiológico “muito boa”, reforçando positivamente o enunciado que está sendo qualificado.

O movimento dialógico de dissimilação é marcado pela retomada de parte de enunciado de ‘B’ (MSG2) que é o foco da polêmica: “podemos *usar esse espaço* para que os *professores* entendam que como acadêmicos, precisamos do compromisso, que muitos não tem, principalmente os substitutos...”. Observamos que os termos em itálico são recorrentes nos três enunciados em relação polêmica (MSG1, MSG2 e MSG4). O posicionamento de ‘D’, como podemos ver, é similar ao de ‘A’ e contrário ao de ‘B’.

Agora, chamamos atenção para o segundo caso de rotulação operado internamente (remissão intramensagem). Mais uma vez, a escolha do núcleo “atitude” se justifica em razão dos propósitos comunicativos do produtor. Esse nome de processo mental usado para rotular a porção discursiva: “muitos professores acham que por ministrarem aulas na federal não precisam ter compromisso, responsabilidade”, orienta a interpretação do interlocutor para a seguinte questão: os professores deliberam, arbitram, se valem do fato de serem funcionários públicos federais para fazer “corpo mole”. Ora, o objetivo de ‘D’ é salientar a importância do fórum como um instrumento democrático de opinião, e caracterizar o comportamento de certos professores como decorrente da condição de docente de universidade federal.

Vejamos mais dois casos de rotulação no fórum:

	FPB/MSG24 (Sem título)
A	<p>Quando comentamos com outros colegas de curso sobre a falha de conduta de certos professores, do tipo faltas injustificadas e/ou injustificáveis, atrasos, omissão de conteúdo, etc, ouvimos freqüentemente a bela frase:</p> <p>"Ah, mas isso é assim mesmo, estamos na Federal..."</p> <p>Ah, há!!! Que bonito!</p> <p>É tudo muito longe de tudo, ninguém fiscaliza ninguém, esses professores (é óbvio que não são todos) dão um jeito de a gente assinar listas antigas..., de dizerem que não disseram coisas, de nos fazer ler capítulos e mais capítulos em tempo Record (do tipo leitura dinâmica) muitas vezes sem explicar o assunto em questão, arruinam nossos planejamentos e noções de tempo, etc, e eu não POSSO denunciar?</p> <p>Pois digo mais, pessoalmente, eu ACHO que não somente POSSO, com DEVO. Eu não estou OBRIGANDO ninguém a desabafar. Mas acredito ser este um lugar exatamente PRÓPRIO para essas discussões. Desabafos acadêmicos, tanto do corpo docente, quanto do corpo Discente – afinal eu não acho que seja restrita a entrada nessa COMUNIDADE -; denúncias; TROCA DE INFORMAÇÕES; etc.</p> <p>Por medo de possíveis repressões posteriores, vale ATÉ MESMO ser “café-com-leite”. Acredito que esses problemas na Federal são mais culpa dos alunos que dos professores, se é que me entendem.</p>
	FPB/MSG26 (Sem título)
D	<p>Concordo com as palavras do ‘A’... somos de certa forma responsáveis por muitos dos problemas que enfrentamos com relação aos professores... esse tipo de atitude passiva que freqüentemente uma grande parcela do alunos assume diante das falhas dos professores contribui para alimentar o continuismo dessas falhas. No entanto, isso não significa que não possamos agora nos manifestar neste espaço, nosso objetivo é construir uma universidade melhor academicamente e esse espaço contribui para nossa reflexão crítica... exceto quando utilizado para ataques pessoais (aí é outra história!).</p>

Nessa mensagem, também produzida por ‘D’, o dialogismo se estabelece com outra de ‘A’ (MSG24) que, na verdade, é uma repetição de MSG12⁴⁰. Já sabemos que esses dois participantes falam do mesmo lugar discursivo e partilham o mesmo ponto de vista quanto ao que é discutido no fórum. Isso é explicitamente assumido por ‘D’ quando ele declara estar de acordo com “as palavras de ‘A’”. Nesse caso específico de rotulação intermensagem, poderíamos considerar que não há interpretação especial alguma para o núcleo “palavras”, levando-se em conta sua neutralidade. Poderíamos dizer, ainda, que esse rótulo opera como um princípio de economia, pois ele remete a todo enunciado de ‘A’ e não a um ponto específico desse enunciado, o que seria mais oneroso cognitivamente para o leitor. Entretanto, acreditamos que essa neutralidade seja, na verdade, ilusória, uma vez que esse núcleo é revelador da apreciação valorativa positiva de ‘D’ sobre o enunciado de ‘A’. Ora, se fosse o contrário, obviamente esperaríamos que “palavras” viesse acompanhado de

⁴⁰ Ver *corpus* em anexo.

axiológicos como infundadas, impensadas, etc. Em suma, o simples fato de expressar neutralidade já é indício de valoração positiva do discurso do outro.

O segundo caso de rotulador metadiscursivo, presente em MSG26, tem papel argumentativo mais marcado, porquanto sinaliza a apreciação valorativa de ‘D’ sobre o comportamento dos discentes do curso de Letras em relação às “falhas de conduta” dos docentes. A propósito, o rotulador em foco opera uma remissão intermensagem quando sumariza a parte do enunciado de ‘A’ (MSG24) que é assimilado por ‘D’: “esses problemas na federal são mais culpa dos alunos que dos professores”. Como se pode notar, o vocábulo “atitude” seguido pelo modificador “passiva” reforça o argumento de que os discentes do curso de Letras da UFPA fazem “vista grossa” para as “falhas de conduta” dos professores e isso, conforme os pontos de vista de ‘A’ e ‘D’, é algo que o fórum “Professor Bomba!!!” deve denunciar.

A terceira ocorrência de rotulador tem um funcionamento bastante interessante, pois escopa todo o conjunto de mensagens ideologicamente conformadas para defesa da validade do fórum. Mais uma vez, a recorrência da palavra “espaço” denuncia o dialogismo entre essas mensagens, pois é justamente o uso do espaço do fórum para criticar os docentes que é polemizado. Como ‘D’ é a favor da “proposta” de ‘A’, não nos surpreende que esse participante rotule todo o conjunto de enunciados que criticam os professores como “reflexão crítica”. Esse é mais um indício de que os rotuladores são uma excelente oportunidade de os produtores do gênero em foco “sedimentarem” seus pontos de vista na memória discursiva de seus interlocutores.

Vamos ao último exemplo, que agendamos para análise, do fórum “Professor Bomba!!!”.

	FPB/MSG19 (vc sabe o que faz, ‘D’???)
J	pelo amor de Deus!!! baseada em que fatos vc se reporta assim aos professores?e quais os critérios que vc usa para sair por ai dizendo quem é boa pessoa,quem não é,o que devia fazer da vida...acho que vc deveria se aprofundar no que realmente lhe diz respeito como academica:estudar!!!!pesquisar!!!e não avaliar pessoas e principalmente os professores,acho isso um tanto perigoso
	FPB/MSG20 (‘J’)
D	Eu acredito que vc nao tenha entendido a proposta do tópico "professor bomba", esse tópico veio para facilitar a comunicação e críticas aos professores, sim, porque eles são os nossos espelhos, é através das orientações deles que poderemos nos tornar professores também e quando critico os professores em momento algum eu ofendo a pessoa e sim o profissional e para isso me baseio, assim como os outros, no que vemos e presenciamos em sala de aula e lhe digo mais, esse tópico, acaba formalizando o que se diz nos corredores da universidade! O que acontece é que muitos alunos ou por serem hipócritas ou (não sendo tão radical)por não terem acesso a internet não se manifestam, mas levantam essa bandeira! Espero que vc observe que em nenhum momento eu me reportei aos professores ofendendo-os moralmente e sim profissionalmente, que é um direito que me assiste!

Pelo que podemos perceber na interação localizada acima, há um claro embate de posicionamentos ideológicos: o texto de ‘J’ insurge-se contra a maneira “desrespeitosa” com que ‘D’ se refere aos discentes em MSG8⁴¹. O principal argumento de ‘J’ é que seu interlocutor não tem fundamento suficiente para “avaliar” a prática pedagógica dos docentes: “quais os critérios que vc usa para sair por ai dizendo quem é boa pessoa, quem não é,o que devia fazer da vida [...]”. Não seria difícil apontarmos para as vozes que atravessam o discurso de ‘J’. Arriscamos afirmar que esse produtor ancora seu ponto de vista num discurso que diz que os alunos não têm maturidade suficiente, ou ainda, não têm fundamentos necessários para avaliar a conduta acadêmica dos professores. Falta-lhes experiência e, portanto, qualquer crítica que esse segmento faça à classe docente é esvaziada, não tem credibilidade.

Não podemos dizer muito do lugar de onde ‘J’ enuncia, pois isso não é marcado em seu texto. Aliás, esse texto é sua única manifestação em todo fórum, por isso não dispomos de informação suficiente para determinarmos o papel interacional que ‘J’ assume enquanto enunciador.

Mas agora pensemos no enunciado-resposta de ‘D’ e, principalmente, na contribuição do rótulo em negrito para a consecução de seus propósitos comunicativos. Em primeiro lugar, é preciso destacarmos a apreciação valorativa que esse participante faz do texto de ‘J’. Esse texto, como se pode notar no discurso de ‘D’, não tem validade argumentativa alguma, dado o fato de seu produtor desconhecer, ou melhor, não compreender

⁴¹ Ver anexos.

o verdadeiro propósito do fórum “Professor Bomba!!!”. Após essa observação, ‘D’ justifica a pertinência do fórum como um mecanismo de avaliação que contribui para a melhoria do fazer docente. Esse enunciador, estrategicamente, convoca vozes externas com o propósito de validar seu ponto de vista. Trata-se de uma referência difusa a vozes que não só acatam a idéia do tópico, como também a põem em prática: “esse tópico, acaba formalizando *o que se diz nos corredores da universidade!*”. Nesse ponto, fica claro o esforço desse produtor em convencer seu interlocutor a acatar a proposta do fórum e vê-la com “bons olhos”. Esse esforço é ainda mais evidente pela forma com que ‘D’ remete ao conjunto de informações que defendem a legitimidade do fórum. O rotulador metadiscursivo “essa bandeira” é um expediente de cunho metafórico que cria um efeito de sentido de causa justa, de luta por um direito, de algo reconhecido pela maioria, qual seja, o direito de os alunos poderem se manifestar, criticar as “falhas de conduta” docente.

Todas as estratégias analisadas são as representantes que elegemos do conjunto de ocorrências verificadas no fórum “Professor Bomba!!!”. Passaremos, em seguida, à análise dos processos que elegemos do fórum “Indignados!!!”.

5.2 FÓRUM “Indignados!!!”

Sem dúvida, do conjunto de dados que compõe nosso *corpus*, o fórum “Indignados!!!” é o mais produtivo em termos da ocorrência de estratégias de referenciação anafóricas com núcleos nominais. Ele ainda é especialmente interessante pela multiplicidade de pontos de vista que configuram discussões diversas, muito pontualizadas, mas todas vinculadas de algum modo à temática principal. A propósito, convém salientarmos alguns pontos importantes sobre o evento que motivou a criação do fórum.

A leitura das primeiras mensagens postadas no “Indignados!!!” nos remete ao seguinte acontecimento: a eleição para dirigentes do Centro de Letras e Artes da UFPA, ocorrida no ano de 2006. Pelo que pudemos extrair dos primeiros enunciados postados, três chapas concorreram ao pleito e, como normalmente se espera de uma eleição, apenas uma delas saiu vencedora.

Mas, no que consiste a tal “indignação” expressa no título? Ocorre que o regimento eleitoral, acordado entre as chapas, previa três categorias votantes, quais sejam, docente,

discente e técnico-administrativo. Esse regimento estipulou a seguinte fórmula quando do cômputo dos votos e do resultado final do pleito:

$$P = (VD/Ud + VT/Ut + VA/Ua) \cdot 100/3$$

A equação faz uma relação entre os votos na chapa e os votos válidos:

- a) (VD/Ud) relação entre os votos dos docentes na chapa pelo número total de docentes que votam.
- b) (VT/Ut) relação entre os votos dos técnicos na chapa pelo número total de técnicos que votam.
- c) (VA/Ua) relação entre os votos dos alunos na chapa pelo número total de alunos que votam.

Somam-se os coeficientes, multiplica-se por 100 e divide-se por 3, o que resultará no número de pontos da chapa.

Pelo que podemos perceber nessa fórmula, há uma equiparação quanto ao peso do voto de todas as categorias. Dito de outro modo, o processo eleitoral não se pauta pela universalidade dos votos, mas sim pela proporcionalidade do voto das categorias.

Com respeito aos resultados da eleição, houve um desconforto por parte da categoria discente, porque a chapa vencedora obteve a quase totalidade de votos do segmento técnico-administrativo (31 votos em um universo de 37 eleitores), em contrapartida, a segunda colocada obteve mais votos nas duas outras categorias, docente e discente. Isso, do ponto de vista quantitativo, soou para alguns alunos, principalmente os mais engajados no processo, como um processo eleitoral anti-democrático, já que o que se viu foi a vontade de apenas uma categoria (técnicos) realizada.

Esse resultado foi o motivo que levou um membro da comunidade “Letras e Artes – UFPA” a criar o fórum supracitado. Não sabemos muito a respeito do enunciado inaugurador da discussão, muito menos sobre seu produtor, pois, por algum motivo que desconhecemos, este último o excluiu e abandonou a discussão que, a propósito, começou. Tudo o que dispomos de informação sobre esse enunciado são partes reproduzidas no texto do participante ‘B’ (MSG2)⁴²: "Foram os funcionários que decidiram a eleição. Mas será que 31 de funcionários sabem o que é melhor para nós, discentes e docentes?". Como podemos

⁴² Ver anexos.

perceber, esse trecho confirma o que já havíamos dito: a “indignação” é com o fato de somente a categoria técnico-administrativa ter decidido o resultado do pleito.

Uma questão também muito interessante sobre esse fórum, diz respeito ao fato de a maioria dos que se rebelam contra o modelo reconhecer que o resultado seja legítimo, visto que “as regras do jogo” foram acordadas entre as chapas concorrentes antes do evento eleitoral. Para entendermos melhor isso, vamos, a seguir, reproduzir a mensagem de abertura⁴³ do “Indignados!!!”. Nosso objetivo é identificarmos marcas do dialogismo com a mensagem que inaugura a discussão, infelizmente excluída, com vistas a uma melhor compreensão da natureza do que está sendo questionado.

FI/MSG1 ("Eleição para quem?")	
A	<p>discutir o resultado eleitoral, no meu ponto de vista, não é baixaria. Não se trata de atacar com discurso de vencedor ou mesmo de perdedor a chapa adversária, trata-se de se observar os dados informados pelo resultado. O processo de aceitação das "regras do jogo" eleitoral foram aceitas pelas chapas que concordaram em disputar dessa maneira, por esse viés o resultado é totalmente válido. Entender o processo é uma coisa, aceitá-lo é outra completamente diferente. Não se pode ficar calado diante de um processo injusto como esse em que a minoria acaba decidindo, no caso exposto, praticamente desconsiderando a opinião de duas das três categorias votantes: docência e discência. Então é um novo momento de reflexão, de movimentação, sobretudo dos alunos, ao meu ver os mais prejudicados pelo pleito, chamar as outras categorias para a discussão e retificação da validade dos votos, para que, numa próxima eleição essa mesma "decepção" não ocorra. Não se trata de chorar ou se lamentar pela vitória de fulano ou fulana, trata-se de chorar e se lamentar pelo próprio processo, elaborado há anos dessa maneira totalmente injusta. Portanto, já está mais do que na hora de mudar isso, agora resta saber, será a nova Diretoria do CLA estará disposta a aceitar essa discussão junto com alunos, técnicos e professores, já que se trata também de perdas de certos currais eleitorais para alguns?</p>

A leitura das primeiras sentenças nos revela a avaliação apreciativa de ‘A’ sobre o foco da discussão inaugurada no fórum: “discutir o resultado eleitoral, no meu ponto de vista, não é baixaria. Não se trata de atacar com discurso de vencedor ou mesmo de perdedor a chapa adversária, trata-se de se observar os dados informados pelo resultado”.

Vemos ainda que esse participante ancora sua argumentação nos resultados do pleito que, segundo ele, é “injusto”, dado o fato de a chapa vencedora ter perdido em número total de votos para a segunda colocada. Ainda nessa mensagem, é possível confirmamos aquilo que dissemos sobre o reconhecimento da validade do resultado do pleito: “O processo de aceitação das "regras do jogo" eleitoral foram aceitas pelas chapas que concordaram em

⁴³ Do ponto de vista formal, essa é de fato a mensagem de abertura do fórum, já que a anterior, que inaugura a discussão, foi excluída por seu proponente.

disputar dessa maneira, por esse viés o resultado é totalmente válido”. Observamos, portanto, que a discussão gira em torno do modelo de eleição (tipo de voto), e a insatisfação com o resultado do pleito decorre dessa forma de computar os votos. Assim, o efeito de sentido causado pelo emprego da expressão “por esse viés” denota claramente que o produtor aceita o resultado da eleição, mas não concorda que o modelo seja perpetuado.

Encontramos na proposição: “Não se pode ficar calado diante de um processo injusto como esse em que a minoria acaba decidindo, no caso exposto, praticamente desconsiderando a opinião de duas das três categorias votantes: docência e discência”, o principal indício de dialogismo com o enunciado inaugurador do fórum, pois não muito diferente do trecho⁴⁴ citado em MSG2⁴⁵, o aspecto primordialmente questionado é a decisão de uma categoria prevalecer.

As mensagens subseqüentes, praticamente a maioria, vão sempre enfatizar esse dado quando argumentarem contra o modelo do processo.

Cabe ressaltar, em MSG1, a estratégia de persuasão empregada por ‘A’ para sensibilizar os demais participantes, no caso, tidos como alunos, a aderir à discussão e, sobretudo, criticar o modelo de eleição posto. ‘A’ coloca os discentes como “os mais prejudicados pelo pleito”, desse modo, faz com que eles se sintam compelidos a abraçar essa causa.

Em suma, do que podemos extrair de MSG1, o participante ‘A’, assimilando o enunciado inaugurador do fórum, convoca os membros da comunidade “Letras e Artes – UFPA” a uma discussão sobre o modelo eleitoral na UFPA.

Mas, não fugindo à regra, o que é comum ao gênero analisado, há diversidade de posicionamentos ideológicos, o que gera bastante polêmica.

A exemplo do que fizemos quando da análise do fórum “Professor Bomba!!!”, daremos saliência às mensagens onde há ocorrência das estratégias focalizadas neste trabalho. Começaremos, igualmente, com as descrições nominais.

⁴⁴ "Foram os funcionários que decidiram a eleição. Mas será que 31 de funcionários sabem o que é melhor para nós, discentes e docentes?"

⁴⁵ Ver anexos.

5.2.1 As descrições nominais

Encontramos em MSG1 (exemplificado na página 105), o primeiro caso de descrição nominal. Já sabemos muito a respeito do posicionamento ideológico de ‘A’. Sabemos que o principal propósito desse participante é desacreditar o regimento eleitoral, a “fórmula” que elegeu os diretores do CLA em 2006. Se esse é o objeto discursivo para o qual sua apreciação valorativa converge, é compreensível que ‘A’ o retome a partir de uma estratégia como a descrição nominal indefinida em destaque. Vemos nela uma excelente oportunidade de manipulação do interlocutor, porquanto ‘A’ mobiliza informações sobre o referente, aquelas que, é claro, lhe convém, com vistas à desqualificação da fórmula que elegeu os novos diretores do CLA.

Chamamos atenção para o fato de o ponto de vista de ‘A’, condensado na descrição nominal, encontrar ressonância no já-dito, inscrito na mensagem que inaugura o fórum. Como já especificamos anteriormente, o fundador do fórum, enfatiza, no trecho citado em MSG2, que o resultado do pleito se constitui como a escolha de trinta e um eleitores. É justamente esse trecho que ecoa na descrição em foco: “[...] em que a minoria acaba decidindo”. O axiológico “injusto” arremata a apreciação negativa de ‘A’ sobre o modelo ao mesmo tempo em que sedimenta na memória discursiva do interlocutor a natureza depreciável desse modelo.

Vejamos os próximos casos de descrição a serem analisados:

	FI/MSG12 (que pena...)
A	tem gente que não entende mesmo o que está acontecendo. Não se trata de gostar ou não de ‘G’, aliás sempre tive um bom relacionamento com essa professora, inclusive no seu primeiro ano de UFPA eu era aluno de sua turma, não se trata de questão pessoal. A indignação é com o processo eleitoral, totalmente discutível , o que se prova através desse debate que agora fazemos. Agora a chapa já foi eleita, o que fazer? Pensar no próximo processo eleitoral. Chorar? Talvez.(...)

	FI/MSG15 (Uma avaliação da formula)
B	Galera, hoje pude ver com calma a formula e realmente fiquei espantado e, acima de tudo, preocupado: como aquilo passou pela gente sem que houvessemos percebido? E olha que tivemos reuniões, tivemos comissão eleitoral, reuniões das chapas, reuniões do conselho de centro e ninguém atentou que a formula poderia criar uma situação em que um candidato que vencesse em duas categorias poderia perder as eleições para um outro que houvesse vencido em apenas uma categoria. Isso é um absurdo q não garante a eleição como um processo eleitoral e, sim, como um processo matemático .

FI/MSG16 (UNIÃO, NOSSA RESPOSTA DEVE SER ESSA)	
E	<p>Se existe uma categoria que no momento precisa de união é a nossa, discentes. Acho que nossa união é a resposta para as divergências que podem existir entre professores e departamentos do curso de Letras, o que de certa forma ao meu ver acabou causando esta fórmula que violenta o direito de todas as categorias, faltou profissionalismo, união.</p> <p>Hj nossa voz foi ouvida no CONSUN, vamos falar tb p nossos professores, para nossos colegas de curso, para os técnicos. Estamos exercendo nosso direito de manifestar nossa posição. Vamos respeitar a todos, e fazer do nosso movimento um momento de união, e não de discórdia, podemos verificar com o atual momento que tal fórmula não vale apenas. Não sou da Literatura nem da Linguística, sou um aluno do curso de Letras.</p> <p>Estou de luto, e a nossa tristeza deve servir de combustível para reivindicar nosso direito: A DEMOCRACIA! A IGUALDADE!</p>

FI/MSG45 (Esclarecimentos)	
F	<p>(...) não é culpa das chapas, mas sim de todos envolvidos na organização por permitirem um modelo tão anti-democrático em relação a vontade da maioria.</p> <p>Na realidade o que eu realmente quero dizer é que a sensação que ficou foi a de que devido o voto da maioria não ter sido relevante para o resultado final das eleições, as reuniões internas de cada chapa, reuniões de departamentos, da comissão eleitoral, etc., não adiantaram nada! Porque toda a mobilização para que centenas de votantes fizessem sua parte foi em vão, visto que seus votos não influenciaram o resultado.</p>

A razão pela qual reunimos num bloco só de análise as mensagens acima não foi porque elas fazem parte de um mesmo enquadre interacional (localizado) dentro do fórum, mas sim porque seus produtores parecem comungar do mesmo ponto de vista quanto ao modelo/processo eleitoral, aliás, o objeto principal da discussão. Um fato que nos chama a atenção é que as descrições definidas presentes em cada mensagem refletem justamente esse ponto de vista em comum.

Quanto à MSG12, vemos que ‘A’ responde a algum enunciado postado anteriormente⁴⁶. O trecho “tem gente que não entende mesmo o que está acontecendo. Não se trata de gostar ou não de ‘G’” nos indica que algum participante interpretou a proposta do “Indignados!!!” como se tratando de um ataque pessoal à ‘G’, docente eleito no pleito, mas ‘A’ afirma que tal compreensão é absolutamente equivocada e, como argumento para comprovar esse engano, ressalta que já fora aluno desse docente e tinha um bom relacionamento com ele.

Está claro, nessa mensagem, o esforço de ‘A’ em esclarecer para seus interlocutores que a “indignação” é com o modelo que elegeu ‘G’ e não com a pessoa eleita.

⁴⁶ Infelizmente não podemos reproduzir tal enunciado para fins de análise, pois, como já dissemos, por algum motivo desconhecido, ele foi excluído do corpo do fórum.

De fato, a maior confirmação disso nos é dada com o emprego da descrição nominal definida que valora negativamente o processo eleitoral. A modificação encerrada pelo grupo axiológico “totalmente discutível” enfatiza um traço do referente que vem sendo “batido” desde o início da discussão por ‘A’: o processo é discutível porque se deu na base de um modelo incoerente, porque “anti-democrático”.

No que diz respeito à MSG15, ‘B’ assume, para os demais participantes da discussão, que é contra o supracitado modelo. Inferimos que esse reconhecimento de ‘B’ sobre o estatuto frágil da “fórmula” seja resultado de alguns embates ideológicos verificados no início da discussão, pois em enunciados anteriores⁴⁷, esse participante defende que “o peso do voto dos técnicos e professores (deve) ser igual ao (dos discentes)”.

É curiosa essa postura dúbia de ‘B’, pois ao mesmo tempo em que defende o voto dos técnicos, desqualifica o modelo de eleição que possibilitou, unicamente a essa categoria, definir a eleição. É mais interessante ainda o fato desse participante falar do lugar social de discente e não abraçar totalmente a “causa” desse segmento expressa no fórum.

Esses são pontos que apenas se esclarecem na leitura das mensagens posteriores postadas por ‘B’, pois, nelas, torna-se mais evidente o seu real posicionamento no fórum. Mas voltemos nossa atenção para a MSG15 e, principalmente, para a descrição nominal nela presente. Ao recategorizar o modelo de eleição como um “processo matematiqueiro”, ‘B’ põe em evidência, justamente, o traço que, no ponto de vista de alguns participantes, é o mais contestável: a fórmula que permitiu que a chapa vencedora do pleito fosse eleita por apenas uma categoria. Aqui não há dúvida de que ‘B’ critica o regimento eleitoral, mas ainda é muito cedo⁴⁸ para dizermos se essa atitude condiz com seus verdadeiros propósitos comunicativos no fórum.

Com relação à MSG16, vemos que ‘E’ interpela seus interlocutores a se unirem e lutarem para que seus direitos sejam respeitados. A estratégia de persuasão empregada para tal é a seguinte: colocar-se e colocar o outro na posição social de discente e apresentar um ponto de vista como verdade universal à qual esse outro deve se sentir compelido a aderir: “nossa união é a resposta para as divergências que podem existir entre professores e departamentos do curso de Letras, o que de certa forma, a meu ver, acabou causando **esta fórmula que violenta o direito de todas as categorias**”.

É importante salientarmos o poder manipulador dessa descrição. Ela causa no interlocutor justamente o efeito de compêlimento, por meio, principalmente, do vocábulo

⁴⁷ Ver MSG2 disponibilizada no *corpus* em anexo.

⁴⁸ No ponto em que se encontra a discussão.

“violenta”. Estrategicamente, o produtor mobiliza esse verbo que é muito recorrente em campos discursivos relacionados a atos de agressão de toda sorte. Desse modo, o interlocutor (colocado como vítima do processo) é induzido a se sentir revoltado, a se sentir ultrajado em seus direitos.

Podemos dizer que o emprego da estratégia supramencionada está em conformidade com o propósito comunicativo de ‘E’ no fórum, qual seja, o de questionar a “fórmula” escolhida para as eleições do CLA. Aliás, esse é o aspecto mais recorrente em, praticamente, todas as mensagens de ‘E’.

A última mensagem do bloco (MSG45) configura-se como uma espécie de pedido de desculpa em público para ‘G’, um dos participantes do fórum, moralmente ofendido por ser acusado de compactuar com uma eleição “desrespeitosa”. É possível que ‘F’ tenha sido levado a postar essa mensagem por conta de uma situação que se instalou no fórum: a pessoa (‘G’) que teve sua vitória eleitoral contestada direta ou indiretamente pelos participantes do fórum, apresenta contrargumentos, em várias mensagens, visando legitimar o resultado do pleito.

Inferimos que a presença de ‘G’ tenha sido decisiva para mudança de postura de ‘F’, face às imagens que são projetadas no discurso do ofendido. É como se ‘G’ enunciasse o seguinte: aqui quem vos fala, em repúdio, é o docente, membro da chapa eleita. O fato é que ‘F’ volta atrás no que afirmara em mensagem anterior⁴⁹ e muda radicalmente o foco de seu discurso. Assume que o problema não está com nenhuma das chapas concorrentes, mas sim com “todos envolvidos na organização por permitirem **um modelo tão anti-democrático em relação a vontade da maioria**”. A presença da descrição definida nesse enunciado tem papel importante para esse desvio de foco, porquanto credita ao modelo a apreciação valorativa negativa de ‘F’, ou seja, ratifica que a “indignação” não é com a chapa vencedora e sim com o modelo.

Consideramos que as descrições nominais analisadas têm em comum o fato de assimilarem um mesmo discurso, qual seja, o que “negativiza” o modelo eleitoral. Aliás, esse discurso é aquele materializado na primeira mensagem do fórum. Observamos também que as informações mobilizadas para caracterização do modelo/processo eleitoral apontam para uma mesma questão: o desrespeito ao voto da categoria discente.

Mais uma vez salientamos que as descrições definidas, além de integrarem porções textuais, de expressarem o ponto de vista ideológico do produtor da mensagem, denunciam o lugar discursivo de onde esse produtor enuncia.

⁴⁹ Ver MSG17 reproduzida a seguir.

Passemos agora ao último caso de descrição nominal definida, agendado para análise, no fórum em questão:

FI/MSG17 (Uma análise do processo, que foi td menos eleição)	
F	<p>Foi um circo armado pra legitimar a escolha de um grupo, isso que deixa as classes docente e discente "indignados"! Pois são maioria, e foram apenas usados pra legitimar a escolha dos técnicos administrativos.</p> <p>Se a decisão de algumas dezenas de funcionários bastou pra escolher o representante, então que se fizesse uma "eleição" entre eles.</p> <p>Não questiono de maneira alguma a competência dos vencedores, pelo contrário, a reconheço. Pois fizeram a campanha certa, para o público alvo certo, considerando-se a fórmula do processo. Enquanto os vencedores fizeram a campanha dos bastidores, os outros candidatos vieram a público, se esforçaram na luta por votos, desgastaram sua imagem em discussões acirradas, criaram debates entre os alunos, e os mobilizaram - oq é difícil em tão pouco tempo.</p> <p>Mas infelizmente para esses candidatos, todo esforço de campanha não passou de uma "brincadeirinha" de eleições, assim como meninas brincam de "fazer comidinha" quando crianças...</p> <p>Independente de chapas, todos aqueles alunos e professores que foram às urnas votar tem o direito de ficar no mínimo chateados com o modelo do processo. Inclusive aqueles que votaram na chapa vencedora, pois o voto desses também foi desrespeitado, tendo em vista que não influenciou no resultado final.</p> <p>Em tópico anterior foi dito: "Nossa se conformem..."</p> <p>Eu digo : "Alunos, professores, NÃO SE CONFORMEM!"</p> <p>Não se conformem com o desrespeito ao seu voto, e isso vale a todos, pois todos foram usados pra legitimar a escolha de uma minoria. Que continua sendo minoria, independente de sua escolha ser mais importante segundo um colega que aqui expôs suas idéias.</p> <p>Devemos ou mudar esse modelo para próxima eleição, ou então simplesmente não votar mais na próxima, visto que nosso voto não faz a menor diferença.</p>

Essa é a mensagem que redimensiona a discussão no fórum, porquanto reverte a situação, colocando a chapa vencedora como “vilã” do processo. Na verdade, ainda persiste uma crítica ferrenha ao modelo, tanto que a descrição nominal o recategoriza metaforicamente como “circo armado”. Uma primeira leitura dessa expressão nos revela a voz do senso comum que a atravessa: um evento é considerado “circo armado” quando seus organizadores ou idealizadores não o “levam a sério”. É importante enfatizarmos a carga negativa que tem o primeiro lexema, que gera um efeito de sentido de “palhaçada”, de comicidade, de falta de seriedade. Mas onde reside, nessa descrição nominal, a acusação à chapa vencedora? É justamente o item “armado” que insinua isso, pois, afinal, se a chapa de ‘G’ saiu vencedora, então foram seus integrantes que “armaram” para ganhar o pleito.

Não há dúvidas de que esse é o efeito de sentido que ‘F’ quer causar nos interlocutores, uma vez que, em enunciado posterior⁵⁰, reconhece, ironicamente, a competência dessa chapa por ter estudado e aproveitado as nuances do modelo: “Não questiono de maneira alguma a competência dos vencedores, pelo contrário, a reconheço. Pois fizeram a campanha certa, para o público alvo certo, considerando-se a fórmula do processo”.

Consideramos que essa mensagem deixa entrever algo que até então estava sendo subentendido no fórum. Tudo indica que acusar o modelo tenha sido um expediente para velar a real indignação dos participantes: a vitória de uma chapa não escolhida pelos discentes de Letras. Vemos que ‘F’ assume publicamente essa visão, talvez, sem se dar conta das conseqüências que seu discurso pode ter dentro do fórum.

5.2.2 Os encapsuladores

No fórum “Indignados!!!”, a incidência de encapsuladores anafóricos também é muito baixa. Vamos a seguir analisar os três casos que consideramos mais expressivos quanto ao poder de orientar argumentativamente o interlocutor. Vejamos o primeiro exemplo:

FI/MSG11 (Sem título)	
E	<p>Hoje o Centro Acadêmico de Letras foi ao Conselho Superior Universitário (CONSUN) e pediu ao Reitor o direito de fazer uma comunicação a todos os conselheiros presentes, nosso pedido foi aceito e com isso levamos ao Reitor, Pró-Reitores e a todos os conselheiros a voz do aluno de Letras sobre o descontentamento no que diz respeito ao processo eleitoral que atualmente mobiliza nossos discentes, sempre lembrando aqui que estamos e devemos representar os alunos que nos elegeram para representá-los, deixando de lado qualquer manifestação a favor de alguma chapa que estava concorrendo as eleições para o CLA. Representei o CAL e os discentes de Letras, juntamente com a presença da aluna Valéria Sampaio e do aluno Gustavo Almeida (todos membros do CAL) perante o CONSUN, e foi apresentado a todos os membros do CONCUN a atual situação, onde um número muito grande de alunos está sentindo que o processo eleitoral não foi justo, e com isso pedem ao CAL uma atitude perante o atual impasse.</p> <p>Fomos ao conselho máximo de nossa Universidade dar vozes para os alunos de Letras. O CAL é de vcs e p vcs e está aberto p que TODOS posam se manifestar, sendo nossa obrigação atendê-los.</p>

⁵⁰ Ver MSG18 disponibilizada no *corpus* em anexo.

Já analisamos uma mensagem de 'E' em que ficou explícita sua posição ideológica contra o modelo adotado para as eleições do CLA em 2006. Mas, é no exemplo acima que podemos ver, mais especificamente, o lugar de onde esse participante enuncia. É na posição de representante do Centro Acadêmico de Letras (CAL), portanto, de representante dos discentes de Letras, que 'E' comunica ao Reitor da UFPA a insatisfação dos alunos com o resultado do pleito. É interessante como esse “estado de coisa” (descontentamento) é colocado na situação de generalidade, com vistas à manipulação do interlocutor: “[...] levamos a voz do aluno de Letras sobre o descontentamento no que diz respeito ao processo eleitoral que atualmente mobiliza nossos discentes [...]”. Não há dúvida, nessa proposição, de que são todos os discentes de Letras que se sentiram descontentes com a “fórmula”, por isso, como representante do CAL, 'E' se dirige ao Conselho Superior Universitário (CONSUN) para comunicar aos conselheiros o modelo de eleição contestado pelos alunos.

É ainda evidente o propósito de 'E' em categorizar o processo eleitoral como injusto, problemático. Esse participante até convoca, de maneira indireta, a voz dos alunos para fortalecer sua apreciação negativa: “[...] um número muito grande de alunos está sentindo que o processo eleitoral não foi justo [...]” e, mais a frente, encapsula essa informação na forma de “o atual impasse”. O núcleo desse encapsulador encontra eco em diversas vozes, materializadas no fórum, que põem em xeque a validade do pleito.

Um último aspecto a ser salientado sobre MSG11 diz respeito à preocupação do produtor em esclarecer que a representação do CAL é em favor dos alunos e não de algumas das chapas concorrentes. Isso nos soa como uma tentativa de encobrir o real motivo da indignação explicitado acima. Ora, se o resultado da eleição é considerado, pelos discentes, como algo injusto, anti-democrático, é justamente porque a chapa na qual eles votaram e que, conseqüentemente, obteve maior número de votos não ganhou. Então, embora se declare estar no CONSUN como porta-voz dos alunos de Letras, 'E', enquanto aluno, está insatisfeito. Confundem-se, assim, duas vozes, a do representante dos alunos e a do próprio aluno. Os participantes criticam o modelo e não diretamente os integrantes da chapa vencedora num jogo que busca salvaguardar as faces dos diretamente envolvidos no processo eleitoral do CLA.

Passemos ao próximo caso de encapsulamento anafórico.

	FI/MSG18 (Cumprimentos)
F	[...] Parabéns aos Prof ^{os} . Henri e ‘G’ pela vitória, que foi fruto de uma campanha bem calculada, direcionada a minoria que detém o poder de decisão no processo. Tendo assim a certeza da vitória do início ao fim, graças aos 31 votos conquistados no mano a mano.
	FI/MSG22 (MUITO OBRIGADA PELA FALTA DE RESPEITO)
G	<p>Obrigada, especialmente ao ‘F’, que me parabeniza ironicamente pelos resultados da eleição à Direção do CLA.</p> <p>Obrigada por não saber quem eu sou, por não saber de minha luta, de meu trabalho, de minha angústia por estar lendo, nessa comunidade, o resultado não de uma eleição, mas de um processo de luta que há mais de 16 anos venho desenvolvendo por várias regiões do país. Falo de luta em prol de um processo educacional justo, coerente e politizante. Falo de luta pelas minorias em campos que você, tão novinho ainda, e tão ativo em seus pré-julgamentos, não consiga percebê-los, e muito menos incorporá-los.</p> <p>Falo de luta juntamente com os alunos. Acho que vc tb desconhece que nossas poucas camisas foram compradas por eles, pq não tínhamos (eu e Henri) dinheiro para bancá-las. Os alunos do DLLV, alguns de comunicação e do DLLE (ao todo 17) me chamaram para uma reunião numa quinta à tarde, no bloco L. Tal a minha surpresa, qdo fui colocada no centro da roda para ouvir as suas reivindicações. Estavam com as propostas de nossa chapa em mãos. Pediam para tirar isso e colocar aquilo... Foi fantástico poder ter sido chamada, e não precisar chamar. Foi muito bom poder sentar com o Henri e reformular nossas propostas a partir dos interesses dos alunos. Eram 17, mas qtos em outras chapas, ou para outras chapas tiveram essa iniciativa? Qtas propostas foram reformuladas a partir dos alunos?</p> <p>É, meu caro, em um sábado, outros alunos, agora já em número maior, me pediram tecido branco. Comprei o suficiente para 4 faixas. Eles se reuniram no salão de festas do meu prédio e pediram para eu descer qdo tudo estivesse pronto. Eles próprios fizeram as faixas. Eu e Henri só mandamos (e pagamos) por 2 das faixas dentre aquelas que vcs podiam ver espalhadas na UFPA. Alunos fazendo faixa para professor? Qtos tiraram quase dois turnos de seus sábados para para isso em outras chapas? Os alunos, depois, mais unidos e numerosos, entravam nas salas comigo, dia e noite</p>

Para entendermos a mensagem de ‘G’, é preciso que a concebamos como resposta ao enunciado de ‘F’ (MSG18). Trata-se de uma interação localizada em que ‘G’ apresenta argumentos para refutar a tese de que não recebeu apoio algum da categoria discente. Esses argumentos são baseados em fatos concretos, ocorridos durante a campanha eleitoral, que revelam o modo como a chapa recebera esse apoio: “Os alunos do DLLV, alguns de comunicação e do DLLE (ao todo 17) me chamaram para uma reunião numa quinta à tarde, no bloco L. Tal a minha surpresa, qdo fui colocada no centro da roda para ouvir as suas reivindicações. Estavam com as propostas de nossa chapa em mãos. Pediam para tirar isso e colocar aquilo[...]”. Cabe aqui salientarmos algumas das estratégias implementadas por ‘G’, para criar o efeito de engajamento dos discentes em sua campanha eleitoral. Observamos a presença do discurso relatado indireto que introduz a voz do outro (discentes) de maneira positiva por meio das expressões: “me chamaram”, “fui colocada no centro da roda”, “estavam com as propostas de nossa chapa em mãos” “pediam”. Como podemos perceber,

elas dão a impressão do envolvimento e interesse dos alunos, de democracia, o que não poderia ser diferente já que um dos principais propósitos de ‘G’ é invalidar os argumentos apresentados no enunciado de ‘F’.

Além disso, a presença do encapsulador anafórico denota o enquadramento da voz do outro de maneira assimilativa. Esse recurso encerra, sob a forma do lexema “iniciativa”, justamente o conjunto das informações que relatam o posicionamento dos alunos de Letras em relação à chapa de ‘G’. A atitude valorativa positiva é expressa na escolha do núcleo do encapsulador que cria o efeito de engajamento voluntário, de apoio deliberado dos discentes à chapa eleita, efeitos esses pretendidos pelo produtor da mensagem em foco.

Passemos ao último caso de encapsulamento no “Indignados!!!”.

	FI/MSG17 (Uma análise do processo, que foi td menos eleição)
F	<p>Foi um circo armado pra legitimar a escolha de um grupo, isso que deixa as classes docente e discente "indignados"! Pois são maioria, e foram apenas usados pra legitimar a escolha dos técnicos administrativos.</p> <p>Se a decisão de algumas dezenas de funcionários bastou pra escolher o representante, então que se fizesse uma "eleição" entre eles.</p> <p>Não questiono de maneira alguma a competência dos vencedores, pelo contrário, a reconheço. Pois fizeram a campanha certa, para o público alvo certo, considerando-se a fórmula do processo. Enquanto os vencedores fizeram a campanha dos bastidores, os outros candidatos vieram a público, se esforçaram na luta por votos, desgastaram sua imagem em discussões acirradas, criaram debates entre os alunos, e os mobilizaram - oq é difícil em tão pouco tempo.</p> <p>Mas infelizmente para esses candidatos, todo esforço de campanha não passou de uma "brincadeirinha" de eleições, assim como meninas brincam de "fazer comidinha" quando crianças...</p> <p>Independente de chapas, todos aqueles alunos e professores que foram às urnas votar tem o direito de ficar no mínimo chateados com o modelo do processo. Inclusive aqueles que votaram na chapa vencedora, pois o voto desses também foi desrespeitado, tendo em vista que não influenciou no resultado final.</p> <p>Em tópico anterior foi dito: "Nossa se conformem..."</p> <p>Eu digo: "Alunos, professores, NÃO SE CONFORMEM!"</p> <p>Não se conformem com o desrespeito ao seu voto, e isso vale a todos, pois todos foram usados pra legitimar a escolha de uma minoria. Que continua sendo minoria, independente de sua escolha ser mais importante segundo um colega que aqui expôs suas idéias.</p> <p>Devemos ou mudar esse modelo para próxima eleição, ou então simplesmente não votar mais na próxima, visto que nosso voto não faz a menor diferença.</p>
	FI/MSG21 (Discordo do 'F')
B	<p>Não houve circo armado algum, a chapa vencedora poderia ser também vítima do mesmo processo a essa altura. Agora vc fala atribuindo sutilmente a culpa de todos para um só.</p> <p>Não consigo ver dessa forma, porque <i>todos participamos, houve conselhos de centro, houve reuniões internas de cada chapa, houve reuniões de departamentos, de colegiado, da comissão eleitoral, enfim, o que não faltou foi oportunidade pra discutir a formula com todas as tendencias que disputavam o pleito. Entao, se alguem armou o circo esse alguem é todo mundo que participou do processo. Pois lembremos que a formula foi aprovada no conselho de centro, com representante de todas as categorias - e olha que no conselho de centro há mais professores que alunos e técnicos...</i></p> <p>E é justamente essa a minha indignação.... Pelo menos nos restou uma lição, vamos nos mobilizar para que esta formula que era reproduzida em outras esferas eleitorais da nossa instituição nao se repita.</p>

A mensagem de 'B' se configura como resposta ao enunciado de 'F' (MSG17). O dialogismo é evidente com a retomada de parte do enunciado desse último: "Não houve circo armado algum, a chapa vencedora poderia ser também vítima do mesmo processo a essa altura". Nesse caso, o movimento dialógico é de dissimilação, marcado principalmente pela presença do advérbio "não". Conforme o ponto de vista de 'B', a culpa pela escolha do modelo não é da chapa vencedora, como insinua 'F', mas sim de todos os participantes que a aceitaram, porquanto ela foi aprovada no Conselho de Centro, por representantes de todas as

categorias. Está claro, nessa mensagem, o propósito de ‘B’ em invalidar os argumentos apresentados por seu interlocutor. Isso fica mais visível ainda quando ‘B’ tenta reverter a situação, insinuando que a culpa também é da chapa derrotada, pois todos os envolvidos no processo eleitoral concordaram com a escolha do tal modelo: “[...] todos participamos, houve conselhos de centro, houve reuniões internas de cada chapa, houve reuniões de departamentos, de colegiado, da comissão eleitoral, enfim, o que não faltou foi oportunidade pra discutir a formula com todas as tendencias que disputavam o pleito [...]”.

É interessante observarmos como esse participante assimila o termo “indignação”⁵¹ que justamente expressa o sentimento de revolta dos alunos com o processo eleitoral, mas de maneira diferente, pois ‘B’ redimensiona estrategicamente seu escopo com vistas ao atendimento de seus propósitos interlocutivos. Com esse lexema que encapsula a porção textual em itálico ‘B’ pretende levar seu interlocutor a acreditar que o sentimento de revolta não é devido ao resultado do pleito, mas sim, ao fato de todas as categorias votantes concordarem com a fórmula. Em suma, o emprego dessa estratégia visa desqualificar o ponto de vista de ‘F’ quando este afirma (MSG17) que o pleito foi “um circo armado” para eleição da chapa de ‘G’.

5.2.3 Os rotuladores metadiscursivos

Também no “Indignados!!!”, percebemos uma grande incidência de estratégias de referenciação do tipo rotulador metadiscursivo. Analisaremos os três casos que mais nos chamaram a atenção por sua força argumentativa. Vejamos o primeiro deles:

⁵¹ Esse termo ocorre, por exemplo, em MSG12, na proposição: “A *indignação* é com o processo eleitoral, totalmente discutível, o que se prova através desse debate que agora fazemos”.

	FI/MSG2 (Eleições para todos, Lucas)
B	<p>"Foram os funcionários que decidiram a eleição. Mas será que 31 de funcionários sabem o que é melhor para nós, discentes e docentes?"</p> <p>Caro Lucas, vc vem se manifestando com um discurso bastante excludente, agora atacando os funcionarios, tirando a liberdade deles escolherem o candidato que os representem para ter que votar no candidato que vc quer.</p> <p>Quanto aos funcionários devo lembrar que somos a maioria esmagadora e poderíamos, de fato, exigir mais representatividade e peso ao nosso voto. Mas seria justo? Quando chegamos na universidade já estão aqui os professores e os técnicos administrativos, mesmo que sejam em numero menor, e quando acaba o nosso tempo, saímos, mas os professores e técnicos administrativos continuam aqui, nós não... Entao, galera, acho que o peso do voto dos tecnicos e professores é justo ser igual ao nosso, apesar dos riscos serem maiores pra eles e não pra gente, a nossa escolha pode complicar 4 anos, no máximo, da nossa formação, pra eles uma vida inteira de trabalho. Portanto, acho que os funcionários têm total direito de escolher o candidato que lhes representar melhor, assim como nos alunos escolhemos o nosso. O funcionários também têm anseios, necessidades e criticas a serem levados em conta, que não é pq eles são apenas 31 que eles tem que abrir mão disso e votar no que for melhor pro aluno e pro prof. Temos que lutar sempre pelos nossos direitos, com responsabilidade e respeitando o direito do outro, inclusive a sua opinião e escolha.</p>

Quando fizemos nossas primeiras observações sobre o “Indignados!!!”, salientamos que a mensagem de abertura desse fórum foi excluída por seu produtor. Sabemos de sua existência porque o enunciado de ‘B’ (MSG2), embora se constitua como a segunda manifestação no fórum, dirige-se a um outro que não a “A’ (MSG1). Asseguramos isso, também, ao observarmos, no texto de ‘B’, a referência à parte do enunciado desse outro (repare-se no segmento entre aspas). Entendemos que o objetivo dessa retomada seja porque ‘B’ pretende sinalizar o ponto exato em que discorda de seu interlocutor (no caso Lucas). Observamos então, em MSG2, um movimento dialógico de refutação, em que o discurso do outro é retomado para ser imediatamente desqualificado. A apreciação valorativa de ‘B’ sobre o enunciado de Lucas é especialmente marcada no rotulador metadiscursivo em destaque, mais especificamente, no axiológico “bastante excludente”. Com o emprego dessa estratégia, ‘B’ procura desacreditar Lucas perante os demais participantes do fórum, evidenciando que a “indignação” desse último é devida muito mais ao fato de que a chapa que apoiou não foi eleita do que às nuances do modelo eleitoral. E mais, ‘B’ coloca a categoria dos funcionários como tendo sua liberdade de escolha cerceada pelo discurso de Lucas.

Podemos concluir, com base no papel argumentativo do rotulador em foco, que ‘B’ não assimila o conjunto de enunciados que reprovam o resultado da eleição do CLA. Essa atitude nos fez abandonar a hipótese de que todos os participantes que enunciam do lugar social de discente de Letras, como é o caso de ‘B’, reproduzem o discurso da “indignação” com a fórmula escolhida e com esse resultado. Na verdade, existem dois posicionamentos

subentendidos no fórum: um a favor do resultado da eleição, a favor do modelo (conseqüentemente, a favor da chapa eleita) e um contra esse resultado, contra o modelo (conseqüentemente, contra a chapa eleita). Não é difícil determinarmos que ‘B’ assume o primeiro desses posicionamentos.

Vejamos os próximos casos de rotulador metadiscursivo.

	FI/MSG29 (Bem lembrado, ‘A’)
B	Agora so nao esqueça que na chapa da profa ‘G’ não tinham bolsistas, não tinham orientandos, eram alunos e ex-alunos, pessoas que ja conheciam as ideias, suas lutas e projetos. Precisava dizer isso pq a chapa da profa ‘G’ estava sendo colocada como se fosse apenas uma chapa de funcionarios e calculadoras. (...)
	FI/MSG33 (Caro ‘B’...)
A	se a chapa da Prof. ‘G’ não tinha bolsistas nem orientandos, significa que as outras tinham, né? Então todos os que votaram nas outras chapas eram apenas Bolsistas e Orientandos? Que coisa né! Que importância tem isso? Não sei onde de fato você pretende Chegar com o que disse. Alunos participaram da chapa da prof. ‘G’, alunos também participaram das outras chapas, e também fizeram campanha. E essa discussão só existe por que se percebeu que a maioria dos alunos votou em outras chapas e não a da referida professora. Quem disse foram as urnas. Os alunos se organizam pois querem ter voz. Claro que esse processo já está efetivado, mas daqui a quatro anos teremos outro.
	FI/MSG37 (‘A’)
B	Digite Ctrl + F e procure o seu nome junto ao seu orientador no meu texto, se vc fizer essa menção, ainda que indiretamente ou levemente, como queira chamar, eu aceito. Pq eu nao consegui ver o que vc viu. A sua ressignificação de hoje , so pra variar, ainda anda sem a base principal pruma discussão dessas: o texto
	FI/MSG38 (só lamento...)
A	E falo por mim, no meu caso eu agi dessa maneira, não sei como os outros pesquisadores, outros orientandos agiram, mas eu agi dessa maneira, não disse em momento algum que você falou do meu caso, fui eu que quis pegá-lo como exemplo (observe bem o texto). Texto? Discussão? Você foi quem começou essa discussão boba de bolsista e orientando , dei minha opinião de acordo com que vi escrito nas suas palavras, é só assim que um texto pode existir. Base para a discussão? Que é isso Rodrigo ‘B’, a desqualificação do texto dos outros não é uma boa saída. Se ninguém tem qualificação pra discussão que te agrada, sinto muito, mas pelo menos eu tentei chegar ao seu nível.

As mensagens acima representadas se constituem uma em resposta à outra (interação localizada) e instauram uma polêmica específica no fórum. Já conhecemos o posicionamento ideológico dos participantes em evidência, portanto, não entraremos mais nessa questão. Interessa-nos a apreciação valorativa que um dá ao discurso do outro, por meio dos rotuladores metadiscursivos em negrito.

Pelo que podemos observar, é a MSG29 que deflagra um embate ideológico quando ‘B’ afirma que a chapa vencedora do pleito não era composta por bolsistas nem orientandos. Conforme seu ponto de vista, os alunos que apoiaram ‘G’ o fizeram motivados por princípios puramente ideológicos. Isso soou para ‘A’ (MSG33) como uma insinuação do tipo: os alunos que apoiaram as demais chapas eram bolsistas e orientandos e o fizeram porque foram coagidos.

‘B’ interpela seu interlocutor (MSG37) para que este procure algo em seu texto que lhe possa servir de base para tal interpretação: “Digite Ctrl + F e procure o seu nome junto ao seu orientador no meu texto, se vc fizer essa menção, ainda que indiretamente ou levemente, como queira chamar, eu aceito”. O objetivo de ‘B’ é desautorizar a interpretação tendenciosa de ‘A’, expressa em MSG33, tanto que ‘B’ remete e qualifica toda essa porção discursiva por meio do rotulador “a sua ressignificação de hoje”, acrescentando-lhe informações negativas: “ainda anda *sem a base principal* pruma discussão dessas: o texto”. O núcleo dessa estratégia tem um papel argumentativo muito grande, pois o termo “ressignificação” (re + significar = significar de novo) salienta que ‘A’ escolheu uma interpretação que lhe convinha, uma interpretação tendenciosa, arbitrária que não condiz com os verdadeiros propósitos comunicativos de ‘B’.

Da mesma forma como o rotulador supracitado encerra a apreciação de ‘B’ sobre o enunciado de ‘A’, este, por sua vez, se vale do mesmo expediente para expressar sua apreciação valorativa negativa sobre o texto de seu interlocutor, por meio do rotulador “essa discussão boba de bolsista e orientando” (MSG38). O dialogismo se revela, nessa estratégia, pela repetição do mesmo item que aparece no enunciado de ‘B’/MSG37 (discussão). O axiológico “boba” deprecia o valor da polêmica em torno da questão “bolsistas/orientandos sendo coagidos a votarem em seus orientadores”.

Os exemplos, aqui analisados, confirmaram nossa hipótese de que, nos fóruns de discussão do Orkut, as estratégias de referência anafóricas com núcleos nominais, são responsáveis, em grande medida, pela orientação argumentativa do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *site* de relacionamento Orkut se tornou uma “febre” entre os internautas brasileiros. A nosso ver, entre os fatores que contribuem para esse sucesso estão a possibilidade de o usuário circular na Rede, contactar sujeitos em espaços geográficos distintos, encontrar pessoas com interesses afins, a exemplo do que ocorre nas comunidades virtuais do Orkut. Nessas comunidades, vemos disponibilizado a seus membros, o gênero fórum de discussão que, conforme nossa percepção, contitui-se como o lugar onde se desenrola boa parte das interações entre esses sujeitos. Esse gênero nos chamou a atenção, principalmente, pela grande incidência de estratégias de referenciação anafóricas com núcleos nominais, capazes de imprimir aos enunciados orientações condizentes com o projeto-de-dizer dos produtores textuais.

Com o objetivo de analisarmos, mais detidamente, a configuração formal desses processos, bem como o papel funcional que desempenham na produção discursiva, procedemos à construção deste estudo. Para uma efetiva compreensão das estratégias focalizadas, tornou-se imprescindível o tratamento teórico-descritivo do gênero onde se inserem tais processos, e das comunidades que disponibilizam tal gênero.

Levando-se em consideração uma ordem lógica, começamos por uma revisão teórica dos principais postulados que se ocupam da categoria de comunidade, para, a partir deles, propormos um conceito de CV adequado ao caso dos agrupamentos virtuais do Orkut. Tais postulados estão inscritos no interior dos estudos sociológicos, no campo dos estudos sobre a aprendizagem social e no interior dos estudos sobre ensino-aprendizagem de línguas.

Conforme a discussão empreendida no segundo capítulo deste trabalho, chegamos à conclusão de que as propostas de definição da categoria comunidade, inscritas em cada um desses lugares epistemológicos, não recobrem, em algum aspecto específico, o caso dos agrupamentos virtuais do Orkut. Nos estudos sociológicos, é consenso que uma comunidade tem, como um de seus elementos constituintes, um espaço geográfico compartilhado, além do sentimento de pertença e solidariedade manifestados pelos membros. Nos estudos sobre aprendizagem social, a categoria comunidade vem atrelada à noção de prática. Uma comunidade de prática é entendida como um grupo de indivíduos que partilham um empreendimento mútuo, que se engaja numa tarefa comum, e que aprende pela prática constante e pela interação regularmente mantida. Além disso, os membros desse tipo comunidade estão em relação assimétrica, porquanto não possuem o mesmo *status* funcional.

Nos estudos sobre ensino-aprendizagem de línguas, a categoria comunidade apresenta um caráter discursivo, posto que se refere a um grupo de pessoas ligadas por um fim comum. Por causa desse elo, elas produzem maneiras particulares e institucionalizadas de pensar, ou seja, produzem discursos que regulam e definem a comunidade. Esse tipo de comunidade pode ser definida, então, com base nas seguintes características: existência de um conjunto amplo e acordado de objetivos públicos; ocorrência de mecanismos de intercomunicação entre seus membros; utilização de procedimentos de participação para prover informação e realimentação; circulação de gêneros para realizar seus propósitos comunicativos; repertório léxico específico; e conjunto de membros que possui um conteúdo comum e uma especialidade discursiva.

Ficou evidente, nessa revisão, que tais propostas não dão conta de explicar o fenômeno dos agrupamentos virtuais do Orkut. De fato, os membros desses agrupamentos não se acham dividindo o mesmo espaço geográfico, não partilham um repertório de recursos (experiências, ferramentas, histórias, modos de resolver problemas recorrentes) para implementar uma atividade comum, não têm papéis diferenciados e especializados, e não estão distribuídos hierarquicamente no ambiente virtual. Que caminhos tomamos, então, para resolução desse impasse?

Apoiamo-nos nas considerações Jones (1997) para quem a existência de CVs não implica uma corruptela do termo sociológico comunidade. Para esse autor, a categoria comunidade tem um sentido dinâmico.

Em suma, propusemos um conceito de CV que, desprendido de alguns traços da visão sociológica clássica, da visão verificada na Teoria Social da Aprendizagem e da Lingüística Aplicada, constitui-se como um grupo de pessoas ligadas por um objeto de interesse comum, um bem simbólico. Para que haja essa ligação, é preciso haver um estabelecimento virtual (cf. JONES, 1997) que sustente a comunidade e a estabilize, sendo a interação garantida por meio de gêneros discursivos específicos.

E, sobre a égide desse conceito, incluímos as associações verificadas no *site* de relacionamento Orkut. De maneira mais clara, verificamos que esse *site* possibilita, a seus usuários, a criação de estabelecimentos virtuais que podem ou não, culminar em uma CV.

Dando prosseguimento à ordem lógica supracitada, dedicamos um capítulo ao tratamento dos fóruns de discussão do Orkut. Cientes da importância que os aspectos relativos à dimensão sócio-histórica desse gênero têm para a qualidade de nossa análise sobre processos de referenciação anafóricos com núcleos nominais, convocamos os postulados bahktinianos que concebem o gênero com base nas noções de dialogismo e cronotopos. O primeiro diz

respeito a uma propriedade imanente aos enunciados, qual seja, o fato de estes serem atravessados por outras vozes; o segundo concerne ao fato de cada gênero se inscrever num espaço e tempo históricos (a esfera social e o momento da enunciação), apresentar um horizonte temático e axiológico (o objeto discursivo, sua finalidade ideológico-discursiva) e um ideal de produtor e interlocutor.

Nossas observações sobre o fórum de discussão, baseadas na perspectiva sócio-histórica de Bakhtin, apontou-nos para o fato de esse gênero ser o meio pelo qual os membros das comunidades do Orkut manifestam sua apreciação valorativa sobre um determinado fato, acontecimento ou aspecto estreitamente vinculado às temáticas dessas comunidades. Na verdade, tudo começa com a mensagem de abertura do fórum que tem uma dupla orientação: constitui-se enquanto resposta de seu produtor a acontecimentos, fatos ou eventos ligados ao tema geral da comunidade e, ao mesmo tempo, instiga a atitude responsiva-ativa dos demais membros da comunidade. A polêmica que normalmente se instala nos fóruns, de maneira geral, é desencadeada justamente por um dos enunciados-respostas postados por um desses membros, especialmente quando a apreciação valorativa sobre o objeto da discussão divergir, em algum aspecto, da do proponente do fórum ou da de outro participante. Nesse sentido, é tecida uma teia interativa em que os sujeitos que se manifestam e se tornam participantes do fórum (des)qualificam o objeto da discussão. Dessa forma, a apreciação valorativa dos participantes pode ou não, identificar-se com a do proponente do fórum. Isso desencadeia uma série de embates ideológicos muito pontuais, motivados justamente pelos posicionamentos diversos sobre o objeto da discussão.

Constatamos que os participantes dos fóruns projetam, freqüentemente, nas discussões seus papéis sociais e verificamos, ainda, que as mensagens postadas mantêm relações dialógicas com vozes externas ou internas ao fórum. Na verdade, esse movimento dialógico se justifica em virtude do alcance dos propósitos interlocucionais dos participantes. Daí que essas vozes podem ser convocadas para serem ora refutadas (movimento dialógico de distanciamento), ora confirmadas (movimento dialógico de assimilação). Essas observações nos foram de grande valia para a análise do conjunto de estratégias em foco, pois percebemos que algumas estratégias foram construídas com base em vozes externas ou internas ao fórum, o que consolida a tese de que os processos de referência são produto de uma negociação discursiva.

A última etapa de nosso percurso teórico, antes da análise dos dados, diz respeito à discussão sobre o fenômeno da referência. Por essa perspectiva, entendemos que a língua não é um sistema de etiquetas aplicáveis a um mundo completamente discretizado

aprioristicamente. Segundo Marcuschi (2004), a língua constitui-se como um sistema simbólico, na medida em que boa parte dos mecanismos de referência são construtos engendrados intersubjetivamente. Mondada e Dubois (2003) especificam, ainda, que a língua não refere objetos do mundo físico, mas sim objetos-de-discurso. Estes, por sua vez, são passíveis de mutação a cada novo lance do jogo comunicativo, o que lhes confere o estatuto de instáveis.

Podemos dizer, com base nessas considerações, que a referenciação é uma atividade discursiva de base sócio-cognitiva, em que os produtores textuais criam objetos discursivos e imprimem a essas entidades uma configuração condizente com seu projeto-de-dizer.

É ancorada nesse lugar teórico que Koch (2005; 2006) propõe uma classificação acurada das estratégias com formas nominais anafóricas, especializadas em imprimir aos enunciados em que se inserem orientações argumentativas condizentes com a proposta enunciativa do produtor textual. Adotamos essa proposta e a reorganizamos, conforme nossos objetivos de análise, isto é, demos saliência apenas às estratégias com grupos nominais anafóricos que interferem na dimensão argumentativa do gênero em foco. Essas estratégias são as descrições nominais, os encapsuladores anafóricos e os rotuladores metadiscursivos.

Nossa grande preocupação, ao analisarmos o papel dessas estratégias em nosso corpus, foi abranger os aspectos sócio-históricos do gênero fórum de discussão. Acreditamos que muitos fenômenos concernentes a esses processos só podem ser explicados quando lançamos mão de elementos que extrapolam a dimensão sistêmica da língua.

De posse desse arcabouço teórico, procedemos à análise dos dados. De fato, constatamos que os participantes dos fóruns de discussão, quando da produção de suas mensagens, recorrem às estratégias supracitadas, tendo em vista a consecução de seus propósitos comunicativos. De que modo, exatamente, isso acontece?

As estratégias focalizadas expressam a atitude valorativa dos participantes dos fóruns sobre objetos-de-discurso pontualizados no co-texto (caso das descrições nominais) ou sobre porções textuais maiores (caso dos encapsulamentos e dos rotuladores metadiscursivos). Ocorre que essa apreciação se coaduna com o ponto de vista ideológico de cada participante. Como exemplo disso, podemos citar o caso do fórum “Indignados!!!”. Os participantes que se rebelaram contra o resultado do pleito, qualificaram o modelo eleitoral escolhido como “processo matematiqueiro”, “um modelo tão antidemocrático” “processo totalmente discutível”.

Verificamos, ainda, dois aspectos interessantes sobre essas estratégias: primeiro, o gênero observado permite dois tipos de movimentos anafóricos: a remissão intramensagem e a remissão intermensagem, e segundo, nas informações mobilizadas para constituição dessas estratégias, preponderantemente nas descrições nominais, ecoam vozes provenientes tanto da esfera interna quanto externa dos fóruns. Quanto aos dois tipos de movimento anafóricos, consideramos que, na remissão intramensagem, tanto a estratégia como o objeto discursivo que ela recobre, encontram-se na mesma mensagem (mesmo co-texto). No tocante à remissão intermensagem, a estratégia está no co-texto de uma mensagem x, por exemplo, e o objeto recoberto está no co-texto de uma mensagem y. Esse movimento, a nosso ver, é constitutivamente dialógico dos fóruns de discussão, porquanto revela a presença, freqüente, do outro no discurso dos participantes. Com relação às vozes que atravessam as descrições nominais, constatamos que as que provêm da dimensão externa, geralmente, constituem-se como vozes consolidadas no senso comum, na política, na religião, etc. A título de exemplo, citamos o caso da descrição nominal “São profissionais que já enfrentam a maior barra no trabalho” que recobre o objeto discursivo “os professores” no fórum “Professor Bomba!!!”. Já as que provêm da dimensão interna, são vozes de participantes que são assimiladas por outros participantes. Este é o caso, por exemplo, do fórum “Indignados!!!” em que muitos participantes assimilam a avaliação de outros quando da descrição do modelo escolhido para as eleições do CLA: “modelo totalmente discutível”. Não podemos deixar de salientar que a mobilização dessas informações passam pelo filtro ideológico dos participantes, uma vez que, se o produtor pretende desqualificar o objeto discursivo em foco na discussão, é de se esperar que a informação contida na descrição nominal negativiza esse objeto.

Nas demais estratégias, em que não pudemos determinar a presença de vozes (externas ou internas), ficou evidente seu papel manipulador, a partir da escolha dos núcleos que davam indicação de como os objetos de discurso deveriam ser interpretados. Não raro, esse núcleo, ao apresentar-se mais neutralizado do ponto de vista argumentativo, ganha reforço com termos axiológicos. Esse é o caso, por exemplo, do rotulador “um discurso bastante excludente” no fórum “Indignados!!!”, cuja força argumentativa reside muito mais no termo “excludente” do que no núcleo “discurso”.

A nosso ver, este estudo foi de grande valia para as pesquisas sobre referenciação, principalmente por duas questões: primeiro, porque demonstramos uma faceta do movimento anafórico peculiar aos fóruns de discussão do Orkut, qual seja, a remissão intra/intermensagem; segundo, porque, diferentemente de outras propostas tradicionais de análise sobre o fenômeno da referenciação, a nossa se construiu sob o viés de uma abordagem

sócio-histórica. De fato, nossas observações revelaram o potencial inovador e criativo dos *e*-gêneros quanto à mobilização dos recursos lingüísticos. Isso nos estimula para a investigação de outros gêneros virtuais em que, talvez, a configuração das estratégias aqui observadas podem ou não se realizar, o que permite ampliar o escopo das considerações feitas neste trabalho, refinando-as, inclusive.

É importante ressaltar que nossas constatações sobre estratégias de referenciação nos fóruns de discussão do Orkut não esgotam as possibilidades de pesquisa sobre esse tema. Ainda é preciso, por exemplo, investigar o que motiva a grande incidência de rotuladores metadiscursivos e o baixo índice de encapsuladores anafóricos nesse gênero.

REFERÊNCIAS

ALDOUS, Joan. O intercâmbio entre Durkheim e Tönnies quanto à natureza das relações sociais. In: MIRANDA, Orlando. **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: Edusp, 1995.

BAKHTIN, M./V.N. Volochínov. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: HUCITEC, [1929] 2006 12º ed.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-335.

CONTE, Maria Elizabeth. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernatete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-188.

FRANCIS, Gill. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernatete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-81.

HIPÓLITO, João et al. **A comunidade como centro**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.

JONES, Quentin. Virtual-Communities, Virtual Settlements & Cyber-Archaeology – A Theoretical Outline. In **Journal of Computer Mediated Communication** vol. 3 issue 3. December, 1997. *Online* em <http://jcmc.huji.ac.il/vol3/issue3/jones.html>

JUBRAN, Célia Spinardi. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Ana Cristina. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005 p. 219- 241.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça **Introdução à lingüística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Cap. III e V. p. 21-33; 51-79.

_____.Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Ana Cristina. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005 p. 33-52.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2006. 5º ed. Cap. I, VI e VII. p. 13-20; 77-81; 83-105.

LIMA, Maria Luiza Cunha. Referenciação e investigação do processamento cognitivo: o exemplo do indefinido anafórico. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Ana Cristina.(Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005 p. 196-218.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O léxico: lista rede ou cognição social? In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires de. (Orgs). **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004. p. 263-284.

_____.Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Ana Cristina. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005 p. 53-101.

_____.Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, António Carlos (Orgs). **Hipertexto e gêneros digitais**. Novas formas de construção de sentido, Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13-67.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernatede Biasi; CIULLA, Alena (Orgs). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-49.

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade Virtual**. Lisboa: Gadiva, 1993.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L, BONINI, A. e MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-83.

ROJO, R. Gêneros discursivos e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L, BONINI, A. e MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184-207.

SWALES, John M. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge university press, 1990.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de Sociologia**. São Paulo: Editora Moraes, 1987.

WENGER, Etienne. **Communities of practice**: learning, meaning and identity. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

ANEXOS

FÓRUM “Professor Bomba!!!”

<p>A</p>	<p style="text-align: right;">25/04/2006 13:26 (1)</p> <p>Professor BOMBA!!!</p> <p>Usemos este espaço aqui em baixo p falar das "bombas" q foram nossos queridos professores neste semestre. Isto é bom pq trocamos informações sobre essas excelentes condutas... Aconselho-lhes a ã se identificar. Aí vem bomba! :</p>
<p>B</p>	<p style="text-align: right;">25/04/2006 15:48 (2)</p> <p>não, não acho legal usar esse espaço pra criticar os professores. São profissionais que já enfrentam a maior barra no trabalho. Não merecem mais essa. Além disso, muitos deles são membros dessa comunidade. Imagina se um deles se depara com uma crítica negativa. Vai ser no mínimo constrangedor. E mais: tu propões que as pessoas postem "anonymous". É uma atitude covarde, não achas?</p>
<p>C</p>	<p style="text-align: right;">25/04/2006 20:33 (3)</p> <p>Ai, ai, ai... Mais polêmica?!!</p>
<p>D</p>	<p style="text-align: right;">26/04/2006 07:49 (4)</p> <p>Discordo de você</p> <p>Acho a proposta do ‘A’ muito boa, podemos usar esse espaço para que os professores entendam que como acadêmicos, precisamos do compromisso, que muitos não tem, principalmente os substitutos, temos aqui a pequena chance de tentar sensibiliza-los, já que sendo "negativados" eles terão a oportunidade tanto de se defenderem quanto fazerem uma reflexão sobre seus comportamentos e quem sabe até mudarem...muitos professores acham que por ministrarem aulas na federal nao precisam ter compromisso, responsabilidade e nós alunos, inconscientemente aceitamos essa atitude por achar que eles estão com a razão! Se cada um fizesse sua parte a universidade federal seria muito mais valorizada e respeitada! Que venham as críticas CONSTRUTIVAS para os professores...</p>
<p>E</p>	<p style="text-align: right;">26/04/2006 10:56 (5)</p> <p>Tive vários...</p> <p>Alice (uma ótima pesquisadora, mas não gostei como professora), Rebeca Pacheco (uma ótima pessoa, mas que já deveria ter se aposentado), Mirela (uma das piores professoras que eu tive na minha vida INTEIRA, pois nem ela sabia o que estava falando) e Cardoso (outro que é excelente como pessoa, mas que não deveria ter abandonado a batina...).</p> <p>Estes são ínfimos se comparados aos que realmente são PROFESSORES. Não acho que deve ser um fórum anônimo, acho que isto é uma forma dos alunos remanscentes manifestarem-se por uma causa muito justa: uma boa graduação. Não acho que seja anti-ético vc criticar um professor, por simplesmente querer exigir uma qualidade...</p> <p>Sou professora, nunca recebi uma crítica. No entanto, entenderia numa boa, caso tivesse realmente uma relevância. Temos que parar de olhar para o próprio umbigo de vez em quando... []'s</p>

B	<p style="text-align: center;">26/04/2006 21:52 (6)</p> <p>'D', se tens mesmo alguma crítica a fazer, por que não te diriges ao professor em questão e, numa conversa particular, expõe teus pensamentos? Eu digo isso porque, fazendo as críticas nesta comunidade, não tens a garantia de que elas cheguem ao tal professor. E mais: fazer as críticas aqui parece muito mais uma tentativa de chacota do que propriamente uma tentativa de ajudar o professor. Se queres mesmo que eles reflitam sobre as aulas e certas atitudes, acho que terás muito mais sucesso se conversares pessoalmente com eles.</p>
C	<p style="text-align: center;">26/04/2006 22:00 (7)</p> <p>Nem todos sabem criticar... Já tivemos tópico parecido no início do semestre passado, e o problema desse tipo de tópico não é a crítica, que acho válida e necessária. Mas sim o fato de que tem muitos que não sabem criticar, nem diferenciar o lado profissional do pessoal. E assim acabam ofendendo moralmente os professores. Fora aqueles que não sabem ser criticados ou então não entendem a crítica... Mas sintam-se à vontade, e assumam a responsabilidade sobre suas mensagens.</p>
D	<p style="text-align: center;">27/04/2006 05:36 (8)</p> <p>É 'B', por isso vivemos num mundo democrático, aceito suas considerações, mas elas não me convencem, pois o que queremos aqui é que os alunos que por ventura ainda não tiveram aula com algum professor bom já esteja preparado quando ele aparecer. Olha só um exemplo: esse semestre tivemos um professor chamado Túlio Miranda, substituto, tínhamos voltado da greve e ele no início do semestre faltou nada mais nada menos que 8 dias ou seja 16 horas aulas e quando veio dar aula se quer inventou alguma coisa pra justificar sua ausência, pra piorar continuou faltando...e não dando nenhuma satisfação e nem falava em "reposição de aula"...claro que fomos ao colegiado e a própria diretora disse que NÃO DEVEMOS ACEITAR essas atitudes, pois se é SUBSTITUTO, pode ser substituído, por isso aviso logo aos alunos que vão te-lo como professor no próximo semestre, se ele continuar faltando é pra fazer uma listagem de presença e deixar lá no departamento que eles vão tomar providência. É pra esse tipo de questões que serve essa comunidade Átila....</p>
B	<p style="text-align: center;">27/04/2006 11:55 (9)</p> <p>agora me responde: será que o Túlio Miranda leu tua mensagem? Se não leu, não vai mudar nada. A mensagem é só para os alunos? Pensei q teu objetivo fosse despertar uma atitude reflexiva por parte dos professores, mas assim não vais conseguir, pq a esmagadora maioria de professores não acessa essa comunidade, entende?</p>
B	<p style="text-align: center;">27/04/2006 12:02 (10)</p> <p>mas se tua intenção for só alertar os alunos, então tá bom, não falo mais nada.</p>
C	<p style="text-align: center;">27/04/2006 21:56 (11)</p> <p>Ratificando a crítica da 'D' ao Túlio Miranda Também cursei a matéria do Prof^o Túlio Miranda nesse semestre, Fundamentos Teoria Literária. E realmente aconteceu o q ela disse, das faltas no início do semestre. Fora as faltas no decorrer do curso. E também me aconteceu de perder a prova da primeira avaliação dele, no dia seguinte dei entrada no pedido da segunda chamada, com todos requisitos e atestados necessários. O cara não marcou a prova de segunda chamada e sequer deu qualquer satisfação. Devido isso e certos critérios condescendentes de avaliação, acabei desanimando do curso que ele estava ministrando. Ele tem uma aula muito boa, engraçada e bem didática. Mas foi negligente nos quesitos apresentados. Uma pena...</p>

A	<p style="text-align: center;">28/04/2006 08:08 (12)</p> <p>Quando comentamos com outros colegas de curso sobre a falha de conduta de certos professores, do tipo faltas injustificadas e/ou injustificáveis, atrasos, omissão de conteúdo, etc, ouvimos freqüentemente a bela frase: "Ah, mas isso é assim mesmo, estamos na Federal..." Ah, há!!! Que bonito! É tudo muito longe de tudo, ninguém fiscaliza ninguém, esses professores (é óbvio que não são todos) dão um jeito de a gente assinar listas antigas..., de dizerem que não disseram coisas, de nos fazer ler capítulos e mais capítulos em tempo Record (do tipo leitura dinâmica) muitas vezes sem explicar o assunto em questão, arruinam nossos planejamentos e noções de tempo, etc, e eu não POSSO denunciar? Pois digo mais, pessoalmente, eu ACHO que não somente POSSO, com DEVO. Eu não estou OBRIGANDO ninguém a desabafar. Mas acredito ser este um lugar exatamente PRÓPRIO para essas discussões. Desabafos acadêmicos, tanto do corpo docente, quanto do corpo Discente – afinal eu não acho que seja restrita a entrada nessa COMUNIDADE -; denúncias; TROCA DE INFORMAÇÕES; etc. Por medo de possíveis repressões posteriores, vale ATÉ MESMO ser “café-com-leite”. Acredito que esses problemas na Federal são mais culpa dos alunos que dos professores, se é que me entendem.</p>
A	<p style="text-align: center;">28/04/2006 08:18 (13)</p> <p>Não é por polêmica, mas por nescassidade. Na próxima eu falo dos Bomba. Não quero ofuscar o que acabo de escrever. Mas antecipo-lhes que concordo plenamente com tudo o que disse a 'D'.</p>
F	<p style="text-align: center;">29/04/2006 22:02 (14)</p> <p>devemos meter bomba sim nos professores bomba...o prof Túlio Miranda - teoria literaria - foi um irresponsavel,pois nao comparecia à sala de aula e ainda teve a cara de pau de dizer que "foi na sala e não havia ninguem" e disse isso varias vezes, sendo que toda a turma estava em sala,ele tem mais é que se tocar que ele ta ali pra fazer o papel de educador e não de uma pessoa que só comparece para marcar o dia da prova, e espero que os futuros educadores(que somos nós)nao chegaremos há um mestrado pensando que vamos fazer a mesma coisa porque não é para isso que eu escolhi essa profissão...</p>
G	<p style="text-align: center;">30/04/2006 20:09 (15)</p> <p>legal essa de todo mundo tacar pal no professores (eu ia escrever merdas, mas não achei a atitude ética) que nós temos. mas só falar mal do Túlio Miranda ? que chato... professor ruim temos aos montes. infelizmente.</p>
H	<p style="text-align: center;">02/05/2006 04:58 (16)</p> <p>'G'</p> <p>Nós conversamos com alguns alunos q estão a mais tempo na UFPA que falam de outros prof. bomba! + nossa experiência até agora é apenas com pelo menos dois professores bombas(ao meu ver)... um é o Túlio Miranda (desse num preciso comentar + nada né!) e o outro (melhor dizendo) a outra é a prof. Rosilda que pela amor de Deus! oh! professorinha pra encher o saco com aquela dinamica de aula digna de uma lesma! fora a total desorientação em que os alunos ficam com as elucidações da prof.(a)! Sempre tive a sensação de star diante de um funcionário público no final de expediente de sexta que vai fazer hora extra no fimdesemana! égua!</p> <p>e tenho dito.</p>

D	<p style="text-align: right;">03/05/2006 08:09 (17)</p> <p>É vero! Assino em baixo 'H'!Tinha me esquecido dela! Infelizmente ainda vamos ter que atura-la mais esse semestre! :(((</p>
I	<p style="text-align: right;">03/05/2006 20:58 (18)</p> <p>eU OdeIo o JoHnY bRaVo!!!! o vulgo esse kra é uma BoMba d tanto tomar bOmBa!</p>
J	<p style="text-align: right;">16/05/2006 14:15 (19)</p> <p>vc sabe o que faz, 'D'??? pelo amor de Deus!!! baseada em que fatos vc se reporta assim aos professores?e quais os critérios que vc usa para sair por ai dizendo quem é boa pessoa,quem não é,o que devia fazer da vida...acho que vc deveria se aprofundar no que realmente lhe diz respeito como academica:estudar!!!!pesquisar!!!e não avaliar pessoas e principalmente os professores,acho isso um tanto perigoso</p>
D	<p style="text-align: right;">16/05/2006 18:50 (20)</p> <p>'J', Eu acredito que vc nao tenha entendido a proposta do tópico "professor bomba", esse tópico veio para facilitar a comunicação e críticas aos professores, sim, porque eles são os nossos espelhos, é através das orientações deles que poderemos nos tornar professores também e quando critico os professores em momento algum eu ofendo a pessoa e sim o profissional e para isso me baseio, assim como os outros, no que vemos e presenciamos em sala de aula e lhe digo mais, esse tópico, acaba formalizando o que se diz nos corredores da universidade! O que acontece é que muitos alunos ou por serem hipócritas ou (não sendo tão radical)por não terem acesso a internet não se manifestam, mas levantam essa bandeira! Espero que vc observe que em nenhum momento eu me reportei aos professores ofendido-os moralmente e sim profissionalmente, que é um direito que me assiste!</p>

K	<p style="text-align: center;">23/05/2006 18:24 (21)</p> <p>Concordo q é uma situação revoltante quando um professor falha, até pq nós é q somos os maiores prejudicados. Entendo a situação pq tivemos uma professora d morfologia do português q já chegou atrasada no semstre dizendo q o centro não avisou q tinham renovado o contrato dela, além disso quase não deu aulas(por incrível q pareça foram 8 no total). Fomos ao centro, conversamos com ela pessoalmente, e claro q não resolveu nada. Apesar disso, não concordo com essa "crucificação" do professor, acho q é desmoralizá-lo sem de repente nem saber as razões q ele teve pra isso.</p>
L	<p style="text-align: center;">24/05/2006 13:43 (22)</p> <p>Rosilda e Rebeca Pacheco</p> <p>Rosilda uma das piores coisas que já me aconteceram nesse curso. Aquela mulher é uma ridícula, pensa que sabe alguma coisa, mas não sabe nada, pelo menos foi essa a impressão que passou para grande parte da minha turma. A aula dela era um verdadeiro martírio. Tinha gente que até queria "matá-la". Graças à Deus, acabou o semestre.</p> <p>Outra bomba é a ultrapassada da Roberta. Ela falta pra caramba com mil desculpas esfarrapadas, matou a família toda, quase morreu "n" vezes, não ensinava PN e ainda se achava a tal. Pobre iludida! Além disso, vivia nos iludindo dizendo que ia se aposentar e até agora nada. Coitados dos seus alunos desse semestre! Por enquanto é só o que eu tenho a dizer.</p>
A	<p style="text-align: center;">25/05/2006 09:44 (23)</p> <p>Luiza 'J', Quem te disse que a 'D' não estuda e/ou não pesquisa? Agora me responda outra coisa: Quantos títulos são necessários para que se possa falar da atitude anti-profficional dos professores?</p> <p>Por favor, responda, este tópico tem ajudado em muito na evolução da minha consciência crítica. Ainda não pretendo aposentar essa discussão. Por favor, não se ofenda ! Eu digo por mim, BASEADO no que acontece na sala de aula em que estudo e não no que acontece com outros. Talvez vc tenha tido a sorte ou a falta de sorte de só ter tido, até agora, bons professores. Para o bem ou para o mau: Parabéns!</p>
A	<p style="text-align: center;">25/05/2006 09:46 (24)</p> <p>IMPORTANTÍSSIMO!</p> <p>Quando comentamos com outros colegas de curso sobre a falha de conduta de certos professores, do tipo faltas injustificadas e/ou injustificáveis, atrasos, omissão de conteúdo, etc, ouvimos frequentemente a bela frase:</p> <p>"Ah, mas isso é assim mesmo, estamos na Federal..."</p> <p>Ah, há!!! Que bonito!</p> <p>É tudo muito longe de tudo, ninguém fiscaliza ninguém, esses professores (é óbvio que não são todos) dão um jeito de a gente assinar listas antigas..., de dizerem que não disseram coisas, de nos fazer ler capítulos e mais capítulos em tempo Record (do tipo leitura dinâmica) muitas vezes sem explicar o assunto em questão, arruinam nossos planejamentos e noções de tempo, etc, e eu não POSSO denunciar?</p> <p>Pois digo mais, pessoalmente, eu ACHO que não somente POSSO, com DEVO.</p> <p>Eu não estou OBRIGANDO ninguém a desabafar. Mas acredito ser este um lugar exatamente PRÓPRIO para essas discussões. Desabafos acadêmicos, tanto do corpo docente, quanto do corpo Discente – afinal eu não acho que seja restrita a entrada nessa COMUNIDADE -; denúncias; TROCA DE INFORMAÇÕES; etc.</p> <p>Por medo de possíveis repressões posteriores, vale ATÉ MESMO ser “café-com-leite”.</p> <p>Acredito que esses problemas na Federal são mais culpa dos alunos que dos professores, se é que me entendem.</p>
M	<p>26/05/2006 13:36 (25)</p> <p>nossa...</p>

H	<p>26/05/2006 13:49 (26)</p> <p>Concordo com as palavras do 'A'... somos de certa forma responsáveis por muitos dos problemas que enfrentamos com relação aos professores... esse tipo de atitude passiva que frequentemente uma grande parcela dos alunos assume diante das falhas dos professores contribui para alimentar o continuísmo dessas falhas. No entanto, isso não significa que não possamos agora nos manifestar neste espaço, nosso objetivo é construir uma universidade melhor academicamente e esse espaço contribui para nostra reflexão crítica... exceto quando utilizado para ataques pessoais (aí é outra história!).</p>
N	<p>27/05/2006 11:36 (27)</p> <p>Isso Concordo, é muita bomba, o pior é que às vezes são várias bombas num único semestre...</p>
D	<p>28/05/2006 18:31 (28)</p> <p>É galera, vou começar a observar a professora, bora vê se ela realmente não tem boa conduta ou se foi algo de semestre! Velu pelo "toque"!</p>
A	<p>10/06/2006 11:38 (29)</p> <p>Tá na mão Tá na mão!</p>
O	<p>11/06/2006 07:26 (30)</p> <p>Professor Substituto Acredito que ainda existe um preconceito muito grande em relação ao professor exercer uma função de substituto na UFPA. Posso dizer por experiência própria, é uma realidade muito dura: salário baixo, já não temos mais direito de corrigir provas na época do vestibular, nossos horários são sempre os mais difíceis. Não podemos mais fazer um plano de carreira. Só pode ser titular na UFPA, se tiver o Doutorado, nem o mestrado é mais aceito. Não quero dizer com isso que o professor não deva se esforçar para dar aulas criativas e do nível que o ensino superior merece. Como substituto, dou minha alma por esse curso que frequentei no período de 1998/2003; não pelo salário, mas por amor a Arte, a Literatura e o ensino dessa disciplina que tanto amo!</p>
P	<p>11/06/2006 07:47 (31)</p> <p>INTERESSANTE TÓPICO, MAS ACHO QUE FALTA ALGO É bom estar por aqui, de novo, com vocês. Gostei da idéia do tópico, não do título. Fica parecendo que só o que importa para os alunos de Letras (já que estão na comunidade Letras & Artes) é saber o lado negativo dos professores. Por que não ampliar o espaço para uma espécie de comunidade avaliativa dos professores, de todos eles. Talvez com um tópico para cada um. Lá, os alunos, após a devida e necessária divulgação, poderiam se posicionar. Existe algo parecido em Harvard. Na Biblioteca Central, há um livro enorme no qual os alunos avaliam os professores em vários quesitos, desde atitude pedagógica à competência técnica. Os critérios são vários... e sérios. Nesse aspecto, faço uma crítica construtiva: não há necessidade, não é ético, a meu ver, "avaliar" certos professores citados da forma vulgar que com que alguns alunos estão fazendo. A não ser que a comunidade assuma esse "estilo". Se for isso, se o espaço é para "botar pra ferrar" com os "Bombas", e se vocês acham isso interessante, então, tudo bem. Não acho legal, seria só mais uma comunidade do Orkut que se especializa em falar do lixo. Eu prefiro o lixo e o luxo, juntos, paradoxalmente. Isso é só uma idéia. Se toparem a história da avaliação, vocês têm meu total apoio.</p>

H	<p style="text-align: center;">11/06/2006 16:40 (32)</p> <p>Realmente (justiça seja feita!) existem otimos professores na UFPA. Não podemos carimbar aqui somente o lado ruim dos docentes (apesar do objetivo do tópico)proponho uma coisa, um contra-ponto, pode haver um topico apontando os professores bons. Equilibrio e discernimento é um obejtivo perseguido desde da Grécia.</p>
Q	<p style="text-align: center;">13/06/2006 07:19 (33)</p> <p>Muito bom o posicionamento da professora 'P'. Eu não quis participar da discussão, por achar tudo pesado de mais. Sei que como alunos temos nossos psocionamentos a respeito dos professores e muitos realmente deixam a desejar, mas acho que nossas críticas devem ser construtivas e não ofensivas.</p>
R	<p style="text-align: center;">16/06/2006 16:55 (34)</p> <p>Futuros professores BOMBA! Acho que tudo isso serve para refletirmos acerca de nós mesmos,sem esquecermos que estamos caminhando para sermos futuros professores.Aos "trancos e barrancos" ou não,devemos fazer de tudo para que um dia não sejamos chamados de "professor BOMBA" por nossos alunos.</p>
A	<p style="text-align: center;">17/06/2006 08:23 (35)</p> <p>Bom, eu também gostei da proposta da prof. 'P'. Mas preciso justificar o nome do tópico: Ele foi criado em meio a um grande tumulto , no final do semestre passado, em que o pessoal da minha sala se encontrava, grande indignação..., mas não os vejo "botando pra ferrar", uns e outros sim, mas isso é com cada um deles. A proposta da prof. 'P' é BEM MELHOR E MAIOR (mais global e mais politicamente correta), mas não acho que extinga a importância que este tópico tenha tido e/ou tenha para muitos de nós - os que não estão para brincadeira -, talvez ofusquem um bocado é bem verdade. Mas não quero que pensem que não gostei do que ela disse. Mesmo! Muito pelo contrário. Solicito, então, que o 'C', que é um cara safo nestas coisas, acate também a idéia, e nos ajude a implementá-la. Eu adorarei participar, É óbvio. E como estou orgulhoso por todos nós!</p>
A	<p style="text-align: center;">17/06/2006 08:30 (36)</p> <p>...Eu mesmo evoluí bastante..., mudei de opinião algumas vezes e não perdi a objetividade, mesmo sob este estado de inconformação - pelo menos é o que eu penso agora rrsrrs.</p>
A	<p style="text-align: center;">17/06/2006 08:43 (37)</p> <p>O professor 'O' não precisa se preocupar, ao menos com que os seus alunos dizem a seu respeito. Ele é sempre elogiadíssimo por todos eles. Eu também já fui seu aluno, e, embora isso não tenha sido aqui na UFPA, e já faça um tempo, eu concordo.</p>
A	<p style="text-align: center;">17/06/2006 09:22 (38)</p> <p>Eu acho que a bronca ã é com os substitutos em especial,ao menos neste caso, mas sim com um certo substituto. A Alice (eu não sei como se escreve o nome dela) nos disse, quando fomos (mais da metade da minha turma) até ela, falar de um certo professor, que por acaso é substituto, que em se tratando de titular ela ã podia fazer quase nada - o que deve significar nada mesmo - mas q em se tratando de problemas graves com substituto era só fazer formalmente a reclamação e bla-bla-blá (formalidades)... e substituir.</p>

<p>D</p>	<p style="text-align: right;">17/06/2006 17:23 (39)</p> <p>Confirmação Acho que o 'A' foi certo ao justificar o nome do tópico, já que realmente quando começamos essa tão "polêmica" discussão, estávamos no final de um semestre conturbadíssimo pelo professor que fez com que iniciássemos esse tópico. Quero ressaltar também que não somos radicais em nossos pontos de vista e como comprovação disso, temos o fato de que pegamos de novo o "tal" professor e no início desse novo semestre ele pareceu estar bem mais empenhado e parece ainda querer ser melhor do que no semestre passado, talvez, quem sabe, ele não deu uma olhadinha aqui e quis melhorar? Ou então tivesse tido seus problemas e por isso foi dispendente no semestre passado? Vai saber...o importante é que nós tivemos coragem e mostramos nossa cara para críticas e tentamos melhorar - talvez não dá melhor forma - a nossa universidade que é tão mal falada ai fora...</p> <p>Quanto a professor substituto também assino em baixo do que disse o 'A' e quero dizer também que temos, ao meu ver, um professor substituto que dá de 1.000 em muitos outros que é o Izauro.</p> <p>Agradeço muito a participação da professora 'P' e sua sugestão, acho até que ela, agora como vice diretora do CLA, junto com o professor Luiz Cardoso poderia implantar essa "avaliação" lá mesmo na universidade "in locu", já que nem 20% dos universitários tem acesso a internet.</p>
<p>C</p>	<p style="text-align: right;">17/06/2006 21:40 (40)</p> <p>Manifestação legítima. Mas sempre tem aqueles que possuem certa dificuldade em manter um nível civilizado ao expressar suas idéias (principalmente suas críticas).</p> <p>Mas no caso desses, ao lermos suas mensagens, também os julgamos. Assim eles mesmos se prestam a uma vergonha dessas. Pois logo em seguida alguém vai contestá-los, faz parte do debate democrático.</p> <p>Enquanto moderador da comunidade, eu até poderia apagar os tópicos ofensivos. Mas não o farei. Apenas em casos extremos. Porque aqueles que publicam suas mensagens aqui devem assumir suas idéias e defendê-las, caso contrário devem sofrer as consequências. Inclusive se eu apagasse uma mensagem ofensiva, o ofendido em questão ficaria sem material de prova para usar na acusação em um possível processo por danos morais, calúnia e difamação e etc..</p> <p>O título do tópico é polêmico, politicamente incorreto, e foi bem pensado dentro do objetivo de seu idealizador. Pois chamou atenção pra causa de um grupo e ganhou dimensões maiores. Mas se não nos permitirmos ser politicamente incorretos e polêmicos, então seremos eternas "vaquinhas de presépio", reprimindo suas insatisfações e sendo reprimidos pelo dito "correto".</p> <p>Claro que devemos ser responsáveis no uso do nosso direito à manifestação, sempre preservando o respeito aos citados. Aos que não conseguem manter o respeito, restam as consequências de suas citações. Quem sabe assim aprendem.</p> <p>Ao criador do tópico os meus parabéns, vc faz parte do grupo seletivo de pessoas que se diferenciam por ter a coragem de "dar a cara à tapas" para defender suas idéias. Vivemos em uma sociedade de maioria medíocre e covarde, que infelizmente incita as pessoas a serem apenas "uma pedra a mais no muro" ("Another brick on the wall" - Pink Floyd).</p> <p>*</p> <p>Abraço, 'C'</p>
<p>S</p>	<p style="text-align: right;">19/06/2006 06:02 (41)</p> <p>Professor Bomba X Aluno Bomba Sérgio Buarque certa vez disse que o problema da democracia no Brasil é que o brasileiro não a conhece, confundindo-a com liberalidade, ou pior, libertinagem. Acho que temos diversos meios para criticar nossos professores, inclusive formalmente por intermédio do colegiado.</p> <p>Não aceitamos "inconscientemente" as atitudes que julgamos erradas dos professores, apenas o fazemos por comodismo. Eu mesmo tenho minhas reclamações, mas não creio ético utilizar este espaço para isso,</p>

	<p>tampouco ofender o professor como se fosse um coleguinha de roda.</p> <p>Pretendo que todos leiam, mas esta mensagem é principalmente para aqueles que ainda pensam que criticar alguém se resume em chamar o outro de ridículo. Somos acadêmicos, portemo-nos como tais.</p>
T	<p>19/06/2006 12:33 (42)</p> <p>!!!</p> <p>Sou aluna de Letras da Universidade de Brasília e penso que a proposta de se repensar a conduta acadêmica a que somos ou deixamos ser submetidos deva sim ser divulgada pela classe que a compõe, os alunos. A idéia do tópico se não muito clara, prever que esse espaço foi criado com o intuito de discutir para re-significar as aulas que merecemos, ou não?! Saibam, que os problemas acadêmicos apenas se localizam em lugares geograficamente distintos, mas são os mesmos! Penso que em muitos casos, os títulos sobem a cabeça mesma. Mas se a idéia não seja repensar tudo isso, de fato a mobilização pára por aqui! Que tal nos manifestarmos efetivamente??</p>
A	<p>20/06/2006 08:53 (43)</p> <p>Este dito já é antigo, mas, talvez, valha...</p> <p>... a pena rele-lo:</p> <p>"Quando comentamos com outros colegas de curso sobre a falha de conduta de certos professores, do tipo faltas injustificadas e/ou injustificáveis, atrasos, omissão de conteúdo, etc, ouvimos freqüentemente a bela frase:</p> <p>'Ah, mas isso é assim mesmo, estamos na Federal...'</p> <p>Ah, há!!! Que bonito!</p> <p>É tudo muito longe de tudo, ninguém fiscaliza ninguém, esses professores (é óbvio que não são todos) dão um jeito de a gente assinar listas antigas..., de dizerem que não disseram coisas, de nos fazer ler capítulos e mais capítulos em tempo Record (do tipo leitura dinâmica) muitas vezes sem explicar o assunto em questão, arruinam nossos planejamentos e noções de tempo, etc, e eu não POSSO denunciar?</p> <p>Pois digo mais, pessoalmente, eu ACHO que não somente POSSO, com DEVO.</p> <p>Eu não estou OBRIGANDO ninguém a desabafar. Mas acredito ser este um lugar exatamente PRÓPRIO para essas discussões. Desabafos acadêmicos, tanto do corpo docente, quanto do corpo Discente – afinal eu não acho que seja restrita a entrada nessa COMUNIDADE -; denúncias; TROCA DE INFORMAÇÕES; etc.</p> <p>Por medo de possíveis repressões posteriores, vale ATÉ MESMO ser 'café-com-leite'.</p> <p>Acredito que esses problemas na Federal são mais culpa dos alunos que dos professores, se é que me entendem."</p>
A	<p>20/06/2006 08:56 (44)</p> <p>Não sei se ainda concordo com o penúltimo período, e nem sei se sou eu quem precisa concordar, mas quanto ao resto...</p>
A	<p>27/06/2006 15:04 (45)</p> <p>'S',</p> <p>as reclamações formais devem ser feitas ao DLLV.</p> <p>Simpatizo com suas considerações, principalmente com a parte "esta mensagem é principalmente...".</p> <p>Se ainda não tiver lido todos os scraps, leia e perceba uma evolução discursiva à que todos nos submetemos.</p> <p>E acho que o resto é por cada um.</p> <p>O tópico é de discussão mesmo.</p> <p>Mas não desista de mim - nem me entenda mal (rsrsrs)!</p>

U	28/06/2006 13:22 (46) em vez de discutir quem é bomba vão ler para não se tornarem que nem eles, criticar é fácil quero ver é melhorar!!!
C	28/06/2006 20:39 (47) Do alto de sua "sabedoria", falou o guru...
V	04/07/2006 13:30 (48) saído vcs falam isso porke não foram alunos do Murilo Feitosa, de LP 4...que amém pediu transferência para o raio que o parta...
A	13/07/2006 14:26 (49) Caro senhor 'U', AH, TÁ...

FÓRUM "Indignados!!!"

A	<p style="text-align: right;">19/04/2006 21:49 (1)</p> <p>"Eleição para quem?"</p> <p>discutir o resultado eleitoral, no meu ponto de vista, não é baixaria. Não se trata de atacar com discurso de vencedor ou mesmo de perdedor a chapa adversária, trata-se de se observar os dados informados pelo resultado. O processo de aceitação das "regras do jogo" eleitoral foram aceitas pelas chapas que concordaram em disputar dessa maneira, por esse viés o resultado é totalmente válido. Entender o processo é uma coisa, aceitá-lo é outra completamente diferente. Não se pode ficar calado diante de um processo injusto como esse em que a minoria acaba decidindo, no caso exposto, praticamente desconsiderando a opinião de duas das três categorias votantes: docência e discência. Então é um novo momento de reflexão, de movimentação, sobretudo dos alunos, ao meu ver os mais prejudicados pelo pleito, chamar as outras categorias para a discussão e retificação da validade dos votos, para que, numa próxima eleição essa mesma "decepção" não ocorra. Não se trata de chorar ou se lamentar pela vitória de fulano ou fulana, trata-se de chorar e se lamentar pelo próprio processo, elaborado há anos dessa maneira totalmente injusta. Portanto, já está mais do que na hora de mudar isso, agora resta saber, será a nova Diretoria do CLA estará disposta a aceitar essa discussão junto com alunos, técnicos e professores, já que se trata também de perdas de certos curráis eleitorais para alguns?</p>
B	<p style="text-align: right;">19/04/2006 22:12 (2)</p> <p>Eleições para todos, Lucas</p> <p>"Foram os funcionários que decidiram a eleição. Mas será que 31 de funcionários sabem o que é melhor para nós, discentes e docentes?"</p> <p>Caro Lucas, vc vem se manifestando com um discurso bastante excludente, agora atacando os funcionarios, tirando a liberdade deles escolherem o candidato que os representem para ter que votar no candidato que vc quer.</p> <p>Quanto aos funcionários devo lembrar que somos a maioria esmagadora e poderíamos, de fato, exigir mais representatividade e peso ao nosso voto. Mas seria justo? Quando chegamos na universidade já estão aqui os professores e os técnicos administrativos, mesmo que sejam em numero menor, e quando acaba o nosso tempo, saímos, mas os professores e técnicos administrativos continuam aqui, nós não... Entao, galera, acho que o peso do voto dos tecnicos e professores é justo ser igual ao nosso, apesar dos riscos serem maiores pra eles e não pra gente, a nossa escolha pode complicar 4 anos, no máximo, da nossa formação, pra eles uma vida inteira de trabalho.</p> <p>Portanto, acho que os funcionários têm total direito de escolher o candidato que lhes representar melhor, assim como nos alunos escolhemos o nosso. O funcionários também têm anseios, necessidades e criticas a serem levados em conta, que não é pq eles são apenas 31 que eles tem que abrir mão disso e votar no que for melhor pro aluno e pro prof.</p> <p>Temos que lutar sempre pelos nossos direitos, com responsabilidade e respeitando o direito do outro, inclusive a sua opinião e escolha.</p>
B	<p style="text-align: right;">19/04/2006 22:16 (3)</p> <p>Com relação a forma eleitoral concordo c/ o 'A'</p> <p>Era uma observação a ser feita antes das eleições, do contrario subtende-se que se o "meu" candidato ganha a formula passa instantaneamente a ser justa.</p> <p>Não tenho uma opinião formada quanto a formula, acho que seria uma discussão a ser amadurecida.</p>

A	<p style="text-align: right;">19/04/2006 22:55 (4)</p> <p>2+2= sei lá.</p> <p>Passamos quatro anos na universidade sim, o tempo do nosso curso, justamente o momento do nosso crescimento intelectual, profissional, quatro anos que decidem o nosso futuro...ao meu ver eles deveriam ser especiais pra nós, não descartáveis ("depois a gente vai embora"), alguns até vão porque nunca estiveram mesmo na academia, outros tropeçam pelo caminho. Nada mais coerente do que queiramos uma representação decidida por nós, alunos. Tudo gira em torno da produção de conhecimento, estamos aqui para nos formar e ter consciência do compromisso social.</p>
C	<p style="text-align: right;">19/04/2006 23:46 (5)</p> <p>Concordo</p> <p>ratifico as palavras do 'A' e do Lucas. A universidade não é feita apenas para uma classe, portanto permitir que apenas os tecnicos decidem os rumos da eleição é injusto, mas não se discute aqui a legalidade do pleito, até porque foi totalmente legal, no entanto a injustiça dos resultados, pois se eram três categorias e duas optaram por um candidato(por sinal um número expressivo) como só uma categoria e menor pode excluir o desejo das outras? não sei, mas nos resta discutir não a legalidade da eleição, mas a real escolha da academia.</p>
D	<p style="text-align: right;">20/04/2006 01:56 (6)</p> <p>SE TODOS OS BRASILEIROS REALMENTE SE MANIFESTASSEM</p> <p>Seria realmente muito interessante para o Brasil, se nos brasileiros discutissimos sobre o que rola nos bastidores e colocar-se a par de todos os detalhes, assim creio que discutir agora ou mais tarde as questoes que ja estao em pratica na Federal, ou qualquer que seja a institucao que nos seja de interessante, eh acima de tudo Direito, pois fazemos sim parte dessa comunidade, seja por 4 anos (o que eu nao consigo ver alguem terminar seu curso na federal em exatamente 4 anos, devido um batalhao de coisas, que tambem sao de extrema importancia pra nos desse corpo) ou por mais tempo ou menos, o importante eh sim a democracia que se faz necessaria, ou soh pq uma chapa ganhou que acha que ta tudo certo???</p> <p>Convenhamos, que nao eh uma chapa que vai fazer as coisas melhorarem, mas sim a uniao de todos, e por isso penso que a discussao eh sim e muito valida!!!</p> <p>Estamos mesmo satisfeitos com tudo que ocorre?!?!?!?</p>
B	<p style="text-align: right;">20/04/2006 04:17 (7)</p> <p>Alguns esclarecimentos</p> <p>Acho que tentaram forçar significados no meu texto, pq não vejo qualquer relação no raciocinio feito pelo 'A' sobre o meu texto:</p> <p>vai embora da universidade = viveu anos descartáveis nela.</p> <p>Não houve no meu texto qualquer relação direta ou indireta "ir embora" com "descartaveis" como foi exposto pelo 'A', acima. Ate pq a pessoa vai embora prum mestrado fora do Estado, vai embora dar aula nos cursinhos fora dos portoes da universidade, vai embora ser empossado no cargo de professor ao qual foi adimitido em concurso, enfim, mas todos esses casos o individuo foi embora da universidade, mas não da sua formação. Não queiramos ressegnificar o que está claramente explicito, mas caso não esteve, agora está.</p> <p>Quando referi-me ao argumento do tempo médio que ficamos aqui, não disse para não ouvir os alunos, vcs têm toda razão, a universidade é importantissima pra gente e devemos estar bem representados nela, mas nem por isso vamos deixar de ouvir as demais categorias, pois se nós temos o número, eles tem o tempo a seu favor e não importa se são dois ou tres, ou um milhão, eles merecem ser ouvidos, assim como a gente e qualquer outra categoria da universidade.</p> <p>O nosso centro dispõe de tres categorias: Alunos tecnicos professores</p>

	<p>Todos têm que ter direito igual a voz e voto, por categoria, independente da quantidade que eles são.</p> <p>Já a formula eu não defendo. Repito: pq não tenho uma opinião formada sobre ela, nem tanto conhecimento. Eu precisaria ler a formula novamente. Agora se for o caso, mesmo, de um candidato vencer em duas categorias e perder em uma, sendo que a vontade dessa uma prevaleceu sobre as demais realmente seria injusto. Oq não pode é uma categoria ficar de fora por ser composta por um número reduzido - é isto que eu tou defendendo aqui, nada mais, nada menos.</p>
A	<p style="text-align: right;">20/04/2006 05:18 (8)</p> <p>There are more things in heaven and earth. T</p> <p>Se os anos que passamos na universidade são decididos por uma minoria, então não mais entendo o que digo, chamem o sábio grego, pois parece que a musa se perdeu. Não quero desvalorizar, jamais fiz isso, a opinião da categoria que decidiu o pleito. Apenas compreendo que só ela não pode decidir as coisas. Compreendo a fórmula usada para a eleição, mas infelizmente não posso aceitá-la. Acho que a regularização desse processo precisa ser discutida para uma próxima eleição. Nosso curso não é descartável, mas pode vir a ser se não formos representados. Que diálogo manterá os novos diretores com os alunos que não o queriam? Parece estranho? Mas é um ponto a ser avaliado. Não quero também dizer com isso que o gestão atual foi aberta a diálogo. Agora, para não perder esse furor "eleitoral" é importante sim que o centro acadêmico também converse com os alunos, não apenas sendo sensível para o que um e outro vem dizer, mas marcando reuniões, por exemplo com representantes de turma e sendo a voz, já que essa é a sua competência, dos alunos, que assim, creio eu, se sentirão representados.</p>
C	<p style="text-align: right;">20/04/2006 08:38 (9)</p> <p>Esclarecimento</p> <p>gostaria de esclarecer que o centro de letras não é formado apenas por alunos da graduação em letras, mas também do mestrado, de comunicação e artes, que ainda faz parte do centro. PORTANTO NA CONTAGEM GERAL DOS VOTOS CLARA E ANTONINA GANHARAM ENTRE OS DISCENTES E PROFESSORES. FORAM 287 DISCENTES QUE CONFIARAM O SEU VOTO À CLARA E ANTONINA, ENQUANTO AS OUTRAS CHAPAS A MAIOR TEVE 246 VOTOS.</p>
E	<p style="text-align: right;">20/04/2006 10:13 (10)</p> <p>Fórmulas p os discentes</p> <p>Acho positivo este debate aqui, já estava na hora dos discentes começarem a refletir sobre seu espaço aqui na UFPA, o CAL está fazendo a sua parte, hj fui ao CONSUN e coloquei a todos os conselheiros presentes o fato ocorrido.</p> <p>Nosso dever é está a frente dos discentes trazendo suas reflexões, e isso sempre fizemos e estamos fazendo agora tb. Quanto as eleições do CAL, é preciso sim termos alunos no CAL compromissados com nossas causas, e isso eu posso afirmar, estamos fazendo neste momento pós-eleição do CLA tb.</p> <p>As eleições p o CAL tb irão acontecer, e é necessários verificarmos e participarmos de todo o processo eleitoral, assim como analisar as propostas e o perfil acadêmico das referidas chapas, falo acadêmico tb porque acima de qualquer ideologia política, o CAL tem que trabalhar em PROL dos alunos, jamais fazendo do CAL um movimento político-partidário.</p> <p>Imagine quantos alunos de Letras temos matriculados, agora imaginem todos trabalhando juntos. Essa é a verdadeira fórmula discentes.</p>
E	<p style="text-align: right;">20/04/2006 11:46 (11)</p> <p>(Sem título)</p> <p>Hoje o Centro Acadêmico de Letras foi ao Conselho Superior Universitário (CONSUN) e pediu ao Reitor o direito de fazer uma comunicação a todos os conselheiros presentes, nosso pedido foi aceito e com isso levamos ao Reitor, Pró-Reitores e a todos os conselheiros a voz do aluno de Letras sobre o descontentamento no que diz respeito ao processo eleitoral que atualmente mobiliza nossos discentes, sempre lembrando aqui que estamos e devemos representar os alunos que nos elegeram para representá-los, deixando de lado qualquer manifestação a favor de alguma chapa que estava concorrendo as eleições para o CLA. Representei o CAL e os discentes de Letras, juntamente com a presença da aluna Valéria Sampaio e</p>

	<p>do aluno Gustavo Almeida (todos membros do CAL) perante o CONSUN, e foi apresentado a todos os membros do CONCUN a atual situação, onde um número muito grande de alunos está sentindo que o processo eleitoral não foi justo, e com isso pedem ao CAL uma atitude perante o atual impasse. Fomos ao conselho máximo de nossa Universidade dar vozes para os alunos de Letras. O CAL é de vcs e p vcs e está aberto p que TODOS posam se manifestar, sendo nossa obrigação atendê-los.</p>
A	<p style="text-align: right;">20/04/2006 12:12 (12)</p> <p>que pena...</p> <p>tem gente que não entende mesmo o que está acontecendo. Não se trata de gostar ou não de 'G', aíás sempre tive um bom relacionamento com essa professora, inclusive no seu primeiro ano de UFPA eu era aluno de sua turma, não se trata de questão pessoal. A indignação é com o processo eleitoral, totalmente discutível, o que se prova através desse debate que agora fazemos. Agora a chapa já foi eleita, o que fazer? Pensar no próximo processo eleitoral. Chorar? Talvez. Quanto ao Cooperativismo não creio que ele acabará tão cedo, temos claramente um centro segmentado, comunicação, alcunhados de "os burguesinhos do centro", alcunha histórica e não inventada por mim, e a eterne rixa entre Linguística e Literatura, que também força um cooperativismo, se não de interesses, de cunho intelectual. Não existe preconceito, só a realidade dos fatos. Parabéns para a chapa que venceu, o pleito é válido, como já disse, mas espero que eles possam repensar essa fórmula. aurev.</p>
E	<p style="text-align: right;">20/04/2006 12:30 (13)</p> <p>Momento de reflexão p os discentes</p> <p>Eu, o aluno 'E', acredito que esta discussão é realmente importante, teremos eleições para departamentos e p o cal brevemente, acho que os discentes precisam se reunir e através das discussões formarmos nossa posição enquanto discentes, assim no momento da formação das comissões eleitores poderemos participar ativamente de todo o processo desde o início, onde é decidido o regimento eleitoral.</p>
A	<p style="text-align: right;">20/04/2006 13:09 (14)</p> <p>muito bem.. tá falado 'E'</p>
B	<p style="text-align: right;">20/04/2006 18:32 (15)</p> <p>Uma avaliação da formula</p> <p>Galera, hoje pude ver com calma a formula e realmente fiquei espantado e, acima de tudo, preocupado: como aquilo passou pela gente sem que houvessemos percebido?</p> <p>E olha que tivemos reuniões, tivemos comissão eleitoral, reuniões das chapas, reuniões do conselho de centro e ninguém atentou que a formula poderia criar uma situação em que um candidato que vencesse em duas categorias poderia perder as eleições para um outro que houvesse vencido em apenas uma categoria.</p> <p>Isso é um absurdo q não garante a eleição como um processo eleitoral e, sim, como um processo matemático.</p> <p>Mas será a matematica uma ciencia tão exata para apontar a preferencia da maioria?</p> <p>Essas eleições passaram, tivemos um vencedor discutível e uma lição: a pior derrota foi não termos discutido isso antes. Acho que toda a mobilização estudantil, docente e técnica é valida para barrar a reprodução dessa formula em outras eleições dentro da nossa instituição...</p>
E	<p style="text-align: right;">20/04/2006 20:31 (16)</p> <p>UNIÃO, NOSSA RESPOSTA DEVE SER ESSA</p> <p>Se existe uma categoria que no momento precisa de união é a nossa, discentes. Acho que nossa união é a resposta para as divergências que podem existir entre professores e departamentos do curso de Letras, o que de certa forma ao meu ver acabou causando esta fórmula que violenta o direito de todas as categorias,</p>

	<p>faltou profissionalismo, união. Hj nossa voz foi ouvida no CONSUN, vamos falar tb p nossos professores, para nossos colegas de curso, para os técnicos. Estamos exercendo nosso direito de manifestar nossa posição. Vamos respeitar a todos, e fazer do nosso movimento um momento de união, e não de discórdia, podemos verificar com o atual momento que tal fórmula não vale a pena. Não sou da Literatura nem da Linguística, sou um aluno do curso de Letras. Estou de luto, e a nossa tristeza deve servir de combustível para reivindicar nosso direito: A DEMOCRACIA! A IGUALDADE!</p>
F	<p style="text-align: right;">20/04/2006 20:44 (17)</p> <p>Uma análise do processo, que foi td menos eleição</p> <p>Foi um circo armado pra legitimar a escolha de um grupo, isso que deixa as classes docente e discente "indignados"! Pois são maioria, e foram apenas usados pra legitimar a escolha dos técnicos administrativos.</p> <p>Se a decisão de algumas dezenas de funcionários bastou pra escolher o representante, então que se fizesse uma "eleição" entre eles.</p> <p>Não questiono de maneira alguma a competência dos vencedores, pelo contrário, a reconheço. Pois fizeram a campanha certa, para o público alvo certo, considerando-se a fórmula do processo. Enquanto os vencedores fizeram a campanha dos bastidores, os outro candidatos vieram a público, se esforçaram na luta por votos, desgastaram sua imagem em discussões acirradas, criaram debates entre os alunos, e os mobilizaram - oq é difícil em tão pouco tempo.</p> <p>Mas infelizmente para esses candidatos, todo esforço de campanha não passou de uma "brincadeirinha" de eleições, assim como meninas brincam de "fazer comidinha" quando crianças...</p> <p>Independente de chapas, todos aqueles alunos e professores que foram às urnas votar tem o direito de ficar no mínimo chateados com o modelo do processo. Inclusive aqueles que votaram na chapa vencedora, pois o voto desses também foi desrespeitado, tendo em vista que não influenciou no resultado final.</p> <p>Em tópico anterior foi dito: "Nossa se conformem..."</p> <p>Eu digo : "Alunos, professores, NÃO SE CONFORMEM!" Não se conformem com o desrespeito ao seu voto, e isso vale a todos, pois todos foram usados pra legitimar a escolha de uma minoria. Que continua sendo minoria, independente de sua escolha ser mais importante segundo um colega que aqui expôs suas idéias.</p> <p>Devemos ou mudar esse modelo para próxima eleição, ou então simplesmente não votar mais na próxima, visto que nosso voto não faz a menor diferença.</p>
F	<p style="text-align: right;">20/04/2006 20:52 (18)</p> <p>Cumprimentos</p> <p>Meus sinceros cumprimentos aos Professores Rico e Marini e também às professoras Clara e Antonina, compreendo a justificável insatisfação que vcs estão vivendo.</p> <p>E meus Parabéns aos Prof^{os}. Henri e 'G' pela vitória, que foi fruto de uma campanha bem calculada, direcionada a minoria que detém o poder de decisão no processo. Tendo assim a certeza da vitória do início ao fim, graças aos 31 votos conquistados no mano a mano.</p>
E	<p style="text-align: right;">20/04/2006 21:05 (19)</p> <p>NUNK SE CONFORMAR, SEMPRE LUTAR PELO Q ACREDITAMOS</p> <p>Concordo com o 'F', não é se conformando que podemos transformar nossa realidade, mas sim confrotando idéias, buscando aquilo que achamos ser o correto e justo. Vc que votou, não jogou seu voto no lixo, pelo contrário, votou porque ACHAVA que estava, assim como centenas, fazendo uma escolha para a melhoria do nosso centro. Ficar calado somente, ou expressando nossa indignação com o regimento não adianta.</p>

	<p>Vamos nos mobilizar porque na terça feira teremos completados 7 dias da morte da nossa democracia (governo do povo,sistema político comprometido com a igualdade), no CLA onde nossos direitos foram violentados de forma deprimente.Esta página não passará em vão na história do curso de letras, temos no mínimo a obrigação de exteriorizar nossa insatisfação, sempre com respeito já que as eleições, assim como o resultado, estão amparados por um regimento eleitoral.</p> <p>Aluno: 'E'</p>
E	<p style="text-align: right;">20/04/2006 21:56 (20)</p> <p>Todos de preto ou faixa preta no braço</p> <p>O CENTRO ACADÊMICO DE LETRAS,representatividade discente de LETRAS, quer aqui convocar os alunos de LETRAS a irem na segunda-feira com camisas pretas ou com uma faixa tb preta no braço, mostrando que a maioria discente está descontente c o atual regime eleitoral.</p> <p>O CAL não apoiou nenhuma chapa, somente o aluno 'B' apoiou uma determinada chapa, ratificando, o ALUNO 'B'. Foi decisão dos membros q o CAL não apoiaria nenhuma chapa, caso contrário neste momento poderia parecer que estamos tentando beneficiar alguém.</p> <p>Quem está agora se manifestando aqui é o CENTRO ACADÊMICO DE LETRAS, por meio do diretor 'E', nossa mobilização aqui se deve porque uma grande quantidade de estudantes de LETRAS está querendo expressar sua indignação,e é NOSSA OBRIGAÇÃO fazer cumprir a voz da maioria discente, visto que é função do CAL expor as insastifações dos discentes no presente momento.</p> <p>Estarei mandando e-mail p os alunos, porém é impossível ter o e-mail de todos, portanto vamos avisar p quem for possível</p> <p>'E'</p> <p>CENTRO ACADÊMIO DE LETRAS</p>
B	<p style="text-align: right;">21/04/2006 05:01 (21)</p> <p>Discordo do 'F'</p> <p>Não houve circo armado algum, a chapa vencedora poderia ser tambem vitima do mesmo processo a essa altura. Agora vc fala atribuindo sutilmente a culpa de todos para um só.</p> <p>Não consigo ver dessa forma, porque todos participamos, houve conselhos de centro, houve reuniões internas de cada chapa, houve reuniões de departamentos, de colegiado, da comissão eleitoral, enfim, o que não faltou foi oportunidade pra discutir a formula com todas as tendencias que disputavam o pleito. Entao, se alguem armou o circo esse alguem é todo mundo que participou do processo. Pois lembremos que a formula foi aprovada no conselho de centro, com representante de todas as categorias - e olha que no conselho de centro há mais professores que alunos e técnicos...</p> <p>E é justamente essa a minha indignação... Pelo menos nos restou uma lição, vamos nos mobilizar para que esta formula que era reproduzida em outras esferas eleitorais da nossa instituição nao se repita.</p>
G	<p style="text-align: right;">21/04/2006 18:41 (22)</p> <p>MUITO OBRIGADA PELA FALTA DE RESPEITO</p> <p>Obrigada, especialmente ao 'F', que me parabeniza ironicamente pelos resultados da eleição à Direção do CLA.</p> <p>Obrigada por não saber quem eu sou, por não saber de minha luta, de meu trabalho, de minha angústia por estar lendo, nessa comunidade, o resultado não de uma eleição, mas de um processo de luta que há mais de 16 anos venho desenvolvendo por várias regiões do país. Falo de luta em prol de um processo educacional justo, coerente e politizante. Falo de luta pelas minorias em campos que você, tão novinho ainda, e tão altivo em seus pré-julgamentos, não consiga percebê-los, e muito menos incorporá-los.</p> <p>Falo de luta juntamente com os alunos. Acho que vc tb desconhece que nossas poucas camisas foram compradas por eles, pq não tínhamos (eu e Henri) dinheiro para bancá-las. Os alunos do DLLV, alguns de comunicação e do DLLE (ao todo 17) me chamaram para uma reunião numa quinta à tarde, no bloco L. Tal a minha surpresa, qdo fui colocada no centro da roda para ouvir as suas reivindicações. Estavam com as propostas de nossa chapa em mãos. Pediam para tirar isso e colocar aquilo... Foi fantástico poder ter sido chamada, e não precisar chamar. Foi muito bom poder sentar com o Henri e reformular nossas propostas a</p>

	<p>partir dos interesses dos alunos. Eram 17, mas qtos em outras chapas, ou para outras chapas tiveram essa iniciativa? Qtas propostas foram reformuladas a partir dos alunos?</p> <p>É, meu caro, em um sábado, outros alunos, agora já em número maior, me pediram tecido branco. Comprei o suficiente para 4 faixas. Eles se reuniram no salão de festas do meu prédio e pediram para eu descer qdo tudo estivesse pronto. Eles próprios fizeram as faixas. Eu e Henri só mandamos (e pagamos) por 2 das faixas dentre aquelas que vcs podiam ver espalhadas na UFPA. Alunos fazendo faixa para professor? Qtos tiraram quase dois turnos de seus sábados para para isso em outras chapas? Os alunos, depois, mais unidos e numerosos, entravam nas salas comigo, dia e noite,</p>
G	<p style="text-align: right;">21/04/2006 19:05 (23)</p> <p>Continuação</p> <p>para falar de nossas propostas. Na verdade, para falar de sonhos. Sonhos são mais que propostas. São sonhos! E falávamos que lutaríamos para que se realizassem. Detalhe: na maioria das vezes, só eu e os alunos. Eu não pude contar com um batalhão de professores que já se conheciam há anos para "fazer cabeça" de aluno. Ou mesmo, para entrar em contato com eles.</p> <p>Meu caro 'F', meu trabalho, a partir de uma certa fase de minha vida, passou a ter uma dimensão muito além de ensinar e explicar artigos teóricos xerocados pelos alunos. Ele vai, hoje, muito além da "prática da teoria": "exercícios" cognitivos limitados e limitantes. Conversa fiada de quem não sabe ou não quer vincular o mundo, o social, à prática efetiva da linguagem. Por isso, há tempos, não só aqui na UFPA, eu meus alunos, em Ling. Aplicada, saímos por aí... pelo Ver-o-peso, pela Praça da República, pelo templo da Universal, pela Cadeia feminina... Por fazer o que "acham diferente", assim como vc, diretamente, me chamou de "corrupta" (no processo eleitoral), muitos docentes - indecentes quanto à sua (ir)responsabilidade social, de atualização, de defesa da moral política que joga na lama milhares de excluídos - também me "acham louca". Felizes os loucos que lutam pelas minorias... Que dedicam a vida para armar seus alunos a língua.</p> <p>Parêntese: como já vi que é praxe a má interpretação - logicamente intencional - dos que aqui escrevem, esclareço que qdo falo de docentes, criticando-os, não estou me referindo aos professores das outras chapas. Aliás, pouco sei (e olha que eu sei muita coisa dessa/nessa universidade, principalmente via alunos) de seus trabalhos. Tb quero deixar claro que não saber dos trabalhos não significa trabalhos inexistentes. Significa simplesmente trabalhos não conhecidos...</p>
B	<p style="text-align: right;">21/04/2006 19:08 (24)</p> <p>Profa 'G'</p> <p>Esqueceu de falar que as camisas também utilizadas em campanhas também eram os alunos que compravam com seu próprio dinheiro, pq acreditaram e ainda acreditam nas propostas. E foi também um grupo de alunos que sugeriram ao prof Henri que a sr. formasse a chapa com ele.</p> <p>Por essas e por outras que acho que devemos mais respeito, pq atrás dos candidatos existem seres humanos, pais e mães e professores, não bichos. E de todas as atitudes parciais do 'F' essa foi a pior.</p>
G	<p style="text-align: right;">21/04/2006 19:25 (25)</p> <p>Continuação</p> <p>Para finalizar, caro juiz sem conhecimento de causa, gostaria que vc e quem mais compartilhar de suas idéias (que minha chapa "armou" para ganhar...) tivessem mais cuidado ao falar do que não sabem, ao se propor a destruir pessoas.</p> <p>Antes, havia falado de nossas pesquisas no social, lembra? A última foi exatamente na 4ª, na manhã depois da eleição. Fomos ao CRF: a única cadeia feminina do Pará. Eu e minha turma de L.A. Saímos de lá bem diferentes do que entramos. Fomos para investigar linguagem e saímos com mais dados de vida, de ser humano, de morte, do que propriamente de lingüística. Agora, já refeitos, observamos o quanto uma coisa é a outra.</p> <p>Saí de lá atônita... como quem vê a miséria humana em seu estado mais puro; como quem vê, quem enxerga, quem lê um mundo absolutamente desesperador e vergonhoso. Pensei em Castro Alves: quanto horror perante os céus!</p> <p>No outro dia, fui ao CLA para resolver uns problemas técnicos e ouvi pessoas dizendo que estavam de luto, pq eu e Henri havíamos vencido...</p> <p>Sabe, 'F', isso caiu como um raio sobre mim e despertou sensações que misturavam memória cognitiva, afetiva, psicológica. Foi como se passado e presente tivessem se misturado. O meu passado e o meu</p>

	<p>presente. Tudo o que já fiz e já lutei nessa vida pelos meus alunos e pela sociedade... Tudo o que vi na cadeia... o luto... a angústia... a sensação de ter sido vencida pelo sistema... todos os sistemas... hegemônicos... É, veio essa sensação... e o questionamento... vale a pena lutar? O que valeu ter saído pelo mundo à procura de conhecimento e justiça? O que me vale mostrar o mundo para os meus alunos prepararem os alunos que terão?</p>
A	<p style="text-align: right;">21/04/2006 19:37 (26)</p> <p>Nada...</p> <p>Nada contra o projeto de luta da prof. 'G', fui seu aluno, agora sou aluno da graduação (francês), do mestrado, e sou prof. substituto da ufpa, pude perceber o seu compromisso quando ela foi minha prof., nada contra as propostas da chapa (salvo algumas que, creio eu, serão reformuladas, ou já foram pela chapa), nada contra o resultado da eleição, totalmente válido...mas há algo que incomoda na maneira como tudo se deu, confesso que não sabia dessa matemática do processo, mas nunca é tarde para contestá-lo. Aproveitando que a professora 'G' se manifestou nesta discussão, espero que ela se manifeste sobre esse processo. A chapa, agora diretoria, já discuti alguma coisa sobre o processo eleitoral? Há possibilidade de repensar essa matemática para uma próxima eleição? Aproveitando o espaço queria também dizer que nas outras chapas tivemos alunos quase que 24h envolvidos, andando de sala em sala junto com os professores e que o fator financeiro de cada campanha é bem discutível, pelo menos em duas chapas os professores revelaram que tiraram de seus bolsos para comprar camisas, isso é tão válido quanto não ter recursos. Aurev.</p>
A	<p style="text-align: right;">21/04/2006 19:41 (27)</p> <p>entendo que...</p> <p>o luto, prof. 'G', não é por causa da Senhora e do prof. Henri, mas por causa do processo eleitoral, se qualquer outra chapa ganhasse nessas mesmas circunstâncias a briga seria a mesma. Está em suas mãos a possibilidade de mudar, ou mesmo chamar as categorias para discutir esse processo e criar um novo, menos discutível.</p>
G	<p style="text-align: right;">21/04/2006 19:45 (28)</p> <p>Continuação</p> <p>Mas minha força é muito maior que minha indignação. Vou continuar lutando, não me interessa se dentro (e fora) de minhas salas de aula, ou se dentro (ou fora) de uma sala do CLA, como vice ou que diabos for. Por falar em indignação, lembrem-se, todos que estiverem lendo, que ao se referirem à indignação pela tal fórmula, estão (para quem entende de discurso) se referindo diretamente às pessoas que ganharam a tal eleição. Não se defendam, por favor, se esse for o intuito de alguém. Se vocês respeitassem os candidatos que venceram, jamais se sentiriam indignados.</p> <p>Quero deixar claro que tb fiquei indignada com a fórmula. Não só com ela. Fiquei indignada com o pré-julgamento implícito, com a falta de respeito às pessoas, inclusive às das chapas que defendem (implicitamente), pois eles(as) tiveram todo tempo e liberdade para ratificar e/ou retificar o que não concordavam.</p> <p>O que faz vocês acharem que só eu e Henri sabíamos a fundo as nuances das fórmula? Para ser sincera, em nenhum momento falamos mais do que o superficial sobre ela. Mas o seu discurso é claro, não é 'F'? Você, provavelmente, nos conhece muito bem. Vc sabe de tudo! Você ouviu tudo! Você viu tudo! Viu Henri e 'G' tramando, contratando matemáticos etc. para deciframem a "fórmula do sucesso" para se "darem bem na vida", não é?</p> <p>Nossa! Você é "o cara"!</p> <p>Para finalizar, eu é que o parablenizo.</p> <p>Parabéns, meu caro juiz, por ser tão sábio. Por jogar pedras naqueles que querem usá-las para construir. Parabéns por ter conseguido causar uma indignação maior do que a vista e sentida lá... na cadeia feminina. E parabéns a todos... pelo luto. Afinal, a moral morreu!</p>
B	<p style="text-align: right;">21/04/2006 19:51 (29)</p> <p>Bem lembrado, 'A'</p> <p>Agora so nao esqueça que na chapa da profa 'G' não tinham bolsistas, não tinham orientandos, eram alunos e ex-alunos, pessoas que ja conheciam as ideias, suas lutas e projetos. Precisava dizer isso pq a chapa da profa 'G' estava sendo colocada como se fosse apenas uma chapa de funcionarios e calculadoras.</p>

	<p>Foi importante ela se manifestar para sair da berlinda que havia se instalado, como se ela fosse a culpada da formula escolhida por todos, - na sua maioria docente, diga-se de passagem.</p> <p>Todos as chapas tiveram uma participação especial de alunos, não estamos desmerecendo isso e com a profa 'G' nao foi diferente. Talvez ela so não teve o apoio da maioria dos seus colegas de trabalho, nem o descabimento de fazer campanha arbitrariamente em plena semana academica.</p>
A	<p style="text-align: right;">21/04/2006 20:09 (30)</p> <p>não sei... quantas vezes vou ter que repetir isso, mas vamos lá: o resultado é totalmente válido. Eu quis apenas me manifestar, escolhi em quem votaria há poucos dias da eleição, não apenas escolhi, fiz campanha, como aliás tem sido a minha atitude em todas as eleições eleitorais)(presidenciais, estaduais, etc.), sempre defendendo o que eu penso. Creio que todas as chapas estavam cientes da "matemática", das regras, talvez tenham se surpreendido com a sua prática. Não sou amoral, aceito a vitória proposta, pois foi justíssima, é claro que qualquer um fica triste com a derrota da chapa que defendia, mas são questões pessoais, cada um tem um tipo diferente de expressar a sua tristeza. A "indignação", tão citada aqui, deve ser contra o processo futuro, não contra o que já foi efetivado. Ainda tenho pouco tempo de UFPA, uns 6 anos dos 8 que vivo em Belém, já passei por outra eleição, não participei como dessa vez, por isso não me dei conta do processo. É claro que quanto mais a gente participa mais compreende dos tramites. Apreendendo para viver.</p>
B	<p style="text-align: right;">21/04/2006 20:15 (31)</p> <p>Desculpe, 'A' Tinha lhe interpretado mal</p> <p>Acho que agora pude entender melhor...</p>
G	<p style="text-align: right;">21/04/2006 20:22 (32)</p> <p>Continuando a ler o não-dito</p> <p>'A', como vc pode dizer que está em minhas mãos a mudança da tal fórmula ou sei lá do quê? Parece que vc realmente desconhece muitas coisas... A tal fórmula ou processo eleitoral é um evento histórico na UFPA, não é elaboração do CLA. Esse é o fato, inclusive, que mais me chamou a atenção. Por que só agora a UFPA como um todo foi se dar conta do processo? Será por que os docentes e alunos votantes deixaram clara a possibilidade de duas categorias institucionais, quando em situação "mediana", não poder vencer uma só categoria "polarizante"? E se a polarizante fosse a categoria dos docentes? E se fosse a dos alunos? Haveria discussão? E se o que aconteceu comigo e Henri tivesse acontecido com Fábio ou com Eulália? Haveria discussão? Veja que o conteúdo das inquietações deveriam ir por aí... Mas parece que a discriminação ao voto dos técnicos é a tônica nos discursos escritos-não-escritos dos membros dessa comunidade. Também acho que vcs deveriam se perguntar: onde estão os técnicos? O que fazem os técnicos? Eu respondo em poucas e suficientes palavras: são aquelas pessoas que estão em todos os lugares (do CLA), que ouvem muito, que falam pouco e sabem demais.</p> <p>Henri foi vice da Moara, vice-oposição, vice-não vice, vice com uma história de discriminação bem feia para contar... Ora, se os técnicos estavam em massa com ele, isso é bastante significativo. E não pensem que desde o início esses técnicos (em nº de votantes da eleição) estavam já "bem armados" para votarem no Henri. Foi tb outra luta. Só que as outras chapas não os convenceram. Por que será, hein?</p> <p>Voltando a sua pergunta, 'A': parece que vc foi meu aluno, me viu e não me viu, muito menos me ouviu. Olha que isso é raro! Como pode passar pela sua cabeça que eu, com todas essas vozes e lutos, não pediria (ou até exigiria, se fosse minha atribuição - se não fosse, logicamente engrossaria um movimento de revisão profunda, por parte de todos os envolvidos - desse processo eleitoral).</p>
A	<p style="text-align: right;">21/04/2006 20:25 (33)</p> <p>Caro 'B'...</p> <p>se a chapa da Prof. 'G' não tinha bolsistas nem orientandos, significa que as outras tinham, né? Então todos os que votaram nas outras chapas eram apenas Bolsistas e Orientandos? Que coisa né! Que importância tem isso? Não sei onde de fato você pretende Chegar com o que disse. Alunos participaram da chapa da prof. 'G', alunos também participaram das outras chapas, e também fizeram campanha. E essa discussão só existe por que se percebeu que a maioria dos alunos votou em outras chapas e não a da referida professora. Quem disse foram as urnas. Os alunos se organizam pois querem ter voz. Claro que esse processo já está efetivado,</p>

	mas daqui a quatro anos teremos outro.
A	<p style="text-align: right;">21/04/2006 20:34 (34)</p> <p>não creio... que a Senhora, prof. 'G', com toda a sua articulação não possa, junto com a nova diretoria, discutir o próximo processo eleitoral que acontecerá daqui há 4 anos, é de interesse dos alunos terem pelo menos essa discussão. A sua chapa venceu de maneira justa, não contesto isso, apesar de alguns constestarem. Contesto a próxima eleição. Eu entendi o recado, não só seu, mas de todos os professores que passaram por minha vida, e continuo a entender, num processo incessante. Talvez eu tenha sim sido o seu aluno, esse "talvez" eterno que me persegue, caso contrário não teria escrito nenhuma linha nessa discussão.</p>
B	<p style="text-align: right;">21/04/2006 20:37 (35)</p> <p>Mais esclarecimenotos ao 'A'</p> <p>Quando disse: <i>Agora so nao esqueça que na chapa da profa 'G' não tinham bolsistas, não tinham orientandos, eram alunos e ex-alunos, pessoas que ja conheciam as ideias</i> quiz referir ao fato de que a escolha dos alunos pela profa 'G' era motivada por fatores puramente ideológicos, porque estavam criando uma imagem viciada da chapa vencedora somente com os funcionarios, o que não era verdade, pois tinha uma movimentação estudantil forte tambem.</p> <p>Acho que não interferi na imagem das demais chapas quanto a isso que vc colocou. Por falar nisso, quase não foram citadas no meu texto as demais chapas e, quando foram, foi deste jeito: <i>Todas as chapas tiveram uma participação especial de alunos, não estamos desmerecendo isso</i></p>
A	<p style="text-align: right;">21/04/2006 20:42 (36)</p> <p>Tudo bem..</p> <p>até onde eu saiba ninguém foi coagido. Se, no meu caso, eu estava do mesmo lado que estava o meu orientador, não é por nenhum tipo de coação. Vc sabe que nós é que escolhemos que vai nos orientar, pelo menos comigo foi assim, e geralmente escolhemos alguém que se pareça com nós nos projetos de vida e nas idéias, nada de espanto quando compartilhamos uma mesma idéia.</p>
B	<p style="text-align: right;">21/04/2006 20:49 (37)</p> <p>'A'</p> <p>Digite Ctrl + F e procure o seu nome junto ao seu orientador no meu texto, se vc fizer essa menção, ainda que indiretamente ou levianamente, como queira chamar, eu aceito. Pq eu nao consegui ver o que vc viu. A sua resignificação de hoje, so pra variar, ainda anda sem a base principal pruma discussão dessas: o texto.</p>
A	<p style="text-align: right;">22/04/2006 03:59 (38)</p> <p>só lamento...</p> <p>E falo por mim, no meu caso eu agi dessa maneira, não sei como os outros pesquisadores, outros orientandos agiram, mas eu agi dessa maneira, não disse em momento algum que você falou do meu caso, fui eu que quis pegá-lo como exemplo (observe bem o texto). Texto? Discussão? Você foi quem começou essa discussão boba de bolsista e orientando, dei minha opinião de acordo com que vi escrito nas suas palavras, é só assim que um texto pode existir. Base para a discussão? Que é isso 'B', a desqualificação do texto dos outros não é uma boa saída. Se ninguém tem qualificação pra discussão que te agrada, sinto muito, mas pelo menos eu tentei chegar ao seu nível.</p>
B	<p style="text-align: right;">22/04/2006 04:51 (39)</p> <p>Bom, pela ultima 'A', vamos la...</p> <p>Se eu digo que fulano tem determinada qualidade, não pressupõe que o outro não a tenha. Diz-se apenas que o primeiro tem e pronto. Ao menos que o texto abra brecha para outros entendimentos, com modalizadores, determinantes ou outros operadores argumentativos que orientem a conclusão.</p> <p>Mas no meu texto não vi qualquer particula de comparação (nem indiretamente), nem modalizadores, nem</p>

	<p>nada disso. O que disse e redisse foi que a chapa foi formada unicamente por uma questão ideologia de todos aqueles que acreditaram gratuitamente na chapa. Só!!! Tem algo a mais implícito aqui???</p> <p>Fiquei irritado pq ja havia explicado, me colocando no seu lugar de ter visto algo ofensivo ali e esclareci os possiveis desvios que vc propos, mas mesmo com os esclarecimentos vc continua achando significados no meu texto. Ai realmente não há teoria alguma em que eu possa me embasar, apenas lamentar...</p>
<p>B</p>	<p style="text-align: right;">22/04/2006 04:58 (40)</p> <p>Continuação</p> <p>Eu creio que sim que vc tenha falado no seu caso tambem, indiretamente. Pq vc falou de uma forma geral e, como orientando, vc deveria ter se colocado no meio desses que vc expos:</p> <p><i>se a chapa da Prof. 'G' não tinha bolsistas nem orientandos, significa que as outras tinham, né? Então todos os que votaram nas outras chapas eram apenas Bolsistas e Orientandos? Que coisa né!</i></p> <p>Note que eu não estou ressignificando seu texto, como vc ja fez com o meu, eu expus o seu texto e abaixo coloquei o que eu entendi dele pelas palavras que nele estão.</p>
<p>G</p>	<p style="text-align: right;">22/04/2006 05:12 (41)</p> <p>RESPOSTA DO PROF. Miller AO 'E'</p> <p>A 'E' e aos que esta mensagem chegar: quando vi o Prof Henri com a maioria esmagadora de tecnicos e a Profa Clara sendo considerada como a que mais votos de professores teria (o q acabou reduzindo-se a apenas 1/3), pensei comigo: "agora a contradição vai aparecer". Um técnico e só um teve durante anos consideração especial dos diretores porque interferia decisivamente na eleição em virtude desse tipo de votação. Chegou a receber medalha dos 50 anos do CLA (o tal Alonso Correa), sem nunca ter explicado por exemplo quanto o CLA recebe de aluguel de cantinas e de salas de xerox - coisa que vou voltar a cobrar em relação aos últimos 5 anos do CLA, com numero da conta e talonários de xequê de movimentação.</p> <p>Sabe vc por que agora se questiona esse modelo de eleição? Porque a chapa do poder não ganhou. Se os que só conseguiram fazer missa de páscoa por 4 anos tivessem vencido, como aconteceu antes, estariam calados. O pior é levarem junto alunos fragilizados por um condicionamento histórico que tornou o alunado médio e universitário despolitizado. Ontem foi uma chapa integralista que se vestia do verde da indecência facista da década de 30/40; seus apoiadores na UFPA se diziam mortos de amores pela academia (+ UFPA), como naquele passado acima referido se diziam os nacionalistas de Plínio Salgado mortos de amores pelo Brasil (e nem a cor trocaram: os meninos foram tristemente vestidos de galinhas verdes). Hoje, uma chapa que seria simples correia de transmissão das instâncias superiores (não nos esqueçamos do ICA, que sepultou a opinião de inúmeros colegas da Educação Artística sob os olhares omissos da atual Diretora).</p> <p>É uma pena 'E', você que mostrou ser vorazmente trabalhador no decorrer do evento "Trocando as Letras UFPA" se utilize agora do mesmo endereço eletrônico para veicular pontos-de-vista seus e de interesse da</p>

	<p>chapa em que vc, com todo direito, votou e apoiou. Não me venha agora falar de mobilização, pelas regras do jogo, (CONTINUA)</p>
<p>G</p>	<p style="text-align: right;">22/04/2006 05:13 (42)</p> <p>CONTINUAÇÃO DA CARTA DO Miller</p> <p>pois você não se lembrou disso antes. Sejamos honestos: você está querendo dar destaque à votação da chapa na qual você votou. Lembre-se que o resultado acordado e institucionalizado era em pontos e não em votos. Porque se fosse em votos a eleição seria outra: o corporativismo , única arma adotada por uma das chapas para veicular um populismo anacrônico, que chegou a merecer da articulação do Prof Elmo a classificação de analfabetismo político, o populismo ,repito, iria para o espaço e a eleição se politizaria no seio dos alunos, que decidiriam tudo.E por isso não vi seu vigor de estudante lutar antes da eleição. Mas esse é o cerne fundador do populismo: quando se quer destaque recorre-se à massa - que se acredita desavisada - e dela se faz a apologia.Entre os políticos, lá fora, é o povo ("o povo é a voz de Deus", "o povo nao pode ser enganado", "o povo vai se rebelar", "o povo","o povo", "o povo"). Entre as "lideranças" aqui dentro são os estudantes (o "discente merece tudo", "os alunos precisam disto e daquilo", etc). Fora da eleição é a face enrugada da dificuldade de transporte, da falta de bebedouro, da aluna sobre qual um assaltante se atirou da árvore, daquela que foi estuprada no banheiro, da falta de recursos pra xerox (mais cara dentro da academia que fora), da falta de nivelamento.Você já pensou nisso e chamou uma assembléia? Ou está se lembrando apenas da derrota da chapa que vc apoiou (derrota sempre inesperada para quem,às vezes até sem saber o que é golpismo, qual neurótico que não sabe ser contraiado, torna-se ridículo franco-atirador e passa vergonha na frente de Reitor) . (CONTINUA)</p>
<p>G</p>	<p style="text-align: right;">22/04/2006 05:14 (43)</p> <p>CONTINUAÇÃO DA CARTA DO Miller</p> <p>E olhe que o processo ainda não se concluiu, pois não me consta neste momento que o Conselho de Centro tenha sido convocado para referendar e enviar o resultado para que o Reitor nomeie o Prof Henri.</p> <p>Bem, meu caro 'E', devo dizer que não acredito que o voto de 1 ser humano mereça valer mais do que o de outro. Isso ressuscita um período triste da nossa História, em que se indagou se o voto de um General valia mais que o de uma lavadeira. E eu, que sou de fato marxista, por vivência de partido e por inserção na luta popular, inclusive sindical - e se sabe que, de um pt de vista marxista a consciência se forma na realidade - , e semelhante a mim no CLA, entre os da ativa, somente alguns alunos e quem sabe a Profa. 'G'</p>

	<p>e o Prof Roger, que vêm da ação em movimentos sociais, eu, repito, posso dizer que penso em você com indulgência e peço somente que refaça sua mensagem informando que a meu pedido e de colegas (que vou contatar)que estivemos ajudando de uma forma e de outra o Trocando as Letras UFPa , refaça a mensagem e diga que você ou "um grupo" acha isso que vc está verbalizando no seu (seu!)e-mail reproduz o que você pensa. E se foi o CAL, pior ainda, pois eu quero saber se o Alam participou e se os alunos q votaram em Henri/ 'G' apoiaram seu panfleto virtual.Não se preocupe, não vou perguntar quem sugeriu a você (e redigiu?)esse despautério. (CONTINUA)</p>
<p>G</p>	<p style="text-align: right;">22/04/2006 05:14 (44)</p> <p>CONTINUAÇÃO DA CARTA DO Miller</p> <p>'E', cuidado.Esse centro é medieval. Agora você está vendo um comportamento típico de UDN querendo impedir Juscelino de assumir, depois de ter aceito as regras do jogo e participado da eleição. Um dia disseram que o Jânio Quadros foi a UDN de porre. Tomara que aqueles - cujo lugar de fala você, agora, por fragilidade, assume - renunciem antes que eu morra.Penso nas meninas e meninos sob o pano de fundo do Guamá no eterno vai-vém das marés e sei que ficaria triste de deixar o CLA com essa ressaca inacabável de autoritarismo.</p> <p>Miller</p>
<p>F</p>	<p style="text-align: right;">22/04/2006 06:20 (45)</p> <p>Cumprimentos:</p> <p>Fui muito duro ao dizer que "foi um circo armado", expressei-me mal. Não houve o interesse da parte de ninguém de criar uma farsa, não é culpa das chapas, mas sim de todos envolvidos na organização por permitirem um modelo tão anti-democrático em relação a vontade da maioria.</p> <p>Na realidade o que eu realmente quero dizer é que a sensação que ficou foi a de que devido o voto da maioria não ter sido relevante para o resultado final das eleições, as reuniões internas de cada chapa, reuniões de departamentos, da comissão eleitoral, etc., não adiantaram nada! Porque toda a mobilização para que centenas de votantes fizessem sua parte foi em vão, visto que seus votos não influenciaram o resultado.</p> <p>Fazendo parecer um "circo" armado, onde todos "brincaram" de votar, mas quem realmente decidiu foi a minoria supervalorizada.</p> <p>Deixo bem claro que estou criticando aqui o modelo da eleição, o processo como um todo. A incoerência de uma eleição onde a maioria dos votos não conta. Como o profº Pedro Bolivar já disse em todas suas mensagens dentro deste tópico, não questionamos o resultado mas sim o modelo de eleição que levou a esse resultado.</p> <p>Infelizmente acho que a profª 'G' não acompanhou a campanha aqui na comunidade "Letras & Artes - Ufpa", assim não fez uso desse espaço a favor dos esclarecimentos em favor de sua chapa e tampouco pôde ver meu perfil de moderação, que coibiu abusos de alguns exaltados que ofenderam abertamente alguns candidatos.</p> <p>Não sou contra a chapa que venceu, nem apoio as chapas que perderam. Muito menos tenho a pretensão de saber qual seria a melhor chapa ou qual deveria vencer.</p>

	Quando parabenizei a chapa vencedora, fui irônico, mas parabenizei de fato a eficiência na conquista dos votos que realmente valeram para a vitória. Foram indiscutivelmente eficientes na conquista desses votos, considerando-se a ampla vantagem em número de votos que tiveram sobre os concorrentes.
F	<p style="text-align: right;">22/04/2006 06:58 (46)</p> <p>Professora 'G',</p> <p>Minhas críticas aqui não são de caráter pessoal. Não tenho nada contra a senhora. Pelo contrário, eu a admiro muito.</p> <p>Peço-lhe com sinceridade perdão por ter de alguma maneira feito a senhora sentir-se desrespeitada. Perdão. Não era minha vontade ofendê-la em nenhum sentido.</p> <p>Aceito suas críticas, e as usarei em favor do meu amadurecimento pessoal e acadêmico. Realmente sou muito novo e ainda tenho muito a aprender, principalmente com profissionais como a senhora, com um retrospecto admirável.</p> <p>Eu não penso, nem cogito a possibilidade de sua chapa ter armado pra ganhar. Expressei-me mal e equivocadamente se assim me fiz entender.</p> <p>Por mais que eu tente imaginar, nunca conseguiria passar perto da sensação que a senhora deve estar experimentando. Como disse em sua mensagem, que isso tudo caiu como um raio em sua cabeça.</p> <p>Saiba que não duvido de sua competência, nem questiono sua integridade moral na direção do CLA ao lado do Profº Henri. Mas a vitória de sua chapa nessa eleição foi questionável devido o modelo do processo. E isso sempre será lembrado, os vencedores não foram os escolhidos pelos alunos e professores, seja por aqueles que apenas querem implicar ou por outros que queiram debater esse modelo para que isso não se repita mais.</p> <p>Fiquei feliz em saber através da sua mensagem de nuances de sua campanha, da apoio dos alunos e outros detalhes. Sem dúvida são fatos que encheriam de felicidade qualquer candidato. Mas não partiu da maioria, e eu acredito que em qualquer tipo de eleição o voto da maioria deveria decidir.</p> <p>Esclarecidos os pontos que se referiram a mim, reafirmo meu pedido de perdão. Não quis desrespeitá-la.</p> <p>*** ** *</p> <p>Atenciosamente, 'F'</p>
A	<p style="text-align: right;">22/04/2006 09:20 (47)</p> <p>Observe 'B'</p> <p>"Agora so nao esqueça que na chapa da profa 'G' não tinham bolsistas, não tinham orientandos, eram alunos e ex-alunos, pessoas que ja conheciam as ideias, suas lutas e projetos."</p> <p>Referindo-se ao que disse anteriormente você diz: "Agora não se esqueça", isso é para mim uma referência adversativa claro ao que eu disse, portanto é o contrário do que disse. Do outro lado também existiam pessoas que conheciam as idéias, lutas e projetos de quem apoiavam. Nada pessoal, só quero que vc entenda o que eu entendi que você entendeu. Sacou? Desculpe se compreendi de outra maneira. Vou deixar de onda. valeu!</p>
F	<p style="text-align: right;">22/04/2006 09:52 (48)</p> <p>Só pra constar...</p> <p>Observei que nesse tópico de discussão, várias mensagens aqui postadas foram deletadas por seus criadores.</p> <p>Isso mostra que tem gente aqui sem segurança suficiente pra defender suas idéias. Quando o debate começa</p>

	<p>a ficar sério, o confronto de idéias mais evidente, as caras começam a ser postas à tapa e as máscaras começam a cair, aí os "fracos" começam a "pipocar" e deletam suas próprias mensagens...</p> <p>Agora por exemplo, no ponto da discussão em que estamos, o título desse tópico (indignados!!!) já não parece ter mais tanto sentido... O próprio criador do tópico deletou sua mensagem, que originou e abriu o tópico.</p>
F	<p style="text-align: right;">22/04/2006 11:10 (49)</p> <p>Mais um esclarecimento quanto a mim...</p> <p>Tem gente me acusando de ser parcial, de permitir ofensas aos que apoiaram a chapa "novos rumos" e de transformar a comunidade em comitê...</p> <p>Cara que hipocrisia deslavada!</p> <p>Eu deletei mensagens e tópicos ofensivos aqui na comunidade. Em momento algum eu defendi qualquer chapa, não pedi voto pra ninguém, sequer manifestei minha intenção de voto!</p> <p>Não tenho culpa de apenas uma das chapas aproveitar esse espaço virtual para fazer campanha, enquanto que disponibilizei o espaço para todos. Se apenas alguns levaram o espaço á sério o suficiente pra usá-lo paciência... Mas eu não permiti abusos!</p> <p>Fiz questão de me manifestar apenas agora, devido não concordar com o modelo da eleição. Não por ser à favor de candidato X ou Y.</p> <p>Mas tem gente que antes queria proibir as pessoas de se manifestarem, como se elas não pudessem responder por seus atos e idéias, e agora tá posando de "arauto da coerência" e "exemplo de integridade moral e intelectual"...</p> <p>Orgulho-me do meu modo de moderar essa comunidade, de maneira imparcial com relação aos diferentes grupos e forças políticas, sem favorecer ou desmerecer ninguém. Tentando fazer desse espaço virtual um campo democrático amplo para a discussão dos assuntos concernentes ao nosso CLA.</p> <p>Se alguém não enxerga isso, é porque não quer ver, ou não tem maturidade política suficiente ou porque é novo por aqui e ainda não viu o suficiente...</p> <p>*** ** *</p> <p>Abraço, 'F'</p>
B	<p style="text-align: right;">22/04/2006 12:52 (50)</p> <p>'A'</p> <p><i>Agora e não</i> são advérbios de tempo e negação, respectivamente, e assim se comportam no texto. Desculpe por ter endurecido meu entendimento, é que ja vi cada coisa aqui que realmente choca a gente.</p> <p>Pelo respeito que lhe tenho, não so como colega de universidade, mas como um prof. de literatura respeitado na nossa instituição, eu me retiro dessa discussão, pq acho que ela já não está sendo mais construtiva.</p>
A	<p style="text-align: right;">22/04/2006 13:21 (51)</p> <p>é verdade...</p> <p>são advérbios, no entanto utilizados no texto para reforçar a contraversão ao texto anterior...acho que isso não interessa mais. Agora não entendo pq algumas pessoas desistiram da discussão, inclusive deletaram as suas opiniões anteriormente começadas.</p>

	<p>o texto... do prof. Miller é forte e contundente, toca em feridas antiquíssimas do cla (o acaso da cantina é um deles), mas não fecha a questão aqui discutida. è brilhante e ao mesmo tempo fosco. Parece mais um "Manifesto contra o 'E'. Não creio que o 'E' tenha agido de má fé, o posicionamento do CAL foi atípico, geralmente ele apoiava alguma chapa, mas creio que nem todos apoiavam a mesma chapa, como é o caso do 'B' que se declarou. Talvez o 'E' tenha apenas ouvido os queixumes dos alunos e levou essa história a frente. Claro que o papel do CAL é chamar os alunos para a discussão de problemas, que devem ser levados aos níveis superiores, mas nem sempre esse diálogo é feito. Pelo que eu me lembro nenhuma gestão do centro acadêmico fez isso, a grande parte tinha mais um compromisso politiquieiro que político. A gestão atual ainda não fez isso sistematicamente, mas nunca é tarde, agora, se o referido aluno apoiou ou deixou de apoiar uma determinada chapa, isso é problema dele, ele não é o centro acadêmico, ele é um aluno, se comportou como tal, pelo menos creio. Por hora espero a sua manifestação, só ele poderá esclarecer os pontos levantados pelo texto dos professores Miller e 'G'.</p>
<p>E</p>	<p style="text-align: right;">22/04/2006 14:54 (52)</p> <p>Resposta a carata do prof. Miller</p> <p>Agora, 18:40h do dia 22/04 li o que se passa aqui e quero ter o meu direito de resposta, como todos tem. Em nenhum momento eu afirmei q sou contra a prof. 'G' e o Prof. Henri, e muito menos quero mudar o resultado, me provem que em algum momento q afirmei algo parecido? Como já repeti milhares de vezes, o resultado é legal, e deve ser respeitado. E respeito totalmente o pro. Henri e prof. 'G', e em nenhum momento desrespeitei nenhum dos dois.</p> <p>Agora quero responder a alguns trechos de uma carta que foi direcionada a minha pessoa.</p> <p>"É uma pena 'E', você que mostrou ser vorazmente trabalhador no decorrer do evento "Trocando as Letras UFPa" se utilize agora do mesmo endereço eletrônico para veicular pontos-de-vista seus e de interesse da chapa em que vc, com todo direito, votou e apoiou."</p> <p>Resposta ao trecho da carta: Me prove que os pontos de vistas aqui são MEUS, e com intuito de favorecer a chapa que eu apoiei. Pergunto: Alguém me viu c alguma camisa de alguma chapa? Alguém me viu fazendo boca de urna? Alguém me viu colando cartaz de alguma chapa? Então afirmar que estou tentando mudar algum resultado, com o objetivo de favorecer alguma chapa, que ainda por cima eu apoiei, é no mínimo desconhecer o que escrevi aqui em vários momentos, assim como minhas atitudes durante todo o processo eleitoral. O movimento não é MEU, passe nas salas de aula e pergunte aos alunos o que eles acham do REGIMENTO ELEITORAL, a discussão é sobre o REGIMENTO ELEITORAL, pelo menos a dos discentes, que o CAL REPRESENTA, portanto o que motiva a discussão aqui é o REGIMENTO ELEITORAL, e não a chapa vencedora, que tem o direito e deve ser a nova diretoria do CLA nos próximos 4 anos.</p>
<p>E</p>	<p style="text-align: right;">22/04/2006 14:55 (53)</p> <p>Continuação</p> <p>“você está querendo dar destaque à votação da chapa na qual você votou”</p> <p>Resposta a outro trecho da carta: Por acaso alguém viu o meu voto? Não disse a ninguém, como podem afirmar que estou querendo “dar destaque à votação da chapa que apoiei”. Mas outro lastimável erro sobre minha posição. Sempre fui neutro nas eleições, nunca mudei o meu comportamento com nenhum professor, de todas as chapas, e isso não mudará, a discussão, mais uma vez, é sobre o regimento eleitoral que os ALUNOS de Letras estão descontentes, e querem que seja revisto para futuras eleições, e não para a que ocorreu no dia 18/04.</p> <p>“E olhe que o processo ainda não se concluiu, pois não me consta neste momento que o Conselho de Centro tenha sido convocado para referendar e enviar o resultado para que o Reitor nomeie o Prof Henri.”</p> <p>Resposta a outro trecho da carta: Tenho certeza que o conselho de centro vai manter a decisão das eleições p o CLA, e estaremos na reunião com o intuito de reconhecer a vitória da chapa do prof. Henri e a prof. 'G', assim como todos devem reconhecer, afinal foi uma vitória legal e deve ser mantida, e eu, assim como os membros do CAL são contra ao não reconhecimento do resultado das eleições, assim como a maioria dos alunos de Letras. Os alunos de Letras não querem a anulação do resultado, eles estão se manifestando sobre o regimento eleitoral que precisa ser discutido p as FUTURAS ELEIÇÕES, e não para a que passou.</p>

<p>E</p>	<p style="text-align: right;">22/04/2006 14:56 (54)</p> <p>Término de minha resposta, de forma respeitosa.</p> <p>As questões estão passando p o nível pessoal, e eu, com todo o respeito que tenho por todas as categorias, não me portarei de forma emocional contra qualquer professor, aluno e técnico, muito menos afirmar algo que não possa comprovar. MAIS UMA VEZ: O CAL NÃO APOIOU NENHUMA CHAPA, SOMENTE UM MEMBRO DO CAL APOIOU DECLARADAMENTE UMA CHAPA, O ALUNO 'B', O ALUNO, é um direito dele, o CAL, em reunião, decidiu que não apoiaria nenhuma chapa. Minhas palavras e pensamentos não estão sendo feitas com “fragilidade” (alusão a um trecho da carta), muito menos sendo feitas por “aqueles” (alusão a um trecho da carta). Sou membro do CAL, e estamos defendendo uma posição da maioria dos alunos em relação ao REGIME ELEITORAL P FUTURAS ELEIÇÕES. Sou um homem de 23 anos que tem a honra de representar os discentes de Letras, e em nenhum momento mostrarei “fragilidade” (novamente em alusão a um trecho retirado da carta) para assumir a posição da MAIORIA dos discentes, caso contrário o que estaria fazendo como diretor e representante do CAL. Repetirei mais uma vez: Eu não apoiei nenhuma CHAPA e o CAL tb não, minha intenção, assim como a do CAL que conta com o apoio da MAIORIA dos alunos é discutir o regime eleitoral para futuras eleições</p> <p>Até o presente momento me comportei de forma respeitosa com todas as categorias, e nunca acusei ninguém de nada, portanto não deixarei ninguém, Docentes, Discentes e Técnicos Administrativos, se portarem de forma desrespeitosa e com acusações que nada condizem com a postura da minha pessoa, e sempre responderei de forma respeitosa.</p> <p>Em resposta a carta do prof. Miller que se referiu a minha pessoa Ass: 'E'.</p>
<p>H</p>	<p style="text-align: right;">22/04/2006 16:32 (55)</p> <p>Algumas palavras.</p> <p>Tenho assistido esta discussão há algum tempo e acho necessário por aqui algumas palavras. Tenho observado que algumas respostas comprometem a categoria dos técnicos, no entanto, acredito que nossa indignação não se orienta desta forma. Nossa indignação é expressamente dirigida ao desrespeito a UNIVERSALIDADE dos votos das categorias, em nenhum momento deve-se enxovalhar direta ou indiretamente qualquer categoria por sua escolha, os técnicos da UFPA merecem todo nosso respeito aceitamos sua posição, mas vivendo numa democracia e convivendo numa comunidade acadêmica que se quer democrática não podemos aceitar passivamente que uma totalidade anule outras duas (alunos e professores). Nossa indignação é com o mecanismo de apuração aprovado e legalizado pelo Regimento Eleitoral, no entanto, o fato de ser legal não impede de nos manifestarmos contra este mecanismo.</p> <p>E tenho dito.</p>
<p>G</p>	<p style="text-align: right;">22/04/2006 16:45 (56)</p> <p>Esclarecimento Gostaria de esclarecer ao 'A' que o texto Miller é "só" do Miller. Não tem uma vírgula minha. Apenas o divulguei aqui a pedido dele.</p>
<p>B</p>	<p style="text-align: right;">23/04/2006 03:38 (57)</p> <p>'A' e 'H'</p> <p>Conforme o prometido não vou revidar, se vc acha que são partículas adversativas, pronto, é a sua opinião. Insisto que essa discussão está improdutiva, O "algumas pessoas" pod ter sido a moderação - não estou dizendo que é, so tou levantando uma hipótese.</p> <p>'H', falou tudo... soube discernir internamente um golpe, um descontentamento, uma injustiça e toda uma mobilização.</p> <p>Concordo contigo, 'H', pois bem lembrou a prof. 'G', a fórmula já estava aí a muito tempo e não podemos so lembrar dela em época d eleição, sob pena de repetir este episódio.</p> <p>Por isso eu digo: toda ação estudantil contra a reprodução dessa fórmula é válida.</p>

<p>D</p>	<p style="text-align: right;">23/04/2006 04:19 (58)</p> <p>(Sem título)</p> <p>E creio ki eh essa a manifestacao aki levantada!!!! Pelo menos eh a bandeira ki levanto: Vamos trabalhar para que essa formula nao mais se repita, e quem tiver o poder de modifica-la que escute os alunos e suas propostas e avalie!!!!</p>
<p>E</p>	<p style="text-align: right;">23/04/2006 09:29 (59)</p> <p>Concordo 'D'</p> <p>'D' tenha certeza que essa é a bandeira que o CAL levanta, que a fórmula para futuras eleições seja discutida, sempre foi essa nossa bandeira, uma bandeira que tem o apoio da maioria discente, e que deve ser manifestada, sempre com respeito e afirmando que o resultado das eleições do dia 18/04 tiveram como vencedor a CHAPA NOVOS RUMOS, e isso é fato consumado. O CAL reconhece a vitória da chapa NOVOS RUMOS e parabeniza tb,tenho certeza que a chapa irá trabalhar nos próximos 4 anos para a melhoria de todas as categorias.</p>
<p>I</p>	<p style="text-align: right;">23/04/2006 14:09 (60)</p> <p>Foram poucas as vezes que me manifestei dentro desta comunidade. Aceito o debate feito em torno das eleições para o CLA, que só agora(?) tomou as devidas proporções – alunos (e professores) discutindo essa questão.</p> <p>Engraçado que, na maioria das eleições institucionais nas quais os discentes “têm voz”, o nosso voto sempre teve peso inferior aos demais, inclusive para eleição do reitor. Mas por que exatamente neste momento é que os alunos de <i>Letras</i> resolvem se “unir em uma só voz”? Por que só agora querer reivindicar esse direito? Isso era pra ter sido feito antes, e não por estarem se sentindo “injustiçados” e “indignados” com o resultado do último pleito!</p> <p>Não se mudam as “regras do jogo” depois do resultado. Se havia problemas com relação à contagem de votos e seus respectivos pesos, deveriam ter sido corrigido anteriormente, ou melhor, para ser mais justo, com um ano de antecedência, pois as regras mudadas no ano de uma eleição só são válidas para a eleição seguinte, nunca para a do mesmo ano.</p> <p>Concordo que o debate é importante, mas agora já não cabe, pois a eleição já ocorreu. Cabe quando forem chamados os participantes diretamente envolvidos no processo para que sejam discutidos novos pontos, novas questões, para eleições futuras. Aí sim todos estaremos praticando a democracia!</p> <p>Um recado aos colegas da comunidade: meçam as palavras de vocês antes de escreverem!</p> <p>Outro recado: quem se sente “indignado”, que se sinta no sentido literal da palavra! Que se revolte e lute pelos seus direitos, mas mantendo a compostura digna de um acadêmico de Letras! De preferência sem jogo baixo e sem ofensas (não estou querendo dizer que alguém fez isso aqui, e estou explicando meu enunciado, uma vez que as coisas estão sendo lidas e refletidas de maneira ambígua), coisas típicas que estamos acostumados a ver na política brasileira, nos nossos televisores diariamente e nós, como eleitores, não fazemos nada!</p> <p>E aos que deletaram suas mensagens aqui, só resta lamentar...</p>
<p>G</p>	<p style="text-align: right;">23/04/2006 15:52 (61)</p> <p>'G': MEU POSICIONAMENTO</p> <p>Queridos, querem saber? Acho, agora já mais refeita, que os questionamentos aqui colocados foram (são) muito interessantes. Daria um bom corpus para pesquisa em <i>Linguística Aplicada</i>. Obrigada, 'F', por sua delicadeza em ter me pedido perdão. Obrigada, 'A', por ter dito que "talvez" tenha sido meu aluno (não sei se entendi!). Gosto de sua lucidez e de sua atitude de participar de discussões construtivas. Obrigada, Rodrigo B, por acreditar no novo, por acreditar naquilo para que todos viram a cara. Obrigada pela força! Entendo o que estão passando. Estão tristes (indignados) pelas profas. Clara e Antonina não terem sido eleitas... Eram, como vcs dizem, as candidatas da maioria dos docentes e discentes. Mas não pensem que elas não vão trabalhar por vocês (a não ser que não queiram). São duas mulheres, duas pessoas fantásticas, que continuarão a luta do nosso lado (tenho certeza, uma vez que só ambicionamos fazer o CLA crescer, atualizar-se, melhorar para muito mais...) Ainda nem tomamos posse, mas, um dia, um dia... vocês poderão ver se a voz dos alunos é ou não ouvida.</p> <p>Mas isso é uma conversa pessoal, à parte. O foco, aqui, me parece ser o processo eleitoral, a tal fórmula... Vamos discuti-la, ela e outras que ainda virão, e chegar a conclusões antes de haver a eleição. E que assim</p>

	<p>seja com todo processo realizado nessa universidade. Vem uma reforma universitária por aí. Quem sabe algo sobre ela? Sabem muito ou quase nada? Vão gritar depois? O momento é agora. Que tudo que aconteceu seja um bom passo para trabalharmos a politização dos alunos (e professores) dentro e fora de nossas salas de aula. Um abraço aos meus quicá companheiros de trabalho. 'G'</p>
E	<p style="text-align: right;">23/04/2006 17:15 (62)</p> <p>(Sem título)</p> <p>As regras do jogo podem sim ser mudadas 'I', e para futuras eleições como vc bem falou, e não para esta que tem a chapa NOVOS RUMOS como a vencedora do pleito. Não sei porque as pessoas confundem o que os alunos estão falando, ninguém quer mudar o resultado das eleições, e assim já até me acusaram com carta. A questão tb não é de estar tristes pela derrota dos professores de outras chapas, a questão é que os alunos, nos processos eleitorais da universidade sempre possuem peso menor nas urnas, é isso que tem que ser mudado, e isso incomoda a comunidade discente. Concordo tb quando a 'I' diz que devemos agir sem ofensas, as coisas não funcionam assim, temos que ter cuidado ao falar as coisas aqui, a Prof. 'G' se sentiu ofendida c as palavras de alguns alunos, e com razão, temos que ser claros em nossas palavras, e nunca insinuar nada de ofensivo a ninguém. No momento, assim como a Prof. 'G' e outras pessoas, me sinto extremamente ofendido aqui, mas nem por isso ofendi tb a alguém, acho q quando somos ofendidos temos que responder c serenidade, c racionalidade, caso contrário se perde o respeito como aquele que o ofendeu. Sempre serei contra as ofensas aqui contra qualquer pessoa, somos todos inteligentes o suficiente para resolver as diferenças com respeito.</p>
E	<p style="text-align: right;">23/04/2006 17:17 (63)</p> <p>Concordo c a prof. 'G'</p> <p>Vejo esse momento como o que a prof. 'G' escreveu a pouco, um momento de politização dos alunos, estou me formando e desde 2001 não vejo os discentes de Letras tão envolvidos c o processo eleitoral, os discentes não estão indignados c a vitória da chapa Novos Rumos, nem indignados c a derrota da chapa Novos Ares e Interfaces. Acho que essa discussão veio a tona porque cada aluno acreditava em algo que podia tentar mudar por meio do voto, e isso foi cultivado pelas propostas das 3 chapas, e quando o aluno se depara c um REGIMENTO ELEITORAL que consegue anular duas categorias ele se sente impotente, fraco, todos falam assim pelos corredores: "Para que nós votamos então!". E se assim continuar os alunos deixarão de votar, como já acontece, e o debate deve sim acontecer agora, quando voltar o semestre, quando mudar a gestão do CAL, durante a gestão do Prof. Henri e a Prof. 'G', depois da gestão Novos Rumos, na troca dos chefes de departamento etc. A discussão deve acontecer eternamente...</p>
A	<p style="text-align: right;">23/04/2006 20:58 (64)</p> <p>(Sem título)</p> <p>Parece que chegamos mais ou menos a um consenso, fora alguns que ainda não pegaram o espírito da coisa. Prof. 'G', quando eu digo que talvez a senhora tenha sido minha professora era apenas uma brincadeira ao seu esquecimento se eu fora de fato seu aluno e pelo tempo rápido que estivemos juntos. Quando incluo a senhora no texto do prof. Miller , não é como autora é como divulgadora (que também tem um papel de responsabilidade), mas agora q a senhora esclareceu seu posicionamento, peço sinceras desculpas, tudo bem? 'A' gostei da sua resposta, era o que eu esperava. 'B', foi mal meu caro, sou obrigado a abandonar o prélio, mas valeu, gostei da teima. Não devemos esgotar essa discussão aqui, que bom que os alunos perceberam isso agora, sempre é um bom momento para as coisas serem revistas, viu 'I'. No mais, estamos aí.</p>
I	<p style="text-align: right;">24/04/2006 06:59 (65)</p> <p>Realmente, 'A'... ...é sempre bom rever os pontos e as questões, mas os alunos, principalmente os veteranos (alguns), sempre souberam desse peso, e nunca contestaram... O que me questiono é: por que o momento de discussão é este??? Poderia ter sido antes, não é mesmo??? Poderíamos debater ano que vem, não é mesmo??? Poderiam ter modificado o peso dos votos 10 anos antes, não é mesmo??? O que eu contesto não é o debate em si, mas o momento em que ele está acontecendo.</p>

	<p>Como disse anteriormente, cabe toda essa discussão quando forem chamados os participantes diretamente envolvidos no processo para que sejam discutidos novos pontos, novas questões, para eleições futuras. E mesmo quando o alunado é chamado para o debate, somente uns poucos aparecem, aí depois tem gente que não "deu as caras" na reunião querendo contestar sem razão.</p>
I	<p style="text-align: right;">24/04/2006 07:05 (66)</p> <p>(Sem título)</p> <p>Quero deixar claro que vim aqui expressar minha opinião. Por hora retiro-me do debate.</p>
J	<p style="text-align: right;">24/04/2006 13:43 (67)</p> <p>Bem...</p> <p>...é de suma importância a indignação dos acadêmicos de Letras, não em relação ao resultado das eleições em si, mas à forma como este se deu. Para as três chapas estava bem claro como seria a forma de disputa, bem como para a comissão eleitoral(da qual inclusive alguns estudantes faziam parte). Só os estudantes não foram esclarecidos do processo. A eleição paritária, como foi a do CLA, é uma pseudo-igualdade, já que as 3 categorias (professores, acadêmicos e técnicos) possuem o mesmo peso (33,33%), no entanto somos mais de 1000, enquanto as duas outras categorias juntas possuem + ou - 200 pessoas. Na eleição para reitor o voto de um docente vale 16 votos de um acadêmico, ou seja, esta igualdade desigual não ocorre apenas no âmbito do CLA, mas na UFPA como um todo.</p> <p>A reivindicação pelo voto universal em toda UFPA é antiga, portanto a indignação dos alunos do CLA deve-se somar à indignação de todos estudantes da UFPA que não concordam com o que está posto. A mudança não é simples, o estatuto da UFPA prevê esta forma de eleição e a sugere para todos os Centros, mas devemos continuar a discussão e levá-la a instância superior desta instituição em seu Conselho Universitário (CONSUN) para que seja posta em pauta e posteriormente em votação. Deixo bem claro que eleição foi lícita, as três categorias têm sua importância e nada fugiu ao regimento eleitoral, mas este deve ser discutido com nós estudantes, os quais normalmente são os últimos a saber. Nesse ponto houve falha das pessoas que gerenciaram o processo, entre elas as chapas e a comissão eleitoral da qual alguns membros do CAL faziam parte,mas não expuseram a forma de disputa bem como a importância do pleito aos estudantes. Bem, sem mais externo aqui minha satisfação pelo fato de os estudantes de Letras (refiro-me aos que não são oportunistas)estarem dando um grande passo rumo à verdadeira igualdade nesta Universidade.</p> <p>Um abraço a todos. 'J' Diretor de Cultura do DCE (gestão 2006-2007)</p>
K	<p style="text-align: right;">24/04/2006 13:50 (68)</p> <p>ABRE ASPAS...</p> <p>"O movimento não é MEU, passe nas salas de aula e pergunte aos alunos o que eles acham do REGIMENTO ELEITORAL" ('E' - dir. CAL)</p> <p>Caros companheiros,</p> <p>Para além das discussões de conveniência pós-eleitoral (CLA) e pré-eleitoral (CAL), gostaria de convidá-los a uma análise mais abrangente do que aqui se questiona.</p> <p>Primeiramente, informar aos colegas que a discussão que aqui se levanta (sobre a "Fórmula" das eleições), se localiza num marco muito maior dos anseios pela democratização da Universidade.</p> <p>Digo isto pq temos três "fórmulas" (formas) de se conduzir processos eleitorais, historicamente construídos nas lutas internas da Universidade: uma embasada na lei dos 70%-o voto dos docentes valem 70% na apuração;a fórmula da paridade - o voto de cada categoria vale 33,3% na apuração e o voto Universal, que considera cada voto (independente da categoria) com peso 1 - também chamado voto direto.</p> <p>Antes de fazermos qualquer agitação e mesmo para que possamos munir todos os que vão participar deste debate, que ora se lança, de elementos para uma compreensão do processo, é importante apresentarmos alguns esclarecimentos.</p>

	<p>A lei dos 70% é a lei que rege todas as instâncias deliberativas da Universidade, inclusive as eleições para reitor, diretores de Centro, tais como os fóruns (Conselho Universitário, Conselho de Centro).</p> <p>A fórmula do voto paritário (utilizado como ferramenta na eleição do CLA), busca dar o mesmo peso para as categorias (docente, discente e técnico-administrativo).</p> <p>As duas fórmulas acima se fundamentam pelo princípio do corporativismo. O principal argumento circulante, em defesa da lei dos 70% é o de que os professores vivem a Universidade, ao passo que o aluno é passageiro. E, em relação a eleição paritária seria o argumento de que com o voto universal, as eleições refletiriam apenas a vontade dos estudantes.</p> <p>Bem, feitas essas considerações, vou apresentar meu ponto de vista...</p>
F	<p style="text-align: right;">24/04/2006 20:33 (69)</p> <p>'J',</p> <p>Aqui nesse tópico tem mensagem de algum oportunista? Caso tenha, que tipo de oportunismo estaria em questão?</p> <p>Por favor esclareça...</p> <p>*** ** *</p> <p>Abraço, 'F'</p>
K	<p style="text-align: right;">25/04/2006 12:49 (70)</p> <p>Bem, seguindo...</p> <p>As primeiras duas fórmulas que apresentei (lei dos 70% e paridade) privilegiam uma caracterização de que as categorias votam "em bloco" em um só candidato. Por isso, as pessoas que as defendem (em geral técnicos e professores), afirmam que é necessário assegurar um peso entre as categorias.</p> <p>Durante anos, a lei dos 70% foi duramente combatida pelo movimento estudantil e, não muito distante, mesmo nas últimas eleições para reitor, o candidato a reeleição - e nosso atual reitor, Alex Fiúza de Melo - tentou assegurar esse método para ser vigente naquele processo. No CLA, a paridade (que pro histórico retrógrado de nosso curso, já é um avanço) só foi conseguida após muita pressão de gerações outras de estudantes e de alguns professores que passaram por nosso Centro.</p> <p>Cabe, no entanto, aqui, dizermos que sonhamos, ao contrário do que ainda se vê e se defende na Universidade, com o dia em que as três categorias que fazem funcionar (?) este Centro de Letras e Artes não o fazem com peso maior ou menor uma em relação a outra. É preciso acabar com essa história de que "estudante passa e professores ficam". Por que o que nos faz parte dessa Universidade, o que nos torna responsáveis por essa Universidade (que tanto reivindicamos) não é o tempo que passamos aqui dentro, mas o que fazemos e as várias formas como intervimos para sustentar o nome dessa Universidade. Técnicos, Professores e Estudantes constroem essa Universidade dia-após-dia cumprindo os seus papéis aqui dentro. O setor administrativo não funciona sem os técnicos. Como o espaço da sala de aula não funciona sem professores, também não funciona sem os alunos. Cada pessoa que se procura anular, num processo de coisificação dos indivíduos, quando se fala da categoria estudantil, ou outra qualquer, tem uma percepção particular do espaço em que atua dentro dessa Universidade. Partindo desse ponto de vista, é inadmissível dizer que o voto de (hipoteticamente) 40 professores tem o mesmo peso que o voto de 500 estudantes.</p>

<p>K</p>	<p style="text-align: right;">25/04/2006 13:12 (71)</p> <p>(Sem título)</p> <p>E é isso que as fórmulas corporativistas vem defender. Por isso, aos demais colegas que iniciaram este debate, eu gostaria de dizer que para além da perspectiva de "democracia" que se espelha na fórmula da paridade a alternativa que se propõe, quando vislumbramos a essência do conceito de democracia, é defender a cabo o peso igualitário nos processos eleitorais, o que significa dizer, VOTO UNIVERSAL. O resultado das urnas dos estudantes já mostrou claramente que o "voto bloqueado da categoria" é engodo, não passa de desculpa pra perpetuar a relação de "pesos" que faz com que os estudantes não participem de fato dos fóruns e espaços de decisão da Universidade.</p> <p>Agora, pra finalizar, apenas uma colação pra reflexão. O CAL, teve cadeira nas discussões com a comissão eleitoral sobre este regimento, inclusive com antecedência. Mas, o mesmo CAL, que agora vem dizer que representa os estudantes, quando tomou ciência da proposta da paridade não chamou uma assembléia estudantil para que os estudantes de conjunto pudessem estudar e discutir a proposta. O CENTRO ACADÊMICO DE LETRAS há pelo menos 8 anos, em todos os processos eleitorais, inclusive nas eleições para reitor, DEFENDEU O VOTO UNIVERSAL E A PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES NA DISCUSSÃO DOS PROGRAMAS DAS CHAPAS. Mas agora, o mesmo CAL que não consultou a sua base antes de aprovar o regimento eleitoral, agora vem questionar a fórmula com a qual concordou em reunião com a comissão eleitoral.</p> <p>Então, eu gostaria que o CAL se manifestasse enquanto diretoria e não que fiquem se acusando como indivíduos diante dos estudantes.</p> <p>No mais, reforço o que já foi dito nesta lista. A chapa vencedora está respaldada pelas regras pré-definidas entre as 3 chapas, a Comissão Eleitoral e as Entidades Estudantis, que ou foram para as discussões ou se ausentaram levando consigo a sua base.</p> <p>Que possamos reorganizar o Movimento Estudantil para que não fiquemos sabendo das nossas fragilidades após termos sido atingidos.</p>
<p>F</p>	<p style="text-align: right;">25/04/2006 15:20 (72)</p> <p>'K', texto bem didático e claro</p> <p>Boa argumentação, e com uma dose didática que nos ajuda a esclarecer esse modelo...</p>
<p>L</p>	<p style="text-align: right;">26/04/2006 04:05 (73)</p> <p>não tem nada a ver...</p> <p>entrei pra perguntar se alguém conhece ou conheceu a Lu. Marlúcia CRUZ? minha amiga que estudou português-francês aí nessa faculdade em idos de 1996, ela foi aluna de Lília Sivestre, poeta. alguém a conhece, sabe de seu paradeiro? se souberem avisem pra ela que eu estou com saudades e deem o meu email que está no meu perfil... PORFAVOR!!!! valeu gente e desculpem a invasão. saudações!</p>
<p>J</p>	<p style="text-align: right;">26/04/2006 07:37 (74)</p> <p>'F'</p> <p>Chamo de oportunistas as pessoas que sabem como se dá o processo eleitoral, mas agora vêm a público demonstrar todo o asco em relação a este processo que estas pessoas mesmo respaldaram. Isto é ou não é oportunismo?</p> <p>Um abraço.</p>
<p>F</p>	<p style="text-align: right;">26/04/2006 14:25 (75)</p> <p>Ah tá...</p> <p>Valeu pelo esclarecimento.</p> <p>***</p> <p>**</p> <p>*</p> <p>ABraço,</p> <p>'F'</p>